

ANTOLOGIA DE FAMOSOS DISCURSOS BRASILEIROS

1.^a SÉRIE

SELEÇÃO PELO

Proj. Carlos Aurélio Mota de Souza

E ainda, nesta obra:

CONSELHOS ÚTEIS AO LEITOR

DE

Mário Ferreira dos Santos

LIVRARIA E EDITORA LOGOS LTDA.

Rua 15 de Novembro, 137 — 8.º andar — Tel.: 35-6080

SÃO PAULO

I N D I C E

Conselhos úteis ao leitor	
Mário Ferreira dos Santos	9
<i>Manfredo Leite</i>	
O Destino e o Ideal	21
Elogio Fúnebre	34
<i>Frei Francisco de Monte Alverne</i>	
Improviso	41
Segundo Panegírico	45
<i>Nilo Peçanha</i>	
Discurso	57
Discurso	65
<i>D. Romualdo Antônio de Seixas</i>	
Discurso	68
Discurso	75
<i>Ramiz Galvão</i>	
Discurso	82
<i>Tobias Barreto de Menezes</i>	
Idéia do Direito	88
Projeto de um Partenogógico	97
<i>João Neves da Fontoura</i>	
Discurso	101
Discurso	107
<i>Octávio Mangabeira</i>	
Discurso	110

<i>Epitácio Pessoa</i>	
Discurso	113
Discurso	114
Discurso	116
<i>Alfredo Pujol</i>	
Discurso	120
<i>Armando de Salles Oliveira</i>	
Saudação	124
<i>Aloysio de Castro</i>	
Saudação	133
Discurso	137
<i>Jânio Quadros</i>	
Alocução à Bandeira	140
<i>Alcântara Machado</i>	
Um Homem de Outrora	142
Discurso	146
<i>Brasílio Machado</i>	
Onze de Agosto	151
Centenário de Camões	155
Carlos Gomes	162
<i>Campos Sales</i>	
Falecimento do Marechal Deodoro	165
<i>Coelho Netto</i>	
Discurso	168
<i>Rui Barbosa</i>	
Visita à Terra Natal	177
<i>Sílvio Romero</i>	
Discurso	196
Biografias	202

CONSELHOS ÚTEIS AO LEITOR

POR

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

Em nossas obras de oratória, temos nos empenhado em oferecer aos estudiosos dessa nobre arte, os meios mais hábeis e fáceis para adquirir o pleno uso da palavra fluente e da boa construção do discurso, evitando prolongarmo-nos sôbre as regras clássicas, pouco consentâneas ao discurso moderno, e ademais, nos afastamos da especiosidade de certos conselhos, que mais têm servido para dificultar o estudo do que para facilitá-lo.

Para a máxima simplificação, e para alcançar o melhor proveito, por parte do leitor, do exame que irá fazer dos discursos que ora apresentamos nesta obra, que foram tão inteligentemente escolhidos pelo prof. Carlos Aurélio Mota de Souza, vamos estabelecer algumas análises e conselhos ao estudioso, certamente benéficos para a tarefa que empreende.

A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO

O ponto primacial é o aspecto construtivo de um discurso. É êle que vai revelar a sua coerência, a sua coesão e, finalmente, a sua unidade.

Um discurso não é um amontoado de frases, mais ou menos análogas umas às outras, pois deve ter êle uma forma que lhe dê uma unidade específica. Essa forma se revela pela perfeita proporcionalidade intrínseca de suas partes. Constitui êle, assim, uma *unidade*. Mas esta não é uma qualquer, pois as há de vários tipos. Há unidade

de mera agregação, em que as partes diversas constituem certo amontoado de proposições, como verificamos em alguns discursos mal organizados, nos quais as frases sucedem-se umas às outras, guiadas mais pelas associações do espírito, ao sabor das características individuais do orador, e que estruturam uma totalidade sem maior harmonia.

Há ainda a unidade que surge da distribuição harmônica das partes que formam, afinal, um todo homogêneo; em suma, uma nova forma.

Há tribunos (não oradores propriamente ditos) que são possuidores de bons recursos de voz, de atitudes, de gestos, e dispõem da palavra fluente e da facilidade na construção de tropos. Mas faltam-lhes a capacidade de ordenar o discurso com uma unidade de simplicidade, a de lhe dar uma forma.

Podem dispor de tais qualidades, obter um certo êxito e agradar suficientemente ao auditório, mas o êxito seria maior se construíssem melhor os seus discursos.

Somos de opinião que a primeira providência que deve atingir um estudioso de oratória é a construção harmônica do discurso.

Obtida a unidade da sua peça oratória, pode êle, depois, dedicar-se ao aprimoramento do exórdio, da parte central e, finalmente, da peroração; examinar bem o emprêgo das inflexões de voz, do gesto, das atitudes, do bom cuidado em construir frases cheias de beleza e de fôrça, da criação dos tropos e da sua adequação. Em suma, depois de alcançar a unidade do discurso, pode o orador dedicar-se ao aprimoramento, pois já terá andado meio caminho, e terá erigido a espinha dorsal, que será o fundamento do seu progresso futuro.

Não desejariamos que o leitor, que vai manusear esta obra, a qual lhe será tão útil para o seu progresso, não tenha a auxiliá-lo uma série de conselhos e a indicação de algumas providências úteis ao estudo que vai empreender.

Essa a razão que nos leva a examinar sucintamente tais aspectos, facilitando, assim, que o leitor verifique, nos discursos que lerá, a presença sempre eficaz de tais providências, cujo domínio desejamos oferecer a quem se dedica a tão nobre arte.

DA UNIDADE DO DISCURSO

Uma observação simples da vida infantil nos dá um eloquente exemplo e uma lição de grande proveito. Um menino, que desejava obter do pai um favor, a ele se dirigiu da seguinte forma:

“Papaizinho, o sr. hoje está tão bonitinho. O sr. é tão bonzinho. O senhor me deixa, não é, ir ao cinema, hoje?”

Tenho direito de ir, sim senhor. Já fiz tôdas as minhas lições, e depois é domingo. Não quer que o seu filho se divirta?

Papaizinho, o sr. é tão bonzinho. Não vê que seu filho estuda tôda a semana, cumpre os seus deveres? Não tenho feito tudo quanto me tem mandado? O sr. não gosta do seu filho? Que pai é o sr.? Não me quer bem? Não quer?”

As palavras da criança nos dão a perceber que houve uma certa relutância por parte do pai. Mas êste, afinal, abraçou o filho, e deu-lhe o que pedia. Estava vivamente comovido.

Ora, êsse discurso, que a criança pronunciara, foi uma peça de plena unidade e obedecia à mais perfeita técnica. Era uma lição infantil a nós, adultos. Era a vida que falava por aquela criança, com essa sabedoria profunda e misteriosa que as coisas da vida nos revelam, e que tantas lições dá ao ser humano.

Aquela criança organizara um discurso perfeito. Dividira-o em três partes, nas três partes fundamentais. Na primeira, que corresponde ao exórdio, procurara agradar ao pai. Na segunda, expusera o que pretendia, e empregou três argumentos e numa ordem espontânea, mas que corresponde à melhor distribuição dialética dos argumentos, e, finalmente, na peroração, tocou na afetividade, aproveitando-se dos argumentos e do exórdio, para impressionar profundamente o pai, obtendo o que desejava.

O EXÓRDIO

Pois aproveitemos essa grande lição que a sabedoria da vida expressou através daquela criança.

O exórdio é o nome que se dá à abertura do discurso. É a parte que coloca o orador imediatamente em contacto com o auditório.

Parte importante e muitas vezes decisiva, porque, da adaptação entre orador e auditório, o destino do discurso pode estar definitivamente traçado.

As primeiras palavras provocam naturalmente uma certa atenção. Há uma expectativa geral. E devem elas versar, naturalmente, sobre o tema fundamental do discurso, mas tratando-o, de início, esteticamente, com a máxima beleza, empregando-se frases bem construídas e que provoquem agradabilidade por parte do auditório e, sobretudo, a sua pronta simpatia e adesão. Observem-se os exórdios dos diversos discursos. Todos eles obedecem a essa regra máxima, porque só excepcionalmente pode o orador provocar uma repulsa do auditório ou desafiá-lo. Essa regra é: provocar a atenção, a concordância do auditório e a simpatia, usando frases de grande beleza estética, que sejam a suma do tema do discurso, mas expostas naquele sentido genérico, capazes de provocar a plena adesão.

Construído o exórdio, dentro dessas regras, estabelece-se desde logo uma ligação simpatética entre o orador e o auditório. Em alguma coisa deve o orador comungar com este. Se se trata de discurso político, e o orador pertence a uma facção adversa à maioria dos presentes, e cuida, no exórdio, de tratar de aspectos gerais, aceitos por todos, obterá não só a atenção dos ouvintes, mas certa simpatia, que lhe será benéfica depois.

Exemplifiquemos:

“Nada mais nobre nos homens públicos do que ter os olhos sinceramente voltados para o bem comum e o melhor dos seus esforços dirigidos para a concretização dos ideais coletivos”.

Tal frase é vivida por todos os presentes. Ela coloca os ouvintes em consonância com o orador, e permite que entre ambos se estabeleça um laço de comunhão que lhe será benéfico.

O exórdio deve tratar do que possa unir, conexionar o orador com o auditório. Deve ser agradável, provocador da atenção e, tanto quanto possível, da simpatia, promovendo a adesão dos ouvintes.

Outras regras do exórdio, que se referem mais a aspectos qualitativos, já foram examinadas em nossos livros de oratória (1).

O CORPO DO DISCURSO

O corpo do discurso, a sua parte central, é aquela que se dirige à intelectualidade, e, sobretudo, à razão. É a parte em que se esboça a tese, em que se oferecem as razões em favor do que pretende o orador. A parte central do discurso começa precisamente quando o orador dá a perceber ao auditório o que ele pretende. Passa, então, a argumentar, a provar, justificar a sua posição. Reúne as provas, os argumentos principais. Tais argumentos podem ser muitos, mas bastam três, se forem eles dispostos com grande habilidade. Não há necessidade de outros mais, pois estes, salvo em orações no júri, etc., não obtêm melhor efeito do que a boa disposição de três argumentos inteligentemente distribuídos.

A regra da persuasão, que já examinamos em nossos livros, reduz-se à colocação dos argumentos. O argumento medianamente persuasivo deve vir em primeiro lugar. O menos persuasivo em segundo, e o mais poderoso, por último. Se vamos falar em público e temos uma tese a defender, vejamos mentalmente quais os melhores argumentos de que dispomos para persuadir os ouvintes: imediatamente os comparamos e distribuímos na ordem acima citada. O argumento médio coloca já o auditório numa posição simpática a aceitar a opinião do orador. O mais fraco, vindo em segundo lugar, dá mais força ao primeiro argumento e com o poder deste, não perde a sua. O mais forte, que é decisivo, termina por levar o auditório a tomar a atitude desejada pelo orador.

Se o orador dispuser de maior número de argumentos, pode reuni-los num só, para fortalecê-lo mais.

Não convém dispensar o argumento que tenha certa força. Se não pode ser exposto isoladamente, reúna-se a outro para corroborá-lo. A preocupação maior do orador, neste ponto, é ter uma noção da psi-

(1) Chamamos a especial atenção para o nosso "Práticas de Oratória", lançado pela Livraria e Editôra LOGOS Ltda.

cologia do auditório, pois há argumentos que são decisivos em certos ambientes e podem ser levemente convincentes em outros.

No exemplo da criança, que oferecemos, esta argumentou reunindo um conjunto de argumentos racionais e numa ordem inteligente e bem persuasiva. Havia já cumprido todos os seus deveres (argumento forte). Depois era domingo (argumento médio, mas ótimo) e, finalmente, a necessidade do divertimento, que é saudável e justo (argumento decisivo). O desfecho seria obtido afinal, na

PERORAÇÃO

Aqui, a criança reuniu os argumentos e, hábilmente, tocou no aspecto afetivo, no coração do ouvinte, obtendo a plena adesão, persuadindo-o a fazer o que desejava.

Pois é esta a grande regra da peroração. Aqui, reúnem-se as mais belas frases, as mais afetivamente construídas, aquelas que melhor tocam ao coração. Depois de havermos sensibilizado pela beleza no exórdio, de termos convencido racionalmente no corpo do discurso, persuadimos, afinal, tocando na afetividade, na peroração. É aqui que o tom de voz muda. Se no exórdio é ele um tanto solene e grave; se no corpo do discurso é claro, enérgico e concludente, mas normal, na peroração, é ele sentimental, afetivo, vindo do peito, cheio de uma gravidade harmônica, admitindo certos melismos na voz, que devem ser cuidadosamente controlados, certas modulações, que serão proporcionadas ao tema e aos recursos tribunícios do orador.

A UNIDADE CONQUISTADA

Obedecidas estas regras, a unidade do discurso está conquistada. E é esta uma unidade de simplicidade, porque é uma unidade obtida pela harmonização das partes do discurso. Cada parte está entrosada às outras. O exórdio era a preparação do tema, era o meio de colocar simpateticamente o auditório em face do que se queria dizer. A tese foi apresentada no corpo do discurso, e a argumentação buscou corroborá-la. Finalmente, a peroração tocou na afetividade, apelou para as paixões, para que a persuasão fôsse completa. O discurso é agora uma peça só. É uma unidade, é um todo harmônico, algo inesque-

cível, algo que continuará ressoando dentro de cada um, um conjunto hãbilmente construído, que há de produzir seus frutos.

Conquistado êste ponto, está o estudioso habilitado a realizar a parte do aprimoramento. Vamos dar a seguir as regras fundamentais, reportando-nos naturalmente aos trabalhos onde examinamos com mais proficiência êsses pontos, mas tratando de tudo quanto possa ser importante para o melhor aproveitamento da leitura dos discursos que compõem êste livro, cujas lições e exemplos devem ser aproveitados.

DO APRIMORAMENTO DO DISCURSO

Em nossas obras de oratória, propusemos os mais úteis e fáceis exercícios, os quais oferecem os melhores caminhos para o estudioso da oratória dominar a boa construção da frase e dar-lhe a beleza que necessita, para o melhor efeito que a oração deve obter.

Entretanto, vamos compendiar, neste pequeno trabalho, algumas das regras principais, cuja obediência só trará benefícios.

O exórdio, por ser a parte que coloca de imediato o orador com o auditório, deve ser construído com frases lapidares. Nos exercícios sintéticos, expostos em nossos livros, mostramos qual o exercício que se impõe para alcançar a construção bela de tais frases.

Observe-se esta abertura de Monte Alverne:

“Já não é dado ignorar a causa dêste ímpeto que arremessou através de mil azares êsses homens, escolhidos para mudar a face da terra”.

Ou esta de Ramiz Galvão:

“Nada no mundo vive e prospera senão à sombra do amor. Correi a série orgânica inteira, e encontrá-lo-eis por tôda a parte e presidiendo aos destinos da vida”.

Temos, aí, o exemplo de frases lapidares para abertura. Em regra geral, tais frases devem corresponder ao sentimento geral dos ouvintes, e aqueles princípios sôbre os quais todos estamos mais ou menos de acôrdo, salvo apenas nos casos em que o orador deve logo de início entrar enêrgicamente no assunto, opondo-se aos contendores.

Como neste exemplo:

“Nenhuma das razões, nenhuma das provas, nenhum dos argumentos apresentados até aqui se fundam na verdade e na justiça. É o que provarei a seguir”.

É uma “tirada” enérgica, que desperta de início a ira dos adversários, mas também o temor, se o orador pronunciá-las com convicção e força. Mas, nestes casos, é preciso que o auditório esteja em parte neutro, que haja nêle os que desejam saber a verdade, para que tal abertura possa ter um papel eficiente. A seguir entra, pròpriamente, no exórdio, na parte mais cheia de sensibilidade que o mesmo deve ter.

E mudando para um tom mais suave e mais afetivo, o orador abriria pròpriamente o seu discurso. Digamos que após tais palavras prosseguisse o orador:

“É horrível, na verdade, o instante em que a alma humana atinge o seu paroxismo e transpõe todos os limites e tôdas as regras, patenteando os abismos que nela se ocultam” (Carlyle).

“Há homens que possuem alma bastante apenas para impedir que se lhes apodreça o corpo” (O. W. Holmes).

“São tais homens que vilipendiam, são tais homens que acusam inocentes, atirando-lhe a lama das mais abjectas infâmias.

E foi o que se viu aqui...”

E prossegue, então, na justificação da posição que tomou, analisando as acusações e desfazendo-as. Quando tenha atingido a plenitude da sua prova, quando o auditório está tendendo para o seu lado, penetra enérgicamente na peroração, aproveitando, para exemplificar, as próprias palavras iniciais, para com elas persuadir definitivamente os ouvintes.

Se demos alguns exemplos de autores diversos, foi apenas para ilustrar os conselhos que oferecemos.

O exercício de construção de frases lapidares é de uma importância fundamental para o orador. E obtém-se bom êxito, seguindo as regras que tantas vêzes temos preconizado.

Elas servem, não só para fortalecer o exórdio, como, sobretudo, para dar mais vida à peroração. Se o estudioso da oratória exercitar-se, cuidadosamente, na construção das figuras de retórica, próprias para o exórdio, para a prova e para mover afetivamente os ouvintes, as quais oferecemos em nossos livros, terá obtido meios suficientes para alcançar o que deseja.

Outro aspecto, para o qual precisamos chamar a atenção do estudioso, é para o balanceamento harmonioso da frase.

É necessário que as partes do discurso tenham certa simetria entre si.

Exemplifiquemos com esta frase:

“Quem não viu sofrer o objeto amado, não sabe o que é amor”. Não tem ela a beleza que exige a oratória como a que oferece quando dita assim: “Quem não viu sofrer o objeto amado não sabe ainda do que é capaz o amor” (Gozzi). Há aqui um balanceamento simétrico e harmônico, que não se verifica no primeiro caso.

Outro exemplo de balanceamento em três partes, duas laterais e uma central:

“Tôda tu és formosa, amiga minha, e em ti não há mácula...” (Bíblia, Cântico dos Cânticos, 3-1). *Amiga minha* forma a parte central, balanceando as laterais.

Não se vai construir um discurso apenas de frases balanceadas, pois se tornaria monótono. Mas a presença delas empresta ao discurso maior beleza e, na peroração, um grande poder sobre a afetividade dos ouvintes. A beleza de uma frase não depende apenas do balanceamento. Este pode faltar e a frase ter uma eloquência extraordinária. Podemos exemplificar com este belo pensamento de Santo Agostinho:

“Ama, e farás o que quiseres”.

É uma frase cheia de eloquência, sem o balanceamento simétrico. Estamos aqui em face da harmonia obtida pelo *khiasma*, harmonia dos opostos analogados num todo, numa unidade, que era a regra suprema da beleza, que ensinava Pitágoras, e que teve um grande papel na arte atênica. Se a simetria, mais egípcia, oferece um encantamento e um equilíbrio harmônicos, os lados opostos harmonizados, formando uma

unidade de simplicidade, oferecem também a sua beleza, o que é característica da beleza escultória grega do período clássico.

Em frases como estas, além do balanceamento, há a beleza dos opostos analogados, formando uma harmonia:

“Lá está o lavrador humilde, rasgando a superfície da terra sob os rigores do sol ou da chuva. Ali, o operário entregue às fadigas do corpo. Aqui, o magistrado que aplica os textos da lei” (João Neves).

O primeiro período não é balanceado. Mas os dois últimos balanceiam-se com simetria. Os dois últimos com o primeiro formam, afinal, uma harmonia.

Exemplos de frases balanceadas:

“Os frutos do amor passam depressa; os frutos da arte são imortais” (Balzac).

“Há outros que têm fome; o artista tem sede eterna” (Geibel).

“Quem tem um verdadeiro amigo, pode afirmar que tem duas almas” (Graf).

Exercite-se o leitor, ao ler os discursos que compõem este livro, no exame das frases balanceadas e das frases harmonizadas por opostos analogados. Veja os exemplos das diversas combinações; examine a feitura das mesmas, o ritmo que a elas foi impresso, e procure dizê-las com a ênfase necessária e adequada, ao mesmo tempo que tente construir outras à semelhança daquelas.

O melhor conselho para a obtenção do bom êxito está nesta prática. Não deve o estudioso procurar construir as frases mentalmente para depois pronunciá-las. Deve iniciar desde logo o discurso e procurar balancear as frases. De início, frases curtas e de fácil balanceamento. Depois irá complexionando o exercício à proporção que sentir que já domina plenamente a construção das frases, passando para as de harmonização de opostos e das diversas combinações possíveis.

Aconselhamos que pratique falando, e procurando balancear durante o processo da construção da frase falada, para predispor o ouvido

a cooperar na sua formação e, sobretudo, para adquirir a espontaneidade. Se primeiramente pensar, e mentalmente construí-la, para depois pronunciá-la, a conquista desse domínio será mais lenta. É preciso praticar imediatamente, embora haja tropeços no início. Terminar-se-á, afinal, por conseguir a palavra bela, a frase bem harmônica e a expressão adequada.

EXERCÍCIOS PARA A CONSTRUÇÃO DA FRASE

Em oratória, deve-se começar pelo princípio, como em tudo. É inútil querer pular os degraus, porque os degraus acabam por vingar-se, propiciando-nos grandes quedas. É conveniente começar pelos exercícios que em "Curso de Oratória e Retórica" aconselhamos com o uso do vocabulário, na parte final. Deve-se construir, de início, frases simples, guiando-se pelas palavras que estão ali insertas e, depois, complexioná-las, à proporção que o domínio seja obtido.

OS GESTOS

No início, deve-se ser o mais sóbrio possível, exercitando-se apenas uma das mãos, a direita, sobretudo. As combinações dos gestos só se deve tentar quando o domínio da mão direita seja completo ou, se acaso sentir-se o estudioso suficientemente capaz, dar à mão esquerda menor papel que à direita. Evitar o excesso de gestos simétricos, salvo quando têm força de expressão. É mais belo quando há uma oposição entre os braços, mas oposição qualitativa e não quantitativa. Assim, se se ergue a mão direita até a altura da cabeça, a esquerda mal se levanta e só acompanhará a primeira se o gesto fôr patético. Em nossos trabalhos de oratória, oferecemos as regras principais sobre o emprêgo dos gestos.

A VOZ

Exercitar as diversas tonalidades de voz, segundo o tema, perfeitamente adequada ao momento, é tarefa imprescindível para o estudioso. E sobretudo evitar a monotonia, exercitando as inflexões e modulações, que emprestam tanta beleza à frase. A voz de bronze e a voz de ouro são as mais difíceis, mas, com o decorrer do tempo e dos exer-

cícios, são elas alcançáveis, desde que o estudioso não se descure de exercitá-las. Naqueles livros damos exemplos e regras úteis.

Os discursos que enfeixam êste livro devem servir de temas para exercício, e o estudioso poderá, nêles, obter grandes lições, sobretudo se analisar os discursos com cuidado, observar a construção das figuras, a sua propriedade, a adequação da sua aplicação ao assunto. Deve ler os discursos em voz alta, como se tivesse que pronunciá-los. Auto-analisar-se, e verificar os defeitos, corrigi-los e repetir a leitura, até ter alcançado o clima do discurso.

São estas, em linhas gerais, as recomendações que oferecemos para a leitura desta obra, que só desejamos seja proveitosa aos que a compulsarem.

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

MANFREDO LEITE

"O Destino e o Ideal" — Discurso aos bacharéis
do Ginásio N. S. do Carmo, em 3-12-1911.

Senhores:

Através do culto pela beleza e pela vida, queriam os gregos antigos envolver num especial carinho e circundar de uma bondade extrema as primícias da Hélade, representadas na sua brilhante mocidade. As mais belas solenidades, que ocorriam durante o ano, eram, sem dúvida, aquelas em que se consagravam os méritos, se elogiava o valor, e se glorificavam as virtudes dos moços. Pelos jardins da Academia, trescalando perfumes, reverdecidos por uma exuberante primavera, debaixo de um céu puríssimo, donde luxuriavam pompas de luz, e para onde subiam olhos extasiados, pelos famosos jardins da Academia, e pelos soberbos pórticos do Liceu, onde a ciência rutilava em todo o brilho, era mister desfilassem os cortejos da aristocracia do talento, das honras e das glórias para a contemplação dos novos, que a vida inflamava, que os entusiasmos alvorotavam, e que as esperanças, num beijo muito quente e muito doce, vinham afagar.

Tangiam as líras os hinos dos seus poetas, na evocação do passado, em que se perdiam os sonhos dos guerreiros e dos argonautas. Sentenciavam os filósofos. Dogmatizavam os sábios. Cantavam os poetas. Pelo solo, alastravam-se giestas, recobertas de flôres, e pelo ambiente, passavam largos sopros de peitos, em delírio de festa. E eles, os novos, ali se apresentavam, fortes e belos, fortes nesses corpos enriquecidos pelos jogos atléticos, belos na irradiação das almas por sobre as fronte assetinadas pela juventude. E eles ali se apresentavam, nas suas túnicas bem alvas, nessa elegância, cujo segrêdo se foi, quando

a Grécia morreu. Eram candidatos à vida. Eram candidatos à glória. Abalavam para o futuro!

Aquelas solenidades, em que as multidões se premiam, tomadas de alegria, aquêles esplendores e aquêles espetáculos simbolizavam para êles um noivado — o noivado das esperanças; simbolizavam também uma iniciação — a grande iniciação da existência, batida pelas asprezas do trabalho, pelos sofrimentos das lutas, domada pelos revesses ou coroada pelas vitórias.

Ainda hoje, meus jovens amigos, malgrado o utilitarismo que nos invade, sabem os moços despertar interêsses, acordar emoções, ressuscitar alentos e avivar aplausos, tôdas as vêzes em que nas almas êles deixam acender-se o sol de um ideal, e arremessam os corações aos fogos da grandeza dos sentimentos.

Vejo-vos, aí, também candidatos à vida, aspirantes à glória, postulantes à felicidade. E eu venho trazer-vos uma palavra às vossas exultações, inspiradas na fé, apertadas à âncora de uma doirada esperança, em demanda do porvir.

* * *

Não malsinemos o século em que à Providência aprouver corressem os nossos dias, e se realizassem os nossos destinos. É um século, porém, fecundo em trabalhos, em lutas, em pesquisas, em resultados admiráveis. O homem sente-se tomado de vertigem, depois de muito sonhar e depois de muito sofrer. Ele quer rasgar os véus de todos os mistérios a se esconderem nas profundezas do espaço, na escuridão da terra, e ainda mais nos sagrados recessos da consciência. A esfinge antiga postava-se no ádito do santuário, guardando o terrível enigma da vida ou da morte. A esfinge moderna posta-se, todos os dias, também frente da civilização, desafiando o homem, cansado de ilusões, cheio de sobressaltos e carregado de ciência.

Ao longo dos caminhos vai crescendo o cortejo, e de todos os ângulos sobem perguntas, restrygem brados, levantam-se clamores. A todo requinte de bem-estar físico corresponde uma grande ânsia. A todo gôzo inventado uma aspiração imensa. A tôda descoberta um mais arrojado bater de asas para mais longínquas paragens. Tôdas

as maravilhas criadas pela arte, pelo trabalho e pela indústria não lograram distrair o espírito humano, nem valeram a que ele se não voltasse para o temeroso enigma do seu destino.

Essa questão é a questão suprema. É o ser ou não ser do tedioso Hamlet. É o capital problema que domina todos os postulados, interessa a todos os estudos e se envolve em tôdas as preocupações de todos os tempos idos, de tôdas as gerações desaparecidas e de todos os que vivemos neste século agitado. Sim. Pode parecer um paradoxo afirmar-se que o homem de hoje, deslumbrado por tantas luzes, rodeado de tanto conforto material, cercado de uma intensa cultura, arrojando-se a tantos cometimentos, reflita um só momento sobre o problema do seu destino. Em verdade, em verdade, eu vos asseguro que o espírito humano hoje, talvez mais do que nunca, tem essa preocupação soberana, vive diante desta visão, aterrorizado, sacudido por estremecimentos e cheio de interrogações.

A obsessão da morte, mais do que a obsessão da vida, é um dos mais estudados fenômenos da psicastenia, é um dos pontos mais investigados pelo filósofo. Por que interrogar a morte, e perturbar o silêncio de seus domínios? Assim o quer a misteriosa tenacidade do espírito, assim o exigem as afadigadas aspirações do coração.

Rapidamente, quero analisar convosco as correntes doutrinárias que atravessa o pensamento contemporâneo, no concernente a este problema.

Todos os sistemas filosóficos que se levantam, tôdas as escolas científicas que se fundam, todos os métodos literários que se criam são modalidades diferentes da investigação do nosso destino, e fórmulas através das quais ele se manifesta ou afirma. As próprias negações são as que mais imperiosamente o discutem. Demócrito, meditando sobre a vida, ria sempre; Heráclito chorava. O otimismo e o pessimismo existem em tôdas as épocas. O contraste do passado é o contraste do presente. O naturalismo, famoso sistema em que pretendem condinar tôda a ciência, está a formar uma grande corrente. Que é o naturalismo? Examinemo-lo à luz do sentido filosófico.

É um sistema de filosofia, um conjunto de doutrinas, estribando-se sobre a natureza para dar uma interpretação do universo diame-

tralmente oposta ao verdadeiro espiritualismo. Nutre-se em escolas diversas, alimenta-se de idéias de valôres desiguais. Tem, entretanto, um fundo de unidade, um ponto só de convergência: reduzir tôdas as realidades à *mecânica*, ou pelo menos, à matéria. É o materialismo, direis vós? É o materialismo, sim, vestido à moderna" (1). E êle propõe um credo absurdo, depois de tentar a derrocada dos princípios aos quais se aferra a consciência. Todo sistema, efetivamente, que arroga o direito de interpretar o universo, e de construir o templo da verdade, asilo do pensamento humano, defronta estas três categorias de fatos: o homem, a vida e o mundo. E sôbre êsses três fatos pesam as três questões fatídicas: a origem, a natureza, o destino. Sôbre a origem, o naturalismo é bordado das mais extravagantes e anticientíficas teorias, hoje desacreditadas perante o tribunal do bom-senso, da lógica e da ciência rigorosa e austera. Hipóteses e nada mais o que se têm apresentado, segundo a confissão de Huxley, Zittel, Picard, Dastre, de Cyon e tantos outros. Sôbre a natureza, apenas tem êle estudado alguns fenômenos, satisfazendo-se em superficialidades, incapazes de saturar o espírito dominado por uma curiosidade sem termo e sem limites. Não é debalde que Poincaré escreveu dois livros: *O Valor da Ciência* e as *Hipóteses da Ciência*. E sôbre o destino, o destino do homem, a questão suprema, que, há seis mil anos, não perde a sua intensidade, não se afasta, e muito menos se não pode espungir do pensamento, porque, há seis mil anos, o homem procura e investiga a felicidade, por ela doideja e anseia, batendo a tôdas as portas, interrogando o grão de areia, o vendaval, a terra e os astros! Sôbre o destino do homem, quais são os dogmas do naturalismo? O nascer, senhores, é o maior acontecimento do mundo. O morrer é a maior curiosidade. Entre o acontecimento e a curiosidade há um oceano de sofrimentos e dores, de esperanças e pavores, de esmagamentos e triunfos. E depois disso, o oceano vai espriar-se nas imensidades para as quais nós todos pedimos e queremos um navio veleiro, e uma bússola, bem firme e bem segura. O naturalismo asfixia o homem, depois de o insultar. As suas quimeras não conseguem dar ao espírito e ao coração o contentamento de uma hora, porque promessas falazes e enganos mentirosos são tôdas as suas respostas aos gritos da felicidade.

(1) Eymieu.

Marcelino Berthelot, um dos pontífices do naturalismo, num célebre discurso em que exalta o homem, dizendo-lhe qual é a felicidade desejada, descreve o que será a terra no ano *dois mil*. A terra, um vasto jardim, em meio do qual a raça humana há de viver na abundância e na alegria legendária da idade do ouro, contanto que se descubra uma química espiritual, capaz de mudar a natureza moral do homem tão profundamente como a nossa química transforma a natureza material.

Bela ironia, não há dúvida! Aproxima-se a humanidade do ano *dois mil*, e para êle caminha aceleradamente. E a química espiritual não se descobre para matar a tristeza do coração, a sede do espírito, a fome de justiça, o ardente desejo da felicidade. Pelo contrário, mais esquisita se há tornado a sensibilidade humana aos toques das angústias, e mais delicada às agonias, sendo menos sensível às alegrias, e mais indifferente ao prazer.

Metchnikoff, oráculo do naturalismo, inventa outra quimera. Êle substitui a química espiritual de Berthelot pela medicina.

O homem, segundo a sua afirmação, "ainda se não despojou da animalidade em que teve a sua origem; a evolução ainda está incompleta. Daí os conflitos entre seus diversos instintos; daí o sofrimento e a imoralidade. Cabe à ciência médica combater o mal em sua raiz. Ela há de salvar os corpos contra as enfermidades, cujas causas não mais serão misteriosas; ela os há de garantir contra a decrepitude que torna odiosa a velhice. Ela há de moderar as nossas paixões, corrigindo as faltas do organismo". Medicamentos, portanto, e higiene! Sim. O homem vai avançando, e as enfermidades e os males de toda espécie ameaçam-lhe a vida em todas as suas fases. A velhice (1) patológica, a velhice dolorosa não tarda, e até hoje a própria ciência médica não lhe assinalou a sua característica. Ela não sabe se é uma alteração dos tecidos, uma destruição de células nobres por elementos mais simples. Ela ignora se é a esclerose ou o entorpecimento das artérias, do fígado ou dos rins. Tudo uma quimera! E quando mesmo se inventasse um *serum* eficaz para a prolongação da vida, e um reativo tão poderoso que neutralizasse os estragos micro-

(1) Eymieu.

bianos, e quando mesmo fôsse a existência um caminho suave, mais cedo ou mais tarde, infalivelmente, implacavelmente sobreviria a morte.

E para a morte, Metchnikoff reclama uma doçura natural. Não quer uma contração, não quer um gemido, na hora extrema.

— Miragem, utopia, sonho ou delírio! A ilusão desta ordem o homem se não deixa curvar. Protesta. Grita. Rebelar-se.

Vêde bem, meus jovens amigos, a que extremos conduz a *concepção naturalista do destino humano*! A terra é tudo. A mecânica é tudo. O cego, o implacável acaso tem a última palavra. E o nada é o grande, o último refúgio das dores e das lágrimas, das alegrias e dos heroísmos, dos sacrifícios e dos amôres. E o homem é o eterno atormentado pelo desejo de ser feliz. Que importa falar-se-lhe da resignação? Que importa segredar-lhe ao espírito acabrunhado uma consolação?

“A Natureza, diz Taine, sumo pontífice dessa teoria sinistra e bárbara, a Natureza é o ser perfeito. A vontade da Natureza é a nossa vontade. E a consolação perfeita a ela devemos pedir. A resistência é uma loucura de criança. De todos os lados, a imensidade nos comprime, e a Natureza vem exaltar-nos ou esmagar-nos. O nada é a recompensa que espera a tôdas as gerações, lá nas margens de um oceano gelado e frio.

É verdade que por sôbre o abismo em que tudo vai imergir há reflexos de sol, tintas de esmeralda e cintilações de ouro. Mas tudo isso é ilusório. É mister resignar-se o homem ao inevitável” (1). E sem Deus, sem resignação, sem outra vida, o mundo e a sociedade devem acabar na epidemia do *suicídio anestésico*, de que fala Le Dantec, o terrível pregoeiro do ateísmo, o impetuoso corifeu do naturalismo contemporâneo. — Vêde bem a que extremos dão essas teorias imorais, anti-sociais e nihilistas. Delas ressalta um corolário: o desespêro na vida, o desespêro na morte; a ferocidade no homem, o egoísmo na sociedade; a desordem em tudo, o extinguir-se da humanidade!

(1) Eymieu.

Abandonemos, porém, as regiões tenebrosas em que a esterilidade mora, e em que se não ouve um cântico de esperança.

O homem não foi criado para lutar e depois ser brutalmente despedaçado nas voragens de todos os horrores, e sumir-se numa leiva de terra. O espiritualismo repassa, mercê de Deus, o pensamento humano. É a grande, a profunda, a serena corrente por onde vão deslizando as almas, e na qual bebem haustos de vida os corações. Ele, o espiritualismo, enfrenta audaz e triunfante as questões da origem, da natureza e do fim. Para tôdas elas tem uma solução definitiva e certa. Vai-lhes ao cerne, desvenda-lhes os segredos, ilumina-lhes as sombras, e as clarifica nos esplendores de um sol. Ele afirma que o homem é de fato uma ruína, a restaurar-se, a reconstruir-se nas tormentas da passagem terrestre para chegar ao repouso da felicidade absoluta e perfeita. Para além dos combates e dos tumultos, das horas negras e dos dias sombrios, acena o espiritualismo com o farol das consolações supremas.

Alenta o espírito, aligeira os transe do sofrer, reconforta o coração, e se multiplica em estímulos, em fôrças, em devotamentos.

As pelejas feridas no campo raso da vida não têm esmagamentos. Vencedores e vencidos podem abraçar-se nos cimos iluminados da misericórdia infinita, e encontrar-se no seio dessa eterna bondade, dessa justiça sem filhos, que as nossas constantes aspirações reclamam e buscam, na sofreguidão de tôdas as potências do nosso ser. Não são enganadoras as suas promessas, nem obscuras as sendas por elle traçadas. Mostra, não há dúvida, a imensidade perto ou distante num marulhar doce ou encrespado de suas vagas.

Para a imensidade elle tem o navio veleiro, aparelhado para a travessia, forte para resistir à tempestade, blindado contra as fúrias dos escarcéus dos maus instintos, dos pendores viciados, das paixões dissolventes e dos desânimos cruéis. O navio veleiro é a Fé, a projectar ao longe clarões por sôbre os abismos, a aproximar as distâncias, a transpor os espaços e a dominar o incerto.

Para os fundos pélagos existe a fateixa de encontro à qual se quebram todos os reveses — é a esperança invencível num mundo me-

lhor, abrigo dos cansados, refúgio dos perseguidos, remanso dos infelizes.

Crer e esperar, sofrer e sorrir! Aí se condensam tôdas as grandezas e se reúnem todos os encantos dos sacrifícios e tôdas as belezas dos martírios. Crer e esperar, sofrer e sorrir! Mas tudo isso é o Evangelho anunciado aos homens como o santuário em que se esconde a felicidade, e dado ao mundo como um compêndio em cujas páginas vai cada um de nós decifrar o seu enigma e soletrar as palavras do seu destino. Mas tudo isso é o Evangelho, a epopéia (1) dos simples, o hino antecipado à Jerusalém dos miseráveis. Mas tudo isso é o encontro de Deus com o homem. É a doçura do Cristo amparando as nossas fragilidades, a sua bondade transfigurando os nossos males, a sua caridade recolhendo as nossas preces, escutando o nosso coração, e subindo-nos o espírito às alturas do seu poder, vencedor de tôdas as vicissitudes e eternamente refulgente nas claridades dos dias sem fim.

Felizes os que sabem crer nas doutrinas do Cristo e esperar nas suas promessas! Frederico Masson, respondendo ao discurso de recepção de Poincaré na Academia Francesa, a 28 de janeiro de 1909, em traços muito rápidos mostra-nos o sofrimento de um homem que desejava *sorrir* mas *soluçava*, e o júbilo de outro homem que chegara à placidez da fé.

O pobre Sully-Prudhomme, o grande poeta do *Bonheur*, gemia no seu leito de dores, quase abandonado e esquecido pelos amigos.

Uma tarde, François Coppée, o maravilhoso cantor dos pequeninos, apresentou-se-lhe à cabeceira, talvez em visita de despedida.

Após uma hora de silêncio, exclama Coppée: *Eu, eu creio, meu infeliz amigo.*

E Sully-Prudhomme, compassando-o com os olhos, em que havia um brilho de admiração, feita de inveja e de ciúme, erguendo as mãos, profere estas palavras:

“Ah! Coppée, não sabes quanto és ditoso!”

(1) Challemeil-Lacour.

— Aprendestes, meus amigos, esta ventura, porque até hoje fostes alimentados pela substância das verdades divinas, e tivestes na juventude, ainda em botão, a seiva que fecundou o vosso espírito para as virtudes e revigorou a vossa consciência para as austeridades do dever. Seguros podereis caminhar pelos acidentados e ásperos caminhos da vida. Atletas do bem, amamentados aos seios fecundos da verdade, sois candidatos à vitória, e às palmas dos que triunfam. E sabeis que ides em boa companhia. Vai convosco o escol do gênero humano. Encontrareis, todavia, na vossa abalada, obstáculos, contra os quais eu vos quero premunir.

Fartas vêzes, ouvireis dizer que a ciência é inimiga da fé. Aos que assim vos falarem dai a resposta que, em 1881, formulava o sábio Elias De Cyon, infelizmente não de todo extirpado de erros filosóficos e religiosos, ao fanatismo irreligioso de Paul Bert: “Qual dentre as ciências aquela que é a negação da fé em Deus, a negação da idéia religiosa? Qual a ciência, que levada aos últimos limites do saber humano pode estancar a sede do infinito a devorar o espírito? Qual a ciência capaz de nos dar a conhecer, já não digo a causa final e geral das coisas e dos seres, mas somente a concatenação integral das coisas particulares?

É a astronomia? Ela poderá realizar prodígios de análise, mas sempre há de ficar uma multidão de mundos inacessíveis às suas laboriosas investigações.

É a cosmogonia? O seu poder é tão limitado no tempo quanto o é o da astronomia no espaço. É a física? É a química? Essas duas ciências, quaisquer que sejam seus progressos, outra cousa não poderão criar senão uma mecânica de átomos.

Jamais poderão fornecer-nos uma definição precisa da força e uma definição da matéria.

É, finalmente, a fisiologia? Ainda mesmo que ela, um dia, à custa de ingentes esforços, chegue a possuir uma mecânica perfeita das funções cerebrais, jamais poderá compreender o que seja a consciência.

Lembra-vos também que os criadores da ciência moderna, desde Priestley e Lavoisier até Ampère, Faraday e Pasteur foram profunda-

mente espiritualistas e eminentemente religiosos. Outras vêzes, ouvireis apregoar-se a moral científica em contraposição à moral evangélica. Responderéis, então, que não há, não pode haver moral sem Deus, e que tôdas as ciências, todos os esforços e todos os homens unidos jamais poderiam criar uma.

Responderéis então com as estatísticas dos povos, enegrecidas pelas aterradoras somas dos crimes, dos delitos de tôdas as espécies, e avolumada sobretudo pela criminalidade infantil. Responderéis, então, que a ausência do Evangelho é substituída pelo paganismo a inundar o mundo de calamidades, e infelicitar as nações com os despotismos, a desgraçar as sociedades com os flagelos do luxo insolente, do sensualismo desbragado, da volúpia que destrói as raças, extingue os povos e mata o gênero humano.

Responderéis então que, ou o Cristo domina o mundo, ou o mundo se precipita para a decadência.

Dir-vos-ão que o clericalismo é o inimigo da sociedade moderna. A esta frase de Leão Gambetta oporeis apenas o bom-senso, retrucando: A religião é a mais inelutável necessidade do homem. Não há religião sem culto. Não pode haver culto sem sacerdócio. Responderéis mais: Onde, como, por que forma é o sacerdote inimigo da sociedade moderna? Por que prega as doutrinas do Divino Mestre? Mas essas são tôda a verdade, tôda a luz e tôda a vida para os indivíduos e para as coletividades.

Por que se envolve nas questões sociais e políticas? E os interesses do Cristo, da Igreja, os interesses espirituais e morais da humanidade não se acham também nas questões sociais e políticas?

Rebatei, meus amigos, êsse êrro, reclamando para a vossa crença e para os seus ministros essa liberdade que os governos fracos e pusilânimes concedem até aos bandidos e aos proxenetas. Afrontai essa tendência dos governos escravizados por interesses subalternos, e atacados pela miopia de uma política mesquinha e estéril, essa tendência que proclama a liberdade para todos e para tudo, e que, ludibriando a mesma liberdade, põe o clero fora da lei, da justiça e da igualdade.

Em nossos dias, em nosso país, aqui neste opulento Estado, o mais glorioso da União Brasileira, vós bem o vêdes, para certos homens

públicos tem mais direito, vale mais, pesa mais na balança da comunidade social a demagogia desenfreada, a cuspir insultos, a vociferar nas praças, a achincalhar a dignidade, a perturbar a ordem e a prosperidade, do que uma classe inteira, pacífica e civilizadora. Oh! meus amigos! O anticlericalismo não anda só. O anticlericalismo vem sempre acompanhado do antimilitarismo. Por que o primeiro é o desprezo pela autoridade divina. E o segundo é o desprezo pela autoridade pátria. Clemenceau e Briand andam de braços dados com o antipatriota Hervé.

Aí tendes um fato que a história registra em tôdas as épocas.

Finalmente, meus jovens amigos, sereis fascinados pela ilusão do gozo material, ministrado nos prazeres e requintes, nas volúpias de tôdas as mundanidades.

É forte esta solicitação. Lembrai-vos, porém, que o prazer é a cesta de flôres que a escrava apresentou a Cleópatra.

Debaixo das pétalas, estava o veneno da áspide. E êsse veneno era a morte.

As delícias de Cápuia desbarataram as falanges romanas, e os bárbaros tripudiaram sôbre o cadáver de um povo que subjugara mil povos.

Acima de tôdas as delinquências, que um paganismo moderno nos oferece, levantai, senhores, um ideal que seja o programa de vossa vida privada, social, religiosa e política. O ideal é uma verdade — limite para a qual propende o ser que se desenvolve harmônicamente. Ele é a *idéia substituída* e a *idéia cristalizadora*.

O ideal substitui tôdas as demais idéias de uma tendência comum, sem as destruir. Vem uni-las depois e enfeixá-las numa síntese. O ideal cristaliza em tôrno de si mesmo. Trabalha as idéias da mesma tendência, enquanto dissolve no fundo da consciência as idéias contrárias.

O ideal opõe-se às duas coisas que constituem a mediocridade da vida: a *fraqueza* e o *desperdício* da vontade.

Ele se converte na grande força, no belo sacrifício, e na radiante alegria.

Aonde ireis pedir êsse ideal, senão procurando o Cristo, *êsse primeiro gentil-homem do mundo*, no gracioso dizer do imortal Lacordaire? O Cristo vivo e real, o que palpita e fala no Evangelho, o primeiro manual de pedagogia (1).

No Evangelho que o aponta como exemplar não só das virtudes sobrenaturais mas ainda das próprias virtudes naturais.

Sim! O Cristo não é um metcoro hierático.

É o ideal das perfeições individuais, domésticas e sociais. Ideal encantador para o qual estão a convergir as aspirações da alma. Ideal conquistador que invade tôdas as faculdades!

Escrevei uma divisa na qual mergulhem vossos olhos nas horas das pelejas várias e arriscadas, que vos hão de faltar.

Tomai a divisa da terra legendária, onde cantou Chateaubriand e onde nasceu o maior pensador dos nossos tempos — Ernesto Hello. Da terra que as tempestades açoutam, e em que o mar tem rugido de cóleras, mas em que as almas são resistentes como o granito, e as consciências firmes como os penhascos, semeados ao longo das praias. Tomai a divisa da terra do heroísmo, a grande Bretanha: — *Potius mori quam foedari!* A morte é preferível à traição.

Se há grandezas no tempo em que labutamos, há também fraquezas e covardias, degradações e aviltamentos. Tenho medo dos covardes. Não tenho medo dos fortes, dos violentos e dos heróis. É uma idolatria essa exclusiva preocupação pelo dinheiro.

Parece que em torno dêle tudo vai gravitando. Ele compra o caráter, êle devasta as convicções, êle compra as consciências em leilão.

Ele produz os eunucos dos servilismos, e alimenta a turbamulta dos Chilons-Chilonides, em perpétuas curvaturas ante os *estadistas de cabotagem* (2), os políticos enfatuados e os vaidosos chefes de Estado,

(1) S. Verret.

(2) A expressão não é minha: é de Barbosa Lima.

que uma imprensa mercenária lisongea e afaga, e que os interesses arvoram em árbitros das riquezas e da salvação dos países.

É preferível a morte à traição dos princípios sagrados que o Cristo infundiu em vossos espíritos, e que vossas mães orvalharam com as pérolas de suas lágrimas.

É preferível a morte ao sacrifício de vossas crenças e de vossa dignidade. É preferível a morte ao contubérnio das sórdidas invejas, das asquerosas bajulações e das depravadas e corrosivas paixões!

Bem certo estou eu, meus amigos, de que iluminados por êsse ideal e alentados por essa divisa, podereis fazer a travessia da vida, defendendo a vossa religião e servindo a vossa pátria, sem esmorecimentos e sem vacilações. E na primavera das esperanças, nos ardores do sol, nas refregas dos combates, haveis de sempre ouvir a vossa mocidade cantar o salmo da glória!

MANFREDO LEITE

Elogio fúnebre de Sua Santidade o Papa Pio X nas Solenes Exéquias celebradas pela Arquidiocese de S. Paulo, na Igreja Abacial de S. Bento, no dia 26 de agosto de 1914.

Excelentíssimos Senhores.

Quando, há precisamente onze anos e quinze dias, por entre os círios ardentes da Igreja de S. Pedro, enregelado e hirto se estendia no ataúde o cadáver do grande Leão XIII, uma estranha e profunda comoção abalava o mundo inteiro.

A sensação de que um sol tombara do seu zênite, e ainda despedia os últimos fulgores, avassalava todos os espíritos.

A civilização sofrera um eclipse.

A humanidade perdera o mais poderoso mentor. E a Igreja Católica, vestida de luto, perdera o chefe supremo, que dos cimos iluminados da mais vasta e bela intellectualidade, soubera dirigi-la com as irradiações que tinham majestade, e com a majestade que tinha um imenso e desusado esplendor.

À beira daquele ataúde escrevia a história uma das mais rutilantes páginas dos seus fastos, e admirava-se de ver reduzido a tão minúsculas proporções aquêlê que fôra um gigante, e que enchera a terra com os raios da sua glória, a grandeza do seu nome, e a beleza do seu poder. À beira daquele ataúde, formulava planos e cálculos a sabedoria humana. Conjecturava a política. Suspeitava a diplomacia. E dos quatro ângulos do universo, revoavam pensamentos, volviam aspirações, e despontavam anseios.

Na fúnebre solenidade daquela hora, tudo era incerteza, tudo era mistério.

Só não existia incerteza e nem havia mistério para a Providência Divina, que velava também êsses despojos e preparava os caminhos às rutilações de um outro sol, que se ia levantar no horizonte para as grandes projeções de luz, para o dissipar das trevas, e para o calor das almas. Surpreendendo e contrariando tôdas as conjecturas, desiludindo todos os cálculos, a Igreja pronunciou um nome que devia ser o sucessor de Leão XIII. Êsse nome atravessou o espaço, voou de bôca em bôca, e constituiu um enigma. Tão humilde era êle! E tão pequeno se afigurava para as investiduras do mais alto poder, e a mais elevada das soberanias, a soberania das consciências. Pouco depois, êsse nome crescia, e crescendo arrastava simpatias, e arrastando simpatias despertava veneração. E a veneração fazia-se aurôla a circundar a fronte augusta de Pio X, cujo desaparecimento dentre os vivos lamenta a cristandade nesta hora, chora o mundo, deplora a Igreja, e comemora São Paulo nas pompas de luto e dor destas homenagens, que aqui vimos tributar à sua doce memória, e à sua alma de eleito.

* * *

Uma simples lápide comemorativa sôbre o frontispício de uma casa modesta, na aldeia de Riese, província de Treviso, assinala que ali, a 2 de junho de 1835 nasceu José Sarto. Desde os primórdios da sua infância, bafejada pelo fervor religioso de seus pais, conheceu êle as privações e as asperezas da pobreza, que o deveria acompanhar em tôdas as fases da sua vida.

Depois de freqüentar com assiduidade o ginásio de Castelfranco, entrou nos seminários de Treviso e Pádua, impulsionado pela vocação ao sacerdócio.

Exemplar pela disciplina e pelas virtudes, notável pela vivacidade da fé, ascendeu à ordem sacra do presbiterato em 1858. O seu paroquiato em Tombolo, durante nove anos, e em Salzano, foi um luminoso estádio que êle percorreu em magníficas demonstrações de zêlo, solicitude e piedade. Sentia-se bem no contato dos pobres e humildes, com os quais repartia a escassez dos seus haveres. À cabeceira dos enfermos e moribundos, êle aparecia sempre como visão consoladora,

e imagem de bondade. Da felicidade de sua modéstia foram arrancá-lo para o lugar de Vigário Geral da Diocese de Treviso. Pouco depois, em 1884, era sagrado bispo de Mântua. O que foi o seu episcopado durante nove anos em Mântua dizem-no os profundos afetos ali deixados por êle.

Empenhado constantemente em percorrer sua diocese, dotar seu seminário de uma competente direção pelos moldes disciplinares, os mais elevados, a sua grande preocupação diurna e noturna era a assistência aos desvalidos.

Fartas vêzes, o seu anel episcopal foi ao penhor para a consecução dos recursos e das esmolas, que se transformavam em alegrias para muitos lares e muitas famílias. Vencidas as dificuldades do *exequatur* do governo italiano, a 12 de julho de 1893, era Dr. José Sarto preconizado Patriarca de Veneza e Cardeal, com o título de S. Bernardo *alle Terme*. Em Veneza, desenvolveu o seu zêlo apostólico a mais larga ação religiosa, traduzida numa multiplicidade de obras fecundas que lhe valeram o nome de *Cardeal da democracia cristã*.

Difícil e perturbado era o momento histórico quando assumiu a direção da Igreja Católica. As atenções e as solitudes do Pastor concentraram-se tôdas nas prementes e angustiosas necessidades que estavam causando aflições às consciências, perturbações aos espíritos e mágoas à Igreja de Deus. Uma voz, repassada de autoridade, e feita de inquebrantável energia, precisava dirimir certas questões e contravérsias, agitadas durante longos anos. Um brado, cheio de firmeza, de constância e intransigência, era necessário se fizesse ouvir ao mundo para nêle aparecer em tôda a sua pureza a integridade da fé, a doutrina do Cristo e a soberania da Igreja.

Durante largo tempo, idéias errôneas e princípios falsos, vindos através das doutrinas de Yant e de Schleiermacher, iam avassalando as inteligências, determinando um fermento de perturbação e anarquia. O livro de Harnach, intitulado a *Essência do Cristianismo*, e o livro de Augusto Sabatier, intitulado *Esbôço de uma filosofia da Religião*, divulgaram teorias que vulneravam os supremos ensinamentos da fé, atentavam contra a imutabilidade do dogma, formulavam um misto de sistemas, e criavam uma heresia, profundamente perturbadora. O

Rilischlianismo, apregoando que os critérios a guiarem a alma religiosa são critérios simplesmente subjectivos, relativos e precários, mas não absolutos, e o *Guentherianismo*, reduzindo o valor das afirmações dogmáticas a um valor de oportunidade, introduziram o *sentimentalismo agnóstico*, mais conhecido pelo nome de *modernismo*. Esse *modernismo* outra coisa não é senão uma das variantes do protestantismo liberal, outra coisa não é senão uma estranha mescla de doutrinas funestas, subversivas, capciosas e dissolventes.

Dentro dêle, pode viver à larga o ceticismo, o Cristo fica diminuído, as soberanas afirmações, dantes, fontes de paz e tranquillidade para a consciência, ficam reduzidas a hipóteses.

Esse aglomerado de evolucionismo, idealismo, pragmatismo e immanentismo é um pandemonium em que se baralham tôdas as certezas, e se contradizem tôdas as verdades.

A fé, portanto, periclitava ante o prurido da novidade, que ia penetrando nas universidades e academias, nos indiferentes e nos crentes, e até nos seminários católicos destinados à formação do clero. Isto constituía uma séria e muito grave apreensão. Em face da religião, escreveu o ilustre bispo de Angers, não se pode guardar neutralidade. A religião ocupa um lugar muito grande na história, na filosofia, na literatura, nas ciências e nas artes. É mister tomar um partido favorável ou contrário. Que fêz a Igreja, a depositária da fé e da verdade? A Igreja manteve o princípio da coesão doutrinal — a intransigência. A Igreja pronunciou com energia o seu veredito. Pio X — o sucessor de Pedro — alçou a sua voz por sôbre as turbas e o mundo, e lembrando as constituições doutrinaes do Concílio do Vaticano, como já o fizera Leão XIII, por meio dos documentos sôbre o terreno escriturário, na Encíclica *Providentissimus Deus*, e no terreno ascético — no *Testen benevolentiae*, ao cardeal Gibbons, lançou a famosa Encíclica *Pascendi*, tão vigorosa, tão clara e tão magistral que o êrro foi confundido, e a verdade logrou a sua esplêndida vitória. Pio X foi um vidente. Com a sua firmeza, êle soube deter a vaga que trazia em seu bôjo a heresia, a perturbar a cristandade, e a conturbar a alma humana.

O seu pontificado passará à história, como o pontificado da fé intrépida, majestosa e enérgica. A espíritos menos ponderados afigurou-se um ato menos louvável a quebra da *Concordata* entre a França e a Santa Sé. Mais uma vez, entretanto, nesse ato, revelou-se o grande espírito do Pontífice, e mais se evidenciou o seu amor pela Igreja.

A França, a nação cavalheiresca, e cujas origens mergulham no batistério de Reims, e cuja glória vai culminar no heroísmo de Joana d'Arc, a França vem assistindo a um espetáculo contristador.

Há anos, o espírito sectário vai trabalhando o seu govêrno, e uma luta, cheia de trágicas peripécias, vem sendo travada entre as suas tradições seculares e as paixões da sua política dominante. A bela filha primogênita da Igreja não tem querido escutar os paternos conselhos do Supremo Pastor. Um espírito de hostilidade e de perseguição lavra no govêrno, que lhe dirige os destinos. É sabido que o sectarismo, sub-repticiamente até se envolvia na administração espiritual das dioceses. Mais uma vez, à Santa Sé foram apresentados candidatos menos dignos ao episcopado francês. Mágoas profundas dilaceram o generoso coração de Pio X, que só desejara restaurar tudo em Cristo e assegurar a completa independência da sua Igreja. A transigência com as investidas sectárias era impossível.

E o livro branco da Santa Sé explica com maior imparcialidade os motivos da quebra da *Concordata*.

A célebre questão do *Sillon*, origem de prolongadas controvérsias na imprensa e nos centros católicos da ação social em França, despertou na solicitude do augusto Pontífice as provas mais francas da sua benevolência e as suas mais dedicadas afeições às normas traçadas pelas leis da Igreja.

A condenação do *Sillon* obteve uma submissão completa às prescrições do documento pontifício. No jornal — *La Démocratie* — Marcos Sangnier dirigia a Pio X uma carta, verdadeiro documento de fidelidade e obediência às palavras do Pai da Cristandade.

No vasto império alemão, surgiu o conflito entre os sindicatos confessionais e interconfessionais. Esse conflito ficou perfeitamente serenado pela *Encyclica-Singulari* quadam — dirigida pelo Santo Padre

Pio X aos bispos da Alemanha. Em Portugal, em meio dos ódios acirrados, numa bárbara e cruel perseguição às congregações religiosas, ao clero e à Igreja, o catolicismo escreveu mais uma página do seu martirologio, e Pio X amparou a dignidade do episcopado português, o sacrifício das consciências católicas, e manteve a soberania independente, e nobremente ativa, da Igreja. Luminoso e esplêndido êste pontificado! Em que perdeu a fé? Os seus domínios não se estreitaram. Alargaram-se, dilataram-se, pelo contrário. Na Inglaterra, comunidades anglicanas passaram-se inteiras para o seio do catolicismo. Na França, floresceram novas e inúmeras paróquias, desenvolvendo uma ação religiosa que chega às raías do heroísmo. Na Alemanha, aumentou a hierarquia católica. Nas duas Américas, extraordinariamente amplo e desenvolvido é o campo religioso. Ao Brasil coube a insigne honra de possuir o primeiro cardeal sul-americano; e novas dioceses surgiram, florescendo em bênçãos os trabalhos do seu episcopado. O mundo inteiro é dominado por um forte e vigoroso impulso da fé.

Pio X promulgando, em 1906, o decreto sôbre a comunhão frequente e quotidiana, acendeu um imenso braseiro, cujo calor desfaz a tibieza, desperta a indiferença, mata os últimos resquícios do janse-nismo, alenta as almas e multiplica os devotamentos e a caridade.

Mais do que nunca, a Igreja, pela admirável beleza de sua organização, pelos laços da sua disciplina, pela comunhão dos fiéis com os seus guias e chefes, realiza nesta hora o pensamento de Guizot:

A Igreja Católica é a mais vasta escola de respeito, obediência e autoridade.

De um extremo a outro da terra, percorre, neste momento, um vento de destruição. Estremecem os povos. Sofrem as raças. Perturba-se o mundo. E justamente nesta hora apocalítica da história humana, é que desaparece o homem da paz, o sábio guia, o diretor das almas! Sôbre o rochedo da Igreja Católica, de encontro ao qual vão quebrando os séculos os seus vagalhões, e as paixões humanas vão perdendo as suas fúrias, PIO X era a sentinela, vestida de branco, que apontava os horizontes, pregava a caridade e a concórdia do Evangelho, e bradava a clemência. A sentinela, porém, retira-se. Emudece. Diante

de seus olhos banhados de doçura, e úmidos de tristeza, desenrolou-se todo um cenário de martírios e sofrimentos, de dores e angústias. As nações arremessaram-se terríveis e formidáveis, umas contra outras. Os povos ulularam na ânsia das vinganças. Os canhões troaram. As metralhadoras derramaram o extermínio, e o solo da Europa esfarrapou-se em sangue de milhares de vítimas humanas. O Pontífice, beijou a cruz. Sorriu para uma visão de amor e de paz. Fechou os olhos. E adormeceu no Senhor.

...A expiação, senhores, sôbre ser uma grande verdade teológica, é também uma grande lei da história.

Eu creio sinceramente que a justiça divina pedia à terra, neste momento aflitivo, uma vítima que fôsse capaz de lhe abrandar os rigores. E a vítima, carregada de méritos, enfeitada de virtudes era êsse Pontífice, que as nossas esperanças contemplam no seio da infinita misericórdia pedindo a paz para a humanidade, e a concórdia para as nações. Era êsse bom, justo e suave Pio X, que os anais da Igreja hão de celebrar com o fúlgido nome de Papa da *Eucaristia* e Pontífice da Fé.

FREI FRANCISCO DO MONTE ALVERNE

Improviso na Associação Ensaio Filosófico, em
10-12-1848, por ocasião de ser por ela aclamado
o mais genuíno representante da filosofia do
Brasil.

Senhores, não é possível sufocar as emoções violentas que agitam minha alma; é mister dar uma passagem a esta chama que se acende em meu peito!... Houve um tempo em que pude gloriar-me de triunfos obtidos pela fôrça da razão e da palavra; sabeis que essas armas não foram inúteis entre as minhas mãos, que tiveram um brilho: elas descansaram ao fim, mas não quebradas... Estou fraco e abatido... a posição em que estou é tão extraordinária para mim, que talvez não compreendais!... Se eu soubesse que era arrancado das bordas do meu sepulcro, do seio do meu retiro para receber das mãos da mocidade uma coroa de louro, honra cívica, que premeia meus serviços, pisados pela ignorância, esquecidos pela estupidez, e mal pagos pela mais fria indiferença, ainda assim talvez não tivesse coragem de apresentar-me para recebê-la!

Eu sei que ela tem um grande pêso, que tem brilho muito acima de todos os meus merecimentos, e que meus trabalhos não correspondem a esta auréola, que recebo no fim da minha vida. Parece-me que sou uma vítima enfeitada para a hora do sacrifício.

Tantas honras, tanta consideração para um homem oculto no silêncio de sua cela, passando da obscuridade à glória; a velhice coroada pela mocidade, a mente reanimada pela vida... são fenômenos tão grandes, geram sensações tão poderosas que não as posso ocultar!... Doze anos tenho estado em silêncio!... Sabeis que fôrça é preciso

para que escapem estas palavras tôscas no meio de tanto entusiasmo, a despeito desta glória, que a mocidade (1) acaba de revelar, dêste futuro que se apresenta tão radioso!...

Senhores, vós despertais as mais belas recordações; vós consagrades os trabalhos de uma idade antiga; é o passado que personificais em minha pessoa. As sombras de tantos homens que ilustraram as ciências e a filosofia, e que morreram esquecidos, desprezados, se apresentam hoje, aqui, para receberem de vós esta coroa, que lhes é devida com mais direito do que a mim: e que tenho eu feito? Empreguei, é verdade, os anos da minha mocidade em dirigir as inteligências que me tinham sido confiadas: revelei verdades que meus antecessores não me tinham comunicado; alarguei a esfera da inteligência; marchei intrépido; pisei o egoísmo; fui sobranceiro à indiferença; não voltei o rosto à injúria, à calúnia; fui conspurcado pela inveja... mas, longe de sucumbir, levei de vencida meus adversários.

Uma nova arena se abriu diante de mim no seminário de São José... Meus serviços são conhecidos: a mocidade não foi enganada; o que não era conhecido foi apresentado às claras, e a emulação nobre, e o caráter ardente da mocidade, que conquistei para as ciências, hoje me paga êsses trabalhos, que tinham sido esquecidos até agora, me recompensa com usura, e eu me acho à frente desta mocidade esperançosa, da qual nunca desesperei... (Muito comovido)

Não, nunca! Êste futuro tão obscuro para outros, foi sempre radiante para mim; sempre vi no caráter dos Brasileiros esta superioridade de talentos, que ninguém lhes contesta, êste futuro grandioso, esta glória que deveria ilustrar o nosso país tão espezinhado pelo estrangeiro, que não nos conhece, nem aprecia, porque talvez não nos possa bem avaliar: tão maltratado por essa mediocridade torpe que só tem mérito para deprimir. Tudo espero desta mocidade, que firmará por sua constante aplicação, a glória, que deve resultar de tanta capacidade. Estas plantas tão viçosas, estas magníficas vergôntes, cujas flôres derramam um perfume tão odorífero, tornar-se-ão árvores frondosas e robustas!...

(1) A primeira edição (Castilho), não tem a palavra "mocidade".

Tudo espero, senhores!

A filosofia é a razão em grande escala, a grande inteligência que conquista o universo, que tudo doma, e que vitoriosa aparece como senhora. O homem inerte, sem armas, fraco, sem meios quase alguns de defesa, subjuga a natureza; cria as artes e as ciências; e esse universo que Deus disse ao homem — Conquista para ti — sai de suas mãos, como sua verdadeira conquista, porque seus melhoramentos são a conquista da inteligência, e a inteligência é a filosofia; é a razão no seu mais alto grau de desenvolvimento.

Marchai, pois, sectários da filosofia, que entre nós não tem sido apreciada... entre nós... Nosso país tem-se tornado egoísta, é mister que sejamos mais francos, e que marchemos para a senda da ciência com esta franqueza, com esta generosidade que é só digna dela.

Todos os grandes homens (1) caíram; a ingratidão marchou sempre a par deles: não sabeis a história dos gregos? Tinham uma idéia nobre, a era que os talentos, e as virtudes não careciam de recompensa; mas não conheciam as fraquezas do coração, nem as tramas da inveja: é preciso um estímulo aos talentos, e um apoio à virtude, e na Grécia tudo foi recusado, ou constantemente disputado.

Sócrates bebe a cicuta; foi uma vítima sacrificada à mediocridade (2), à injustiça, à hipocrisia! Foi a posteridade que tomou sobre si vingar a memória do grande homem: e enquanto a maldição do século pesa sobre seus perseguidores, sua glória se tem perpetuado sempre grande, sempre radiante. Quase todos os filósofos receberam em prêmio o ostracismo ou a morte!

Os romanos foram mais generosos, porque seu gênio era mais elevado, seu caráter era mais nobre; era a consequência da grandeza de seu império. Aí estão suas coroas, suas ovações, suas apoteoses, suas pompas triunfais: aí estão seus grandes homens; é inútil declarar seus nomes. Vós marchais com a civilização, que outros preparam antes de vós: podeis marchar seguros, porque deveis contar com os vossos talentos; mas, vêde bem a inveja que marcha a par de vós:

(1) A primeira edição (Castilho) não tem a palavra "homens".

(2) Idem, com relação à palavra "mediocridade".

quando descerdes ao túmulo, ela vos entregará à calúnia, sua irmã que é imortal. Oh! não temais, a posteridade vos defenderá!

Recebo uma coroa, eu a aceito; é o prêmio de minhas fadigas, não é uma coroa de espinhos, é um laurel de glória, é o penhor desta generosidade que transborda do coração destes moços a quem sempre amei, a quem sempre dirigi pelo caminho da verdade. Recebo esta coroa das mãos do anjo da Igreja Fluminense!... Assim devia ser, porque vós, senhor (*voltando-se para o Exmo. Bispo*), como bispo, sois o representante do cristianismo que revelou os verdadeiros destinos do gênero humano; enobreceu o coração do homem; elevou sua razão; ilustrou o seu espírito; e marchará sempre a despeito de todos os perigos, a despeito de todos os reveses, à frente da civilização, porque ele é o seu mais forte elemento, porque ele é o tipo nobre e sublime da grandeza, da glória, e da liberdade do homem.

MONTE ALVERNE

Segundo Panegírico de S. Pedro de Alcântara,
pregado na Capela Imperial do Rio de Janeiro,
no dia 19-10-1854.

*Nolite timere, pusillus grex, quia
complacuit Patri vestro dare vobis
regnum.*

Não hajais medo com serdes poucos,
e fracos, porque vosso pai celeste vos
assegurou a posse do seu reino.

S. LUCAS, cap. 12, v. 32.

Senhor (1):

Já não é dado ignorar a causa dêste ímpeto divino que arremes-sou através de mil azares êsses homens, escolhidos para mudar a face da terra. É inútil fingir desconhecer a origem dessas façanhas singu-lares, de que justamente se ensoberbece a bela filha do céu (2). Ex-piações cruentas preludiavam esta regeneração, que os séculos espera-vam com extrema ansiedade. Holocaustos espontâneos ensaiavam esta renúncia de si mesmo, estas quebras do egoísmo, a que estava ligada a purificação da espécie humana: mas todos êsses rasgos de dedicação, todos êsses brios da magnanimidade ficaram muito longe das provas. a que eram chamados os representantes do novo progresso nacional. Repelidos por tantos reveses, desanimados com tantas derrotas, os mais experimentados contendores cederam a arena, que êles haviam coberto de ruínas. Convinham outros meios, eram misteres empenhados doutra ordem. Louros ainda não estimados, uma auréola, de que não havia

(1) S. M. I. o Sr. D. Pedro II.

(2) Apoc. c. 21 v. 2.

notícia, prêmios ainda não concedidos podiam só reanimar a constância dêsses mantenedores, que deviam achar-se a braços com tôdas as dificuldades, vencer todos os obstáculos, dominar todos os preconceitos, e desfazer todos os prejuízos. Só um diadema, em que se prendia a immortalidade com todos os seus fulgores, e tôda a magia duma felicidade interminável, era digno de compensar tantos suores, e coroar tantas fadigas. *Nolite timere*, etc.

Todos os anais deram conhecimento dêste abalo com que o mundo foi sacudido, e pôs em desuso as idéias recebidas. As ágapes dos confessores condenavam êsses festins, marcados como estigma da atrocidade, e com os excessos da intemperança; batalhões de virgens mandadas à morte, por conservar sua pureza, cobriam de confusão essas mulheres, que não tinham pêjo de assistir em completa nudez às ceias voluptuosas de Tigelino nas alamêdas de seus jardins profusamente iluminados (1), e a matança do lago Fucino para satisfazer os caprichos dum déspota (2), que recebia os últimos êmboras da majestade do povo-rei (3), era contratada por êsses milhões de homens amontoados nos anfiteatros, consumidos nas fogueiras, e despedaçados nos cavaletes a fim de justificar que a hora da salvação tinha chegado, e que a humanidade estava regenerada. Cada século apresentava peripécias ainda não apreciadas. As flagelações rivalizavam as cenas do martírio; a penitência vinha sentar-se no lugar das perseguições, e as virtudes pacíficas substituíam os surtos da heroicidade. Um só homem recompilou todos êsses méritos, e obteve as mais ardentes ovações. Os arroubos da abnegação evangélica, o espírito de reforma, a ostentação da onipotência divina bastam para dá-lo a conhecer. Os anjos o chamaram — Pedro — o lugar do seu nascimento acrescentou-lhe o apelido de — Alcântara.

Não, não poderei terminar o quadro, que acabei de bosquejar: compelido por uma força irresistível a encetar de novo a carreira, que

(1) Tacit. Annal.

(2) O Imperador Cláudio.

(3) Tacit. Annal.

percorri vinte e seis anos (1), quando a imaginação está extinta, quando a robustez da inteligência está enfraquecida por tantos esforços, quando não vejo as galas do santuário, e eu mesmo pareço estranho àqueles que me escutam, como desempenhar êsse passado tão fértil de reminiscências? como reproduzir êsses transportes, êsse enlêvo com que realcei as festas da religião e da pátria? É tarde! É muito tarde!!... Seria impossível reconhecer um carro de triunfo neste púlpito, que há dezoito anos é para mim um pensamento sinistro, uma recordação aflitiva, um fantasma inferno e importuno, a pira em que arderam meus olhos, e cujos degraus desci só e silencioso para esconder-me no retiro do claustro.

Os bardos do Tabor, os cantores do Hermon e do Sinai, batidos da tribulação, devorados de pesares, não ouvindo mais os ecos repetirem as estrofes dos seus cânticos nas quebradas de suas montanhas pitorescas; não escutando a voz do deserto, que levava ao longe a melodia dos seus hinos, penduravam seus alaúdes nos sangueiros que bordavam o rio da escravidão; e quando os homens apreciavam as suas composições, quando aquêles que se deleitavam com pedir-lhe a repetição dessas epopéias, em que perpetuavam o perfume do seu estilo, e a beleza de suas imagens, vinham as memórias de seus antepassados, e as maravilhas do Todo-Poderoso, êles cobriam suas faces umedecidas do pranto, e abandonavam as cordas frouxas e desafinadas dos seus instrumentos músicos ao vento da tempestade (2).

Religião divina, misteriosa e encantadora, tu, que dirigiste meus passos na vereda escabrosa da eloquência; tu, a quem devo tôdas as minhas inspirações; tu, minha estrêla, minha consolação, meu único refúgio, toma esta coroa... Se os espinhos, que a cercam, rebentar alguma flor; se das silvas, que a enlaçam, reverdeccrem algumas folhas: se um enfeite, se um adôrno renascer destas vergônteas já sêcas, deposita nas mãos do Imperador, para que a suspenda, como um troféu, sobre o altar do grande homem, a quem êle deve seu nome, e o Brasil a proteção mais decidida.

* * *

(1) Êste panegírico foi pregado a instâncias de S. M. I.

(2) Sal. 136. v. 1-9.

É uma indesculpável tenacidade pretender viciar a teoria da religião. É um absurdo comparar o reino indestrutível do Cristo a essas monarquias colossais, que se mostraram sem filiação, sem genealogia, e desapareceram sem deixar algum vestígio de sua primeira grandeza. Abramos este livro admirável, que tem escapado aos mais temerosos cataclismos e sobrevivido às revoluções do globo; consideremos esta alegoria magnífica, de que o escritor hebreu serviu-se tão hábilmente para derivar do pensamento primordial do homem primitivo as tendências da nossa natureza; e seremos forçados a concordar com o mais sábio dos doutôres (*), que o cristianismo deu comêço à sua existência, protegendo o homem no instante mesmo da sua queda: que o seguiu na sua infância envolto na sombra do mistério, e manifestou-se em tôda a sua irradiação, logo que a sociedade assumiu as proporções mais gigantescas. A mulher, tipo do devaneio, e da fatuidade, é subjugada pelo prestígio do maravilhoso; e aventura-se aos resultados da mais fatal desobediência, enganada pela serpente, símbolo da fascinação, e do encantamento. O homem escuta sua espôsa; deixa-se dobrar de suas carícias; quebranta um preceito, que contraria sua vaidade; esquece promessas, que êle não comprecende, afagado por deleites, que êle conhece, que êle experimenta, que êle sentia cada dia; e arrasta sua posteridade nos horrores da desventura (1). O reparador estendendo a mão aos filhos do grande culpado, na fase mais assustadora, aceita as condições de sua fragilidade, satisfaz as necessidades da razão, franqueando-lhe os domínios da fé: atenua os estímulos do dcejo com a eternidade do remorso (2); equilibra os sacrifícios do amor próprio com a sublimidade das recompensas, e abrilhanta suas ações com o reflexo da divindade.

Tudo cede, tudo se precipita após essa influência inefável, e indefinida. As gerações purificadas com o sangue não receiam o opróbrio das idades anteriores. Novos campeões continuavam o programa do cristianismo, no meio das lides mais porfiadas; e quando no XVI século, um monge dominado do orgulho (3), destrói os apoios da fra-

(*) Santo Agostinho.

(1) Gen. c. 3. v. 1-24.

(2) Isai. c. 66. v. 24.

(3) Martim Lutero.

queza, e adultera as máximas dêste Evangelho, que escarneceu as argúcias do êrro, e zombou das tramas da perfídia, Deus suscitou a Pedro de Alcântara, para ser um protesto vivo contra o predomínio das paixões, e figurar as resistências do dever contra as invasões do interêsse.

Subamos as serranias da nova Castela, penetremos o convento de Manjarrez, atravessemos essas arcadas silenciosas, êsses vastos dormitórios, em que se perde o ruído do século... Quem é êste jovem escapado aos abraços maternos, e que saindo há pouco da universidade, que espantara com seus talentos, deixa a carreira das dignidades, e impõe silêncio à linguagem da sedução? O que vem êle buscar ao meio dêstes homens, que estabeleceram o mais irreconciliável antagonismo ao regalo e às delícias? O filho do governador de Alcântara está vestido com o saial do pobre de Assis. Pedro está na lista dos penitentes.

Tinham-se visto personagens ilustres fugir dos palácios e não tendo em conta o valimento dos reis asilar-se nas serranias mais inacessíveis; mancebos corajosos, rejeitando os mimos da fortuna, seguiram as pisadas dêsses veteranos do Evangelho: mas quando se atenta para o cartel, que Pedro de Alcântara formulara contra si próprio; quando o novo conscripto apenas iniciado nos mistérios da cruz declara a seu mesmo corpo, que d'ora em diante o considera qual inimigo perigoso, e não lhe dará descanso; recua-se espavorido, e um grito involuntário atraiçoa a admiração, e o assombro: era João Batista, de que se afirma, que não comia, nem bebia: *Venit Joannes neque manducans, neque bibens* (1). Sua vida é um aturado jejum; pão e água, ervas desabridas constituem o seu alimento: o chão é seu único leito. Apertado com áspero cilício, dando apenas uma hora de sono a seu corpo extenuado com as macerações, Pedro de Alcântara demonstrava o que diz S. Paulo: Que tudo é possível com o conforto da graça (2). Nosso século é muito delicado para suportar a narração dêstes fatos; mas o respeito, que êles inspiram, e a veneração, que despertam, compensam as ironias da crítica, e os motejos do ceticismo.

(1) Mat. c. 11. v. 18.

(2) Filip. c. 4. v. 13.

Um antigo havia declarado, que êle fizera um concêrto com seus olhos para que não se fitassem nalguma virgem: *Pepigi jaedus cum oculis meis, ut ne cogitarem quidem de virgine.* (*). Os olhos do penitente estão de continuo voltados para a terra. Encarregado da sacristia, cujo serviço lhe proporcionava o ingresso freqüente da igreja, Pedro de Alcântara passou longo tempo sem advertir que seu tecto era construído de abóbada. Êle mesmo declarou, que habitando três anos em um convento, só diferenciava seus irmãos pelo som de sua voz, e sabia-se que jamais havia encarado o rosto duma mulher.

Qual podia ser o motivo destas lutas, destas guerras tão renhidas contra os sentidos? Quem ateava êste incêndio, que êle não podia conter em seu peito, que o constrangia a buscar o ar livre, correr os campos, devassar os bosques, exalar seu ardor em canções jubilosas, com que celebrava os favores, de que o Senhor o enriquecia? Pedro de Alcântara podia asseverar com o apóstolo: Que êle estava crucificado com Jesus Cristo, e que era Jesus Cristo quem vivia, quem habitava em seu seio: *Cristo confixus sum cruxi* (1). *Vivo autem, jam non ego, vivit in me Christus* (2).

Um homem tão extraordinário não podia ser olhado com indiferença: Pedro de Alcântara possuía tôdas as qualidades, que afiançam um grande caráter. A solidez do seu juízo, uma prudência consumada, uma pericia reconhecida facilitam a Pedro de Alcântara os primeiros cargos de sua ordem. Sua afabilidade conquistou a afeição mais profunda, e assegurou-lhe os mais brilhantes sucessos. Ardendo em zêlo pela causa do Senhor, desejando instituir outros cooperadores, que aterrassem o vício, e removessem os escândalos que deslustravam a herança do pai de família; Pedro de Alcântara evade-se ao província, que pela segunda vez lhe fôra proposto, e se retira para o convento de Santo Onofre, junto de Soriano. Entregue com mais desabafo aos trabalhos da penitência, e aos gozos da meditação, o reformador lança os fundamentos da província dos descalços, a quem deu seu nome, e que encheu de tanto lustre a Espanha e tôda a Itália: ansioso

(*) Jó. c. 31. v. 1.

(1) Galat. c. 2. v. 19.

(2) Ibidem. v. 20.

por dilatar os caminhos da perfeição, compõe o seu livro acêrca da vida interior, e o seu tratado da oração mental, que lhe granjeou os mais subidos encômios de Fr. Luiz de Granada, de S. Francisco de Sales, do papa Gregório XV e da rainha Cristina de Suécia.

Quem poderá conter o vôo desta águia soberba, que ameaça galgar o espaço, e transpor a região do sol? Quem ousará refrear esta torrenciente impetuosa, que arrebatada, que aniquila os diques, e as represas, que se opõem à sua passagem? Pedro de Alcântara acede às reiteradas instâncias do duque d'Aveiro, e do infante D. Luiz; atravessa a pé, e descalço, a Estremadura espanhola, e todo o Portugal; e vai coadjuvar na sua ousada empresa êsses denodados atletas, que haviam projetado a reforma da província de Arrábida. Sempre na vanguarda dos combates e êmulo dos Antão, e dos Pacômio fortalece, com os seus conselhos, e ainda mais com o seu exemplo, os novos solitários, que lembravam êsses famigerados anacoretas, que nos começos da Igreja, espantaram com suas austeridades as solidões do alto Egito, e os desertos de Saíde e da Tebaida. Do cimo d'êsses rochedos alcançtilados, o infatigável condutor das novas tribos contemplava nos assomos d'alegria êsses destemidos arautos, que envergavam a mesma couraça, de que êle estava revestido, e que dos mesmos entrincheiramentos, com que se defendia, levavam em suas mãos robustas o archote da revelação, e iam acordar os povos, que dormiam nas trevas da idolatria. Eles não temeram afrontar impávidos o cabo das tormentas; sulcaram os mares d'aurora, passaram os Hindus, visitaram os Corilis orientais; e sentados às portas de Cantão, e de Nanquim, aguardavam o momento de arvorar em suas tôrres o estandarte do Crucificado. Os lagos do Canadá, as inundações do Mississipi, e as alturas dos Andes não assustaram sua intrepidez apostólica. Nossos pais os contemplaram comunicando com o Guaicuru, reprimindo a ferocidade do Botocudo, conciliando o implacável Aimoré. Eles domaram o indômito (1) Goitacá, poliram o Tamoio, e prenderam ao carro de Jesus Cristo o Tupi e o Caeté. Povoações florescentes surgiram, como por encanto, das margens do Amazonas até às cabeceiras do Prata; e para cúmulo de sua glória, foram eles que saudaram primeiro a civilização

(1) Vieira.

da terra de Cabral, e ergueram o lábaro sagrado, que procurou ao Brasil o epíteto ainda mais glorioso da terra de Santa Cruz.

O mundo pode obliterar feitos tão assinalados: o filosofismo pode cuspir dêsses homens, que sacrificaram seu sossêgo em prol de seus irmãos, fundaram cidades populosas, lançaram pontes sôbre os abismos, erigiram hospitais, edificaram hospícios no píncaro dos Alpes, para arrancar à morte desgraçados engulidos pelas neves, votando-se êles mesmos a uma morte inevitável; mas o cristianismo na sua imensa caridade virá em auxílio do gênero humano; esquecerá seus desvarios, e dissimulando suas levandades, fornecerá recursos valiosos, que reparem seus desastres. Aí está a história, aí estão documentos irrefragáveis para comprovar esta verdade. Os Beneditinos recolhem, nas sumidades do Cassino, as reliquias da ciência, o sobejo das artes escapado ao vandalismo, e ao machado dos bárbaros. Os Domínicos afugentam com seus escritos a depravação, e a ignorância, de que ressentia a idade média. Os padres trinos ocupam-se em resgatar os cativos cristãos, que gemiam nas masmorras de Argel, nas prisões de Trípoli, e nos banhos de Constantinopla em face das nações civilizadas. Os Franciscanos guardam, depois de séculos, êsses mesmos lugares santos, que a Europa inteira não pudera conservar além de oitenta anos a despeito de suas numerosas cruzadas; e quando as lavas do vulcão revolucionário com as doutrinas de Epicuro, propaladas nos salões de Paris, nutridas com as produções do ateísmo, elaboradas nos antros obscuros do barão d'Holbach, queimaram em 1773 êsses troncos seculares, cujos ramos frondosos haviam abrigado a França, as instituições verdadeiramente divinas do santo e imortal Vicente de Paula, as criações sublimes do padre l'Epeé, e do abade Sicard, reunindo milhares de meninos, e virgens expostas à corrupção e à miséria, surdos e mudos de nascença votados ao idiotismo, e centenares de pobres desvalidos, vítimas d'avareza, e da insensibilidade dos ricos, não deixam mais duvidar, que ao cristianismo está reservada a missão perpétua, generosa de adoçar, de minorar os males da espécie humana.

Deus se comprazia em derramar a enchente dos seus dons sôbre o homem estupendo, que êle escolhera na sua providência para ressarcir as perdas da Igreja. Êle se deixou ver cingido com o laurel

d'honra (1), e cercado do esplendor da santidade (2). O senhor entregou-lhe o coração dos príncipes, e confiou-lhe o império da natureza; a pompa de seus milagres dava testemunho da magnificência, com que o Eterno o sublimara. Pedro de Alcântara restitui vivo a uma mãe o filho, que acabava de perder; ressuscita na estrada entre Ávila e Pedroso um menino, que se afogara. Novo Eliseu aquece com o seu valor vital o inanimado cadáver do filho do conde de Ozoromo (3), fere as águas com seu manto, e encostado a seu cajado vadeia a pé enxuto o Tejo, e o Guadiana (4).

O universo acabava de presenciar um dêsses acontecimentos, que abafam a penetração mais atilada, e aluem o pedestal dos simulacros da grandeza. Quebrando entre suas mãos os reis, como se fôra um vaso de argila (5), despojando de suas insígnias os gloriosos, os sublimes da terra (6), Deus patenteia da mancira mais solene, que é êle quem domina os reinos, e os impérios (7), e que sòmente a êle pertence a exaltação e o poderio (8). O príncipe ilustrado, cujo nome é uma formosa autonomásia; o estadista profundo cuja administração prestara novas formas ao direito público, e criara o sistema político hoje conhecido com a denominação de equilíbrio europeu (9); o triunfador, que depois da batalha de Paiva recebeu em Madri a homenagem do monarca mais cavaleiroso do seu tempo (10); o guerreiro feliz, que escarmentou a arrogância de Túnis, e humilhara em Muhlberg a altivez dos príncipes confederados, arrojou o cetro, que se tornara um pêso insuportável. Carlos V tinha abdicado. O potentado que estendia sua dominação desde o gôlfo do México além das praias do Texel, e do Danúbio além da baía de S. Francisco, fatigado, enjoado da inconstância das mentiras, e das lisonjas do mundo, renunciou os tro-

(1) Éxod. c. 34. v. 30.

(2) Ecli. c. 45. v. 2.

(3) Mat. c. 11. v. 18.

(4) 4º Reg. c. 2. v. 14.

(5) Sal. 3. v. 9.

(6) Jó c. 12 v. 18, Is. c. 5 v. 14.

(7) Dan. c. 4 v. 14.

(8) Apoc. c. 19 v. 1.

(9) Robertson, "Hist. de Charles V".

(10) Francisco I, rei de França.

nos fulgurantes da Alemanha, da Espanha, da Sicília, dos Países-Baixos; desamparou as suas imensas possessões da América, e foi ocultar-se no interior dum mosteiro. O senhor d'Alhambra, e de Habsburgo esqueceu os estuques dourados d'esses paços suntuosos onde se ostentavam os primores do luxo, e encerrou-se nos estreitos limites de uma cela. O arminho, e a púrpura foram trocados pela sotaina do converso.

O taumaturgo de Arenas é conduzido pelo espírito de Deus à presença do ex-soberano, que ainda provocava a submissão, e o pasmo. Pedro de Alcântara está em S. Justo. Quê! O profeta de Tesbes virá exprobrar ao novo Achad as perturbações, com que inquieta a tôda a Europa, essas guerras intermináveis, êsses bandões acesos pela discórdia, essas labaredas sopradas pelo fanatismo religioso? (1) O vidente dará de rosto ao moderno Jerobão (2) por ter levado o saque e o roubo à capital do mundo cristão; constrangido o príncipe do episcopado (3) a refugiar-se no Castelo Santo Ângelo; e ludibriado o infortúnio, e ordenando preces públicas pela soltura do pontífice, que êle mesmo aprisionara? O novo Isaías pungirá o coração de Manassés (4) com a lembrança de ter evocado o cisma, e a apostasia induzindo o chefe da Igreja (5) a empregar um rigor inútil, e extemporâneo contra o príncipe (6), que alcançara de Leão X o título de defensor da fé? Aturdirá seus ouvidos com os gritos, e os lamentos dos filhos da Ataliba, e de netos de Guatimosin, que em vão pediam vingança das crueldades exercidas pelos primeiros funcionários do Estado; e recordavam o menosprêzo, em que tivera o venerável bispo de Chiapa (7), que inútilmente implorava em nome de Deus a liberdade dos homens? Pedro de Alcântara conhece a extensão dos deveres, de que o Senhor o encarregara; o discípulo da cruz rejeita obstinadamente o lugar honorífico de confessor do imperador, e da princesa Joana, sua filha. Não, não era à mesa dos grandes, e dos sátrapas, que devia sentar-se

(1) 3º Reg. c. 20 v. 17-22.

(2) Idem c. 20. v. 1-3.

(3) O papa Clemente VII.

(4) 4º Reg. c. 21. v. 20-12.

(5) O papa Clemente VII.

(6) Enrique VIII, rei da Inglaterra.

(7) Las Casas.

o homem portentoso, que se alimentava das iguarias dos santos (1), A atmosfera da côrte não podia convir ao apóstolo, que jamais teria resolvido cobrir a verdade com as roupas mentirosas da fábula, e subordinar a severidade da moral ao influxo do poder, e aos respeitos humanos.

Levanta-te e come, dizia o Senhor ao exilado de Betsabée, porque vais empreender uma longa jornada: *Surge comede: grandis enim tibi restat via* (2). Pedro de Alcântara recusa as carruagens reais, que lhe são oferecidas; e só, sustado no seu ânimo, aparece em Lisboa antecipado por todos os votos, e precedido por essa larga veia de luz, que ilumina a marcha dos grandes homens. Pedro de Alcântara conferencia com D. João II, que lhe suplicara o concurso de sua experiência nas circunstâncias melindrosas do seu govêrno, dissipa as inquietações do rei; instrui nas lições da mais alta piedade as filhas e a irmã daquele monarca, e confirma na devoção os nobres e o povo.

O lidador tinha já dobrado a meta do estádio, que levava de vencida. Exausto de fôrças, caiu sôbre montões de palmas, e grinaldas, que merecera por sua perseverança. Pedro de Alcântara está rodeado de seus irmãos, que o observam, choram e admiram. O pobre de Jesus Cristo despe seu hábito e pede outro mais velho, em que se envolva depois de morto. O superior olha em tôrno de si, e não encontrando quem ostente igual desprezo, veste igual à relíquia inestimável, e lhe dá em trôco sua túnica. O corpo do penitente assemelha-se a raízes ressecadas; sua pele está denegrida e queimada com o fogo da mortificação. O frio da morte agita seus membros lívidos e descarnados. Um moço religioso se aproxima e intenta estender sôbre êle um lençol: Retira-te, grita-lhe o lutador, ainda há perigo; o inimigo está em presença, ainda não cessou o combate!... O justo imprime seus lábios no sinal adorável da redenção... Pedro de Alcântara subiu ao trono de Deus!...

Salve, homem privilegiado! Salve, três vêzes salve, herói preclaro e excelso! Vinte e cinco anos são passados, que aqui mesmo, neste mesmo dia, proclamei a inauguração de tua estátua, e dei a saber que

(1) Est. c. 14 v. 17. Dan. c. 2 v. 8.

(2) 3º Reg. c. 19 v. 7.

a Igreja te havia reconhecido por principal patrono do Brasil. Não me iludi quando preconizei tão acrisolado merecimento; não fui enganado quando acreditei, que os Brasileiros estavam bem resguardados com o teu eficaz patrocínio. Vinte anos de ilusão e desvios, vinte anos de desares e calamidades, quase esquecidas e dissipadas, devem ter altamente comprovado que um poder invisível contra o qual em vão desenfreadam os tufões mais embravecidos, abriga e protege o império brasileiro. Tôdas essas quimeras duma perfectibilidade social, que não é permitido possuir; tôdas essas utopias falazes, que ainda não aproveitaram a algum povo, esvaeceram para dar ocasião de melhoramentos aconselhados pela sabedoria, e reformas acreditadas pela circunspecção. Um príncipe, no vigor da mocidade, prossegue avante à testa dêste movimento acelerado, que impele as nações para a sua prosperidade. Mais notável pelos dotes do seu coração, do que pela transcendência de suas concepções, persiste com afincio no intento glorioso de levantar o seu país ao grau da importância, que lhe reservam seus destinos. Animando as artes, favorecendo as ciências, dando à instrução literária o desenvolvimento de que é suscetível, restaurando os costumes, sendo êle mesmo um modelo de honestidade pública e doméstica, o novo Augusto marcará uma época nos fastos do seu reinado; e mais distinto, mais admirável por ter arrancado seu povo da abjeção, em que o deixaram o descuido e a indiferença dos seus antigos dominadores, ganhará para si um renome, uma consideração, que o estrondo das conquistas e o brilho efêmero das armas não podem alcançar. Uma das espôsas mais dedicadas de Jesus Cristo, vossa discípula querida, Santa Tereza de Jesus, deixou-nos dito, que o Senhor não rejeitaria alguma súplica, apoiada na vossa mediação. Pois bem: eu me dirijo a vós mesmo neste mesmo dia grandioso e memorável; eu vos suplico empenheis vossa poderosa intervenção em favor do Imperador, em favor desta nação briosa e magnânima, de quem vós sois o escudo, e um baluarte invencível e inexpugnável.

NILO PEÇANHA

No Espírito Santo, na campanha de 1921-1922.

Venho de examinar junto das populações do Norte grande duas vêzes, na “virtude de hospitalidade dos povos antigos”, e nas paixões da liberdade, fôrça e condição dos povos modernos, — as questões de economia nacional, de crédito público, de viação férrea, de marinha mercante, de legislação orçamentária, de imigração, de defesa nacional, de exploração das minas, da fundação das indústrias, da expansão da agricultura, — mas nenhuma delas sobreleva, nem se impõe tão imperiosamente ao futuro govêrno, como ao futuro da nossa própria raça, como a questão da instrução popular. (Muito bem! Muito bem!)

O Brasil nada será enquanto fôr um povo de 85% de analfabetos; falem-lhe em democracia, nas riquezas inertes do seu solo, em reforma social, numa República livre, nesses grandes problemas que aí estão a atroar os ares, nada seremos, enquanto êste povo não souber ler nem escrever. (Aplausos prolongados)

A França só foi grande quando a sua primeira assembléia republicana fundou o exército da inteligência, e nos seus decretos fundamentais, estabeleceu para cada mil habitantes um educador e uma educadora e que todos os homens e tôdas as mulheres receberiam a instrução e que ninguém seria mais privado dela por culpa da República.

Ela foi grande porque, desde aí, os seus educadores eram encarregados pelo Estado, como recorda J. Simon, de uma grande missão, a de fazer a Pátria, de fazer cidadãos e cidadãs, fazer a humanidade dos homens e das mulheres, e que tôdas as medidas foram tomadas

para que êsse augusto sacerdócio fôsse dos mais honrosos, dos mais nobres e dos mais altamente retribuídos.

Eu, por mim, se pudesse, ou tivesse podido, o Brasil não celebraria o seu centenário, respeitando embora as brilhantes intenções do Sr. Presidente da República, senão empregando êsses cinqüenta ou cem mil contos que vamos gastar com as especulosas e inúteis exposições de sempre — na criação de escolas para os três milhões e oitocentas mil crianças que as estatísticas dizem em condições de aprender e que estão a crescer, agora, nesse grande Brasil como animais sem que compreendamos, os homens de govêrno, que nenhuma maldição pesará mais sôbre a nossa capacidade, amanhã, que essa da República não ter decretado a instrução obrigatória e gratuita ao povo brasileiro. (Palmas)

Senhores! Somos talvez o único povo do mundo que tributa a instrução!

Ainda recentemente, um dos nossos mais brilhantes publicistas escrevia: “Num país em que espantosa é a percentagem de habitantes brancos, seria intuitivo, seria lógico, seria justo, seria mediocrementemente sensato, que fôsse gratuita a instrução oficial em todos os graus.

Não só gratuita, mas, em determinadas circunstâncias, auxiliada pelos poderes públicos, aos quais deverá incumbir, o fornecimento de livros às crianças reconhecidamente pobres e o patrocínio de caixas escolares que liberalizassem àquelas os meios que aos pais falecem para as fazerem instruir.

Mas entre as singularidades pasmosas, entre as excentricidades ineptas, entre os absurdos da nossa burocratização dispendiosa, figura a instrução como receita para o erário público. (Muito bem!)

E êsse publicista não declamava nem referia um caso ocorrido nas remotas regiões do interior do país, mas na própria capital da Nação, onde um certificado de exame custa 5\$, inclusive o sêlo, uma inscrição em determinada disciplina custa 10\$, inclusive o sêlo do requerimento; e como se não bastassem tais sangrias: a cada pedido de inscrição devem acompanhar 5\$, em sclos, para serem inutilizados e a inscrição requerida pelos candidatos, menores, sem idade civil, é recusada se o

pai ou tutor não confirmam, em declaração anexa, a filiação ou a responsabilidade jurídica, imprescindíveis para a identificação dos requerentes, devendo a firma do pai ou tutor, constante dessa declaração, passar pelas forças caudinas do reconhecimento do tabelião.

E assim, para cada disciplina, são precisos 22\$ e se o examinado não faz um, mas três exames, terá de pagar 66\$500. E se em vez de um são três, os filhos da mesma vítima, o imposto contra a instrução atinge a 190\$000! (Oh! oh!)

Os nossos dirigentes nunca tomaram a sério a campanha contra o analfabetismo e é preciso que tenhamos um governo que assuma desde já o compromisso de enfrentá-lo.

Não há muito a esperar dos Estados que estão ou oneradíssimos de dívidas no estrangeiro, ou se têm rendas folgadas, como Minas Gerais, o grande Estado da liberdade, oprimido neste momento; elas jamais se destinariam à instrução dessas 900.000 crianças mineiras, que lá estão clamando por escolas, tanto se precisa de recursos para manter o “fogo sagrado” dos tubarões do jornalismo do Rio de Janeiro, neste assalto à Presidência da República. (Palmas prolongadas)

É certo que o Ato Adicional entregou o ensino primário às nossas antigas províncias, mas a Constituição da República não impede que a União colabore nessa obra de salvação pública, já fundando as escolas normais, de onde sairiam os professores de amanhã, já interessando todos os órgãos da opinião, do pensamento e da fortuna do Brasil na realização da grande reforma social!

Senhores! Eu também tenho o direito, por muitos que sejam os meus erros, de, neste assunto, falar alto aos nossos concidadãos, porque nestes trinta anos de regime, foi o governo a que tive a honra de presidir, que lançou as bases do ensino profissional, nessas dezenas de institutos que aí estão criados, nas capitais do Brasil. (Aplausos)

Eu tinha já então em vista o exemplo de vários países da velha Europa, que não possuindo embora minas de carvão e de ferro como tem o Brasil, ainda assim a instrução técnica pôde nêles fundar as suas indústrias de transformação, condição de defesa dos povos inteligentes e trabalhadores.

A essa instrução técnica são ali mesmo devidas as fábricas de fiação de sêda, de lã, de algodão, além das numerosas indústrias químicas e eletroquímicas, não obstante faltar a êsses povos a matéria prima para as suas usinas, que êles importam do Japão, da França, da Argentina e do Brasil, mas aos quais vendem a sua produção manufaturada.

Essas escolas profissionais que aí estão, rudimentares ainda, se quiserem, já ensaiam a emancipação do brasileiro e o equilíbrio da sociedade futura. (Muito bem! Muito bem!)

Não saíram das academias os inventores da locomotiva, do navio, do telégrafo, do telefone e de centenas de outras invenções, em que os seus autores, humildes representantes do trabalho manual e verdadeiros criadores da civilização moderna, sabiam fazer uma coisa que os sábios de hoje ignoram, isto é, servirem-se das suas próprias mãos.

E justificando a sua fundação, eu nela via a reação contra a extensão do princípio da divisão do trabalho, quando estabeleceu duas classes distintas, a dos intelectuais e a dos trabalhadores, o que vale a dizer a escravidão de uma pela outra, e como se êsse desprezo pelo trabalho manual que é a verdadeira disciplina do homem e essa injustiça, muitas vêzes secular, que vem perturbando a consciência do maior número e caracterizando a nossa civilização feita de egoísmo e de sensualidade (aplausos), e que deu a uns o monopólio do pensamento tão absurdo e tão odioso, como seria o da luz, o do ar, o da respiração e aos outros, isto é, aos operários, a servidão, a ignorância e os duros encargos da vida (palmas), pudesse corresponder aos nobres destinos morais e intelectuais do homem.

Essas escolas que nós fundamos e que continuaremos a fundar, porque seremos o governo do Brasil (palmas), representam uma reação contra o prejuízo das aristocracias, que relegando às classes trabalhadoras o comércio e as indústrias, dividiram a sociedade de hoje em dois campos rivais e inimigos e puseram em perigo a ordem moral e material das nações.

De escolas como essas que nós fundamos é que um operário, êsse Watt, saiu para inventar o vapor; que êsse outro operário, Jacquard, também saiu para revolucionar a tecelagem; e como êsse outro, operá-

rio ainda e filho do povo, Stephenson, para construir a primeira locomotiva. (Aplausos. Aclamações)

Não! A humanidade era mais feliz, dizem os escritores, quando os homens de ciência conheciam o trabalho manual e Galileu fazia o telescópio com as suas próprias mãos e Newton, desde a sua infância, os instrumentos que tanto contribuíram para o êxito das suas descobertas.

Aos filhos do trabalho manual, deve o mundo a maravilha das grandes invenções.

As invenções têm precedido sempre a descoberta das leis científicas: não foi a teoria mecânica do calor, diz Kropotkine, que antecedeu a invenção da máquina.

Já milhares de máquinas transformavam o calor em movimento, quando meio século depois, os sábios formularam a teoria dinâmica correspondente e no mundo inteiro a indústria já transformava o movimento em som, em luz e em eletricidade, quando apareceu a teoria da correlação das forças físicas.

Não haverá perigo de convulsões sociais num país que tenha reabilitado as artes mecânicas (muito bem!), que tenha emancipado a atividade de cada um, em que todos os homens, sem distinção de nascimento, de condição ou de fortuna, tenham recebido uma educação prática.

Só a ciência faz a verdadeira igualdade, exclama um dos líderes do pensamento francês contemporâneo, e se ela se assemelha ao farol do alto das montanhas, e que entre ele e vós haja um mundo de princípios, de florestas e de abismos, é preciso chegar até lá, antes com ambição de subir do que com medo de morrer, pois ainda assim se morreria sempre com os olhos voltados para o sol. (Apoiado)

Vós, povo espírito-santense, conheceis como povo brasileiro, as nossas idéias e a nossa tradição política. Ide inquiri-las, porém, no campo oposto: sua imprensa não discute, insulta; não instrui, difama! Sua tribuna emudeceu, mas o Tesouro é o mercado das consciências venais.

A sua política, vós o sabeis, em trinta anos de regime, excetuada a presidência de um ilustre militar, a presidência atual, e a minha obscura interinidade de dezessete meses, tem dominado o Brasil sem contraste.

E o que ela tem feito? O que ela já organizou?

Eu acabo de falar ao povo brasileiro em doze capitais da República e dou graças a Deus de tê-lo surpreendido ainda forte em meio das próprias desesperanças, das aflições e do seu trabalho e do seu crédito, mas amaldiçoando essas oligarquias que lhe subtraíram o direito do voto, que lhe diminuíram a fortuna, que lhe violaram os lares, que lhe perturbaram a consciência, que tornaram os Estados vassalos uns dos outros (palmas), que lhe arrebataram as terras, como se fôsem devolutas, que lhe depuraram os representantes (palmas) e aos bravos sertanejos sem pão só abriram as estradas do banditismo, do crime e da reação armada!! (Palmas prolongadas)

E enganam-se todos quantos têm visto no sertanejo do norte a resignação muçulmana, a indolência ou a insensibilidade mórbida.

Reconhecei-o de preferência, na aguda observação de Abdias Neves, obediente ao princípio da autoridade, incarnar-se esta nos patrões, no governo, ou nos portadores das funções públicas, — mas com um melindre e um sentimento de altivez indomável. Não tolera que o humilhem.

Os impulsos que lhe dormem nos extratos dos instintos inferiores irrompem, se preciso, em bravura e em solidariedade!

E a fisionomia apática, senão a atonia muscular da primeira vista, se tornam flexibilidade e vivacidade nervosa.

Nenhum homem teria tido, talvez, resistindo à natureza hostil, uma escola de paixões, de lutas e de sofrimento tão apurada ou tão viva; nem sei que outros meios e outras raças tenham criado um homem de tanta coragem e tanta sensibilidade.

Cético por temperamento e por experiência própria, e embora o Império ou a República, pouco importa o regime, lhe tenham negado a instrução para os filhos, assistência aos enfermos, polícia para sua

segurança, justiça ao seu direito, êle só foi o revoltado quando lhe arrebataram a propriedade e lhe negaram a proteção da lei. (Apoiado)

“O *fazendeiro dos sertões*”, diz Euclides da Cunha, “vive no literal, longe dos dilatados domínios que nunca viu, às vêzes. Herdaram velho vício histórico. Como os opulentos sesmeiros da colônia, usufruem parasitariamente as rendas de suas terras, sem divisas fixas. Os vaqueiros são-lhes servos submissos. Graças a um contrato pelo qual percebem certa percentagem dos produtos, ali ficam anônimos, — nascendo, vivendo e morrendo na mesma quadra de terra, — perdidos nos *arrastadores* e mocambos e cuidando a vida inteira, fielmente, dos rebanhos que lhes não pertencem.

“O verdadeiro dono, ausente, conhece-lhes a fidelidade sem par. Não os fiscaliza. Sabe-lhes, quando muito, os nomes. Envolto, então, no traje característico, os sertanejos encourados erguem a choupana de pau-a-pique à borda das cacimbas, rapidamente, como se armassem tendas e entregam-se, abnegados, à servidão que não avaliam.”

Essa sociedade, êle depõe, ainda se rege por um código digno dos tempos da cavalaria; em nenhuma outra parte se pratica com mais ardor o culto da lealdade e da hombridade, nem o respeito ao pudor das mulheres e à santidade dos lares.

Cangaceiros, jagunços, bandidos, tenham os nomes que tiverem, êles só o são porque a política brasileira os fêz assim. (Palmas)

Nem a camorra italiana que entesta, hoje, com os tribunais, abrindo um doloroso parêntese à civilização da Itália, se fêz num só dia, de um jato, inimiga da sociedade e da ordem.

Ela nasceu, ao contrário, como um instrumento de legítima defesa quando as primeiras dominações reais, célebres pela sua crueldade, pela sua avareza, consideravam as duas Sicílias como um país conquistado e obrigaram os perseguidos a fundar a justiça pelas suas próprias mãos.

E já que tive de invocar o precedente estrangeiro, consenti que eu termine replicando a uma das recentes investidas do campo adverso.

Nós não somos, como escreveu há dias um dos órgãos da candidatura oficial, em resposta a uma memorável oração parlamentar de Otávio Rocha sobre o pretendido espírito de separatismo do Rio Grande do Sul, da Bahia, de Pernambuco e do Rio de Janeiro: — a “caricatura das republiquetas degradadas da velha Itália”.

Na Itália, ninguém, hoje, condena os movimentos de insurreição liberal que puseram por terra a tirania e que proclamaram a Unidade Gloriosa. (Muito bem; muito bem!)

Lede esta página quente e justa de Timandro, o grande panfle-tário, quando a Sicília rompe o nexo que a prendia a Nero napolitano e proclama uma Constituição sua e reconquista o govêrno de si mesma; quando Nápoles reage e a dignidade do homem jazia no opróbrio de reconhecer como lei única o alvitre de um déspota; quando Sardenha abre a carreira por onde chega a firmar o império da liberdade; quando Toscana, Parma e Módena arvoram o estandarte da revolta contra os seus respectivos Augústulos; quando o Leão de S. Marcos expande as asas e restaura com a sua independência o esplendor do seu comércio; e quando a Lombardia se insurge em pêso contra a casa da Áustria e marcha com o seu rei cavaleiro, — lede esta página, de verdade, de heroísmo e de sentimento nacional italiano, — e vereis que êsse movimento brasileiro, que veio das cristas das águas do Chuí, que envolveu o Paraíba, que tomou o S. Francisco (bravos!), que chegou ao Capiberibe e que foi ao Amazonas, é o Brasil de amanhã e que venceremos (bravos!) porque somos a justiça, essa imensa figura eterna de que falou o exilado de Jersey, com os pés no coração do homem, mas com as asas e o pensamento no Cruzeiro do Sul! (Palmas prolongadas)

NILO PEÇANHA

Discurso pronunciado na Academia de Letras
de Manaus (1921).

Vós sois o pensamento livre, enamorado da beleza eterna, rico dessa força sempre nova, criadora do amor, da glória, da riqueza, da fé e das grandes obras do coração; sois a ilusão que inspira as artes e que inspira o livro: — guardai, por isso, a par dessa alma renovadora da esperança, o sabor e o encanto das letras clássicas, que formam a subestrutura da vossa educação literária e alimentam na tradição de virtude dos povos antigos as energias do patriotismo e da raça.

Fora delas — nas misérias, nas competições e no egoísmo do mundo — nada há que possa ferir a vossa imaginação.

Ainda agora, da grande guerra da Europa, do período mais atormentado da História, nada saiu ainda no teatro, no romance, na poesia, na legislação internacional, que possa perpetuar o sacrifício do sangue, do entusiasmo e da ilusão dos homens. (Apoiado)

Como que a fatalidade que fez parar o trabalho dos campos e das fábricas, fez parar o pensamento também (muito bem); é como se da atmosfera moral das trincheiras tivesse saído um coração doente, irritável, mau, com o seu regulador falseado, como dizem os cardiólogos, ou como se o fogo das batalhas de que falam as escrituras não tivesse sido bastante para purificar o mundo das suas culpas. (Muito bem)

E se a atividade literária é função de tôdas as formas da atividade humana, — não é, por certo, para os nossos dias, a transformação das artes ou a reforma da sociedade, nem para os nossos dias que a

vibração das almas exaltadas pelas dores fecundas da guerra realize a sua obra de fraternidade e de justiça. (Muito bem)

O presente na Europa vive a querer imitar o passado e nem sempre com a mesma filosofia ou a mesma simplicidade elegante.

Eu lá estava e o que no momento apaixonava a literatura e inspirava a derradeira tese de E. Rostand, como em seguida a Henri Bataille e a outros, era a mesma tesc que antes, e com tanto brilho, havia inspirado Byron na Inglaterra, Hoffmann na Alemanha, Dumas e A. Musset na França.

Nada tem variado nem tem sido acrescido de uma originalidade ou de uma idéia nova.

Até no mundo das flôres houve quem observasse que nenhuma inspiração na poesia é ainda hoje mais obsecante que a rosa, nascida, se quizerdes, do sangue de Adônis ou de Afrodite, protetora dos guerreiros nos combates, abrigando e recolhendo as lágrimas de Maria Madalena, flor da volúpia no paganismo sensual, vida e graça dos altares no cristianismo; ela ainda é hoje o motivo e o enfeite de quanta manifestação literária fale aos sentidos e à fantasia, ou celebre o esplendor das princesas. (Muito bem)

Tudo, como vêdes, se repete.

Em tôrno de vós, ao contrário, vive sempre o ideal e o desconhecido.

A própria hidrografia dêsse ambiente extraordinário de natureza que vos cerca ainda figura indefinida; êsse Amazonas que E. Récius achara maior que o Mediterrâneo como que ainda fixa o seu leito e constrói a sua moldura; êsse Amazonas que a outro sábio, Morris Davis, pareceu, para traçar a sua calha permanente, está a aprofundar e a entulhar, está a destruir e a levantar, está a retificar e encurvar, ninguém sabendo até onde irá êsse trabalho ciclópico para suspender a terra (muito bem); êsse Amazonas, cujos grandes lagos, baías e canais podem transformar-se amanhã, no dizer de R. de Moraes, na vasta planície quaternária, capaz antes de receber a locomotiva que conter o navio...

Sois sempre o movimento e a evolução orgânica e na fronteira setentrional do Brasil sois o nosso maior orgulho. (Aplausos)

A crise, que aí está, é comum a todos os povos que renunciam a agricultura pelas indústrias extrativas; mas vai passar, tais são as energias e tal é a aflicção de todo o Brasil diante dos vossos sofrimentos.

Não pode morrer o povo que Tavares Bastos, o profeta do liberalismo, assinalava entre dois oceanos, entre a Europa e a Ásia, como um dos centros do futuro comércio do mundo, e que a êle recordava a América, na visão de Colombo, entre duas grandes massas d'água, equilibrando a Terra. (Palmas prolongadas)

D. ROMUALDO ANTÔNIO DE SEIXAS

Discurso que, como orador da Deputação, dirigiu a Sua Majestade Imperial, no dia 7-7-1838.

Senhor! O ato de um Povo que sentindo a consciência das suas forças e da sua dignidade sacode o pesado jugo de uma longa tutela e reassume seus naturais direitos para constituir-se no lugar que seus altos destinos lhe assinam entre as Nações civilizadas, é, sem dúvida, um dos que mais brilham em seus fastos e tão digno de seu respeito e gratidão que o mesmo Supremo Legislador e Árbitro dos Impérios não se dignou de prescrever, como especial objeto do Culto de um Povo célebre, para ser transmitida até à última posteridade, à memória do dia venturoso em que o seu Braço Onipotente o libertou da mão dos seus opressores. Mas, entre estas pasmosas vicissitudes que mudam a face das Nações e que muitas vezes escapam à providência e aos cálculos da política humana, qual é o povo que pode gloriar-se, como o Brasileiro, de uma proteção mais singular e de mais copiosas bênçãos do Céu, no heróico empenho de conquistar seus legítimos fôros e independência? Ao passo que outros povos do antigo e novo mundo apresentam seus gloriosos troféus enegrecidos de sangue e marcados com as calamidades de uma porfiosa e encarniçada luta: e que muitos ainda erram, mal seguros e vacilantes ao impulso das paixões inimigas da Paz e da verdadeira Liberdade: o Brasil, Senhor, não ostenta hoje senão recordações gratas e puras de um Triunfo talvez sem exemplo na história das Nações.

Apenas o Augusto Pai de V. M. I., o magnânimo Fundador do Império, soltou nas margens do Ipiranga o grito sublime da Independência, a êsse mágico som estalaram as cadeias que já não podiam convir, sem desonra, a um povo numeroso e ilustrado: confundiram-se

neste magnífico pensamento todos os interesses e tôdas as vontades; e o Brasil, de uma até outra extremidade, se viu, como por encanto, reunido em tôrno do Príncipe imortal, que não era senão o intérprete dos seus generosos sentimentos: as mais poderosas Nações da Europa correm, não em seu auxílio para debelar falanges inimigas, mas para saudá-lo como seu igual e solicitar sua amizade; enfim, três lustros apenas têm decorrido e o Brasil, através de mil escolhos e embaraços, avança sereno e majestoso na brilhante carreira da civilização.

Tais são, Senhor, os prodigiosos efeitos dessa política rara e feliz que identifica os Príncipes com os povos: seu trono, firmado nos corações se torna, então, um centro inexpugnável donde parte a luz, o movimento e energia, que vivifica tôdas as partes do corpo político e triunfa de todos os obstáculos. Só esta ditosa aliança entre o povo e seu Chefe; só esta unidade de crenças e de sentimentos que constitui a vida das Nações será capaz de consolidar esta grande obra e realizar essa imensa e indefinida perspectiva de grandeza e de glória, que a natureza tem assinalado ao nosso abençoado País.

É com êste espírito, Senhor, que a Câmara dos Deputados nos encarrega de vir exprimir respeitosamente, ante o Trono de V. M. I., o íntimo júbilo de que ela se acha possuída neste dia faustíssimo e sempre memorável. Fiel à sua alta missão e aos seus sagrados juramentos, a Câmara dos Deputados forma os mais ardentes votos pela estabilidade do Trono Constitucional, como o mais firme penhor da Independência, da união e da prosperidade Nacional. E êstes votos, Senhor, ainda se tornam mais fervorosos ao contemplar sentado neste augusto Trono um jovem Monarca, delícias da Nação, e objeto das suas mais caras esperanças. Possa o seu reinado, afugentando para sempre de nossas praias o feroz demagogismo, desempenhar (nós o confiamos) tôdas as condições de uma Monarquia independente, respeitada, livre e feliz.

Aquêlê Deus, que vela incessantemente sôbre os destinos do Brasil e que tem na sua mão os Corações dos Reis, queira escutar propício êstes votos de um povo fiel que olha a Religião de seus Pais e o Trono de seus Monarcas como os principais elementos e as mais sólidas bases da sua existência política.

D. ROMUALDO ANTÔNIO DE SEIXAS

Discurso que recitou, como Arcebispo da Bahia, no ato da instituição da Confraria de S. Vicente de Paula.

Senhores

A importância do objeto que ora nos reúne neste lugar é já tão manifesta e patente que eu abusaria da vossa paciência e faria injúria à vossa piedade, se pretendesse ainda demonstrar as vantagens da Instituição sublime das Irmãs da Caridade. Com efeito, elogiar as virtudes destas Virgens angélicas, imagens visíveis da Providência que vela incessantemente sobre a sorte do pobre e do infeliz é fazer o elogio da mesma caridade, rainha de tôdas as virtudes, o mandado novo por excelência, e o laço Divino que une os homens entre si e prende o Céu com a Terra. Percorrei os caracteres da verdadeira caridade traçados pela mão do grande Apóstolo das Nações e vós tereis o tipo e modelo de uma Filha de São Vicente de Paula. A caridade é paciente e benigna; ela não é ambiciosa, *não busca seus próprios interesses*, não se irrita, nem suspeita mal, não folga com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; os obstáculos e resistências longe de a enfraquecerem, não servem senão de dar-lhe maior alento e fervor; ela tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo sofre. Enfim, a caridade nunca há de acabar, porque ela é uma fonte viva que não se esgota, mas que se estende pelo ímpeto da sua corrente; é uma chama sempre ativa que se não extingue, mas que se multiplica pela sua ação, porque ela vem de Deus (1).

(1) Vide a 1ª carta aos Coríntios, cap. 13, e o erudito Comentário de M. de Genoude a este lugar, no tomo 5 da sua tradução da Bíblia.

Quem não divisa, Senhores, neste quadro magnífico o fiel retrato dessas ínclitas Virgens dedicadas por estado a empregar-se sem reserva e sacrificar com alegria a própria vida no exercício de uma ilimitada caridade? Onde se viu nunca no meio de tantos perigos a que uma tal profissão expõe um sexo fraco e delicado, maior pureza de costumes, abnegação, desinteresse, assiduidade ao trabalho, e sobretudo essas virtudes que, na frase de um judicioso escritor, marcham após a paixão sublime da caridade, a paciência para suportar os males alheios, a compaixão para os lastimar e a condescendência para os suavizar e curar (1)? É impossível contemplar a Irmã da Caridade junto ao leito do enfêrmo ou do moribundo, sem ser profundamente tocado da sua terna solicitude e da unção celeste que respiram suas palavras.

Ah! só um Deus, que é o mesmo amor, podia operar tão inaudita maravilha: só a Religião, emanada do seu mesmo seio, podia revelar este segredo até então desconhecido. Sim, foi o Cristianismo que reabilitou e restituiu a dignidade da mulher aviltada entre as mais polidas Nações da antiguidade pagã, confinada no interior do *Gineceu*, e reduzida à dura condição de escrava. Os seus Poetas, Filósofos e Legisladores a rebaixaram até supô-la incapaz de instrução, de virtude e liberdade, e sem outro destino que a perpetuidade da espécie. Ainda hoje, nos Países onde não raiou a luz do Evangelho, é tão miserável a sua sorte que em uns se lhe encurtam bárbaramente os pés desde a infância, para impossibilitá-la de andar, em outros, obrigam-na a precipitar-se e perecer na fogueira onde é lançado o cadáver do marido, em outros, finalmente, a deixam tristemente vegetar na prisão doméstica de um *Harém*. A civilização Cristã, Senhores, dissipou um tão funesto erro. Ela não só reintegrou a mulher nos seus naturais direitos e a elevou a uma ordem mais nobre e digna da honra inefável de conceber em um seio virginal o Filho do Altíssimo revestido da nossa natureza, como também a divinizou de alguma sorte, escolhendo-a para depositária da ternura de Jesus Cristo para com os pobres, objetos da sua predileção e nos quais êle quer que se reconheça e se ame a sua própria pessoa — *Quandiu fecisti ini ex his fratribus*

(1) Vide o citado Comentário no v. 8º da mesma carta aos Coríntios.

meis, minimis, mihi fecistis (1). Eu me levantaraei, disse o Senhor, por causa da miséria dos desvalidos e gemidos dos pobres (2); e logo o seu espírito baixou sobre um obscuro e humilde Padre da França e formou dêle o prodígio e o taumaturgo da Caridade. Sem meios, sem poder, nem outras recomendações que a sua virtude, êle abraça, na extensão do seu zêlo e abrasado amor do próximo, tôda a qualidade de males a que está sujeita a humanidade. Não há dor, miséria ou infortúnio que não encontre um asilo. A França e quase tôda a Europa é coberta de monumentos da sua infatigável caridade. Êle fala e ninguém resiste à sua voz; os corações se comovem e as lágrimas correm de todos os olhos; as bôlsas se abrem e como por encanto se multiplicam os recursos, já para recolher e salvar da morte as inocentes vítimas do abandono de ímpias e cruéis Mães, já para tratamento e alívio dos pobres enfermos, já para a instrução religiosa dos habitantes do campo, já enfim para livrar dos horrores da fome províncias inteiras, mais desoladas que outrora a infeliz Jerusalém, com êste espantoso flagelo.

Sabeis, Senhores, quem é êste Padre humilde, mas poderoso em obras e palavras, êste novo José que salvou a França e a Lorena? É o nosso Glorioso Protetor, Fundador e Pai das Irmãs da Caridade, o imortal São Vicente de Paula. A imensidade do seu generoso coração não se podia satisfazer só com o presente, e não menos solícito do futuro, êste homem de misericórdia imprimiu o seu espírito e perpetuou o ministério da caridade que o inflamava, nessa piedosa Congregação, um dos mais belos ornamentos da Igreja Católica. Que diferença, Senhores, entre a Caridade Cristã, fecunda, magnânima e divina, e essa tão inculcada *filantropia*, estéril, fria, interesseira, ineficaz e subordinada aos cálculos da ciência e de uma legislação puramente humana, que nem ao menos tem podido atalhar a horrível chaga do pauperismo em um dos mais cultos Países da Europa, onde foram suprimidos os antigos Estabelecimentos da Caridade! Os próprios Filósofos reconheceram esta verdade, tributando públicos encômios e uma espécie de culto ao incomparável São Vicente de Paula e às suas

(1) Mat. cap. 25, v. 40.

(2) Salm. 11, v. 5.

magníficas fundações, que elles nunca puderam imitar, não lhes sendo dado pela Justiça Divina senão o fatal poder de destruir; mas suas aparatosas homenagens longe de realçarem, foram antes um insulto à memória d'este Herói do Cristianismo, associando-o aos seus pretendidos oráculos com a pomposa inscrição de *Filósofo Francês do Século XVII*, e collocando sua estátua no mesmo Altar com a do famoso Rousseau! Que injúria! Que pasmoso contraste entre êstes dois homens célebres: “entre o amigo e benfeitor dos desgraçados, que tantos e tão duradouros serviços prestou ao seu País e à Humanidade, e o Cidadão indifferente, que confessa não ter praticado em tôda sua vida uma só ação de que a Pátria se pudesse glorificar; entre o homem prodigioso que funda e enriquece innumeráveis asilos para os míseros expostos, e o bárbaro Pai que, abusando de suas luzes, vai expor nesses mesmos asilos os frutos da sua libertinagem” (1).

Desculpai-me, Senhores, de haver fatigado a vossa atenção a despeito do propósito que eu annunciara. Sem dúvida não foi com intenção de vos instruir e ainda menos de fazer um novo apêlo ao vosso coração, que já assaz se tem pronunciado. Mas vós sabeis que, na presença dos mais caros interesses da Religião e da Humanidade, não é sempre fácil moderar e conter dentro dos limites que se há prescrito, os acentos, que partem dos seios d'alma.

Eu vou, portanto, concluir, depois de pagar um tributo de louvor e agradecimento aos illustres representantes da nossa Província, dos quais um, a impulsos do seu reconhecido patriotismo, ofereceu há oito anos um projeto, que não pôde então ser levado a efeito, para a vinda das Irmãs da Caridade (2) e outros movidos do mesmo nobre sentimento acabam de o reproduzir e submeter à discussão (3), projeto que não deixará de merecer, eu o espero, a unânime aprovação dos nossos Le-

(1) V. a obra intitulada “Anais Filosóficos, Morais e Literários”, tomo 6, págs. 61 e segs.

(2) O Sr. Des. João José de Oliveira Junqueira.

(3) Os Srs. Drs. Aprígio José de Souza e Francisco Olegário Rodrigues Vaz e os Srs. Cura da Sé, Vicente Maria da Silva, Cônego Vigário da Vitória Dr. Joaquim d'Almeida, Cônego Vigário da Saubará Pedro da Silva Freire e Cônego Vigário do Pilar José Joaquim da Fonseca Lima.

gisladores. É com atos desta natureza que os Eleitos do Povo se tornarão credores das suas Bênçãos, e avançarão a grande obra da civilização do seu País, que só pode consolidar-se sôbre a base eterna da Religião e da Moral.

Só resta agora deliberarmos sôbre a organização da Irmandade de São Vicente de Paula, que hoje vimos instituir, e cujo fim, como vos ponderei na Pastoral de 5 do corrente, é obter os meios de conseguir a vinda das Irmãs da Caridade, e realizar o seu estabelecimento nesta Capital. Ao ver em tórno do indigno Pastor desta Diocese tantos conspícuos varões animados de um santo entusiasmo, eu me acho possuído de íntimo júbilo e não posso já duvidar do feliz êxito desta emprêsa, ao mesmo tempo religiosa e eminentemente social. Senhores, o Pai das Misericórdias vos delega hoje os seus poderes para a defesa e proteção do pobre, do órfão e de todos os que sofrem. — *Tibi derelictu est pauper, orphanu tu eris adjuter* (1). Foi sob iguais auspícios e pelos valiosos auxílios de distintos Cidadãos e respeitáveis Matronas que Vicente de Paula dotou o Universo com esta providentíssima Instituição. Ah! o doce prazer que produz em uma alma bem formada a prática da beneficência, os votos de reconhecimento do pobre que se elevam até os ouvidos do Eterno, e sobretudo as celestiais recompensas prometidas à simples esmola de um copo d'água fria (2) vos retribuirão com usura todos os sacrifícios que fizerdes por uma tão bela causa.

Nesta firme confiança proponho: 1º) Que se proceda à eleição de uma Mesa composta de 9 membros, entrando neste número o Provedor, Vice-Provedor, Escrivão e Tesoureiro. Esta Mesa apresentará com a possível brevidade um projeto de Compromisso da Irmandade. 2º) Que se elejam igualmente Agentes encarregados de promover, desde já, subscrições para obter os socorros com que a piedade de cada um quizer contribuir para uma obra tão salutar e meritória.

(1) Salm. 10, v. 17.

(2) Mat. ep. 10. v. 42.

D. ROMUALDO ANTÔNIO DE SEIXAS

Discurso pronunciado em 3-7-1827 na Assembléia Geral Legislativa, sôbre o Tratado para a abolição do tráfico da escravatura.

Parecerá talvez temeridade, que depois do erudito discurso, que ouvi ontem a um illustre orador sôbre o Tratado da abolição do comércio de escravos, eu apareça em campo sem possuir os mesmos cabedais de luzes e conhecimentos, para combater as opiniões que êle tão sâbiamente expendeu; mas é necessário que eu justifique a divergência das nossas idéias no parecer da Comissão de que ambos temos a honra de ser Membros. Começou o nobre Deputado por fazer a sua protestação de fé política, declarando que êle reprovava como justo e criminoso o tráfico da escravatura; mas na série do seu discurso explicou-se de tal forma que, se eu não conhecesse os seus liberaes e filantrópicos sentimentos, assentara que êle era um dos mais ardentes defensores e apologistas de tal comércio. Disse que da abolição dêste comércio resultaria a total desgraça da Nação Brasileira, e concluiu que o Tratado era nulo, apoiando a sua asserção com o exemplo da França no tempo de Luís XII. Convenho nesse princípio, geralmente, reconhecido da nulidade dos Tratados ruinosos à Nação, pois nunca se pode presumir que ella queira autorizar o seu Chefe ou Condutor para fazer transações que podem causar a sua desgraça; mas cumpria ao illustre Deputado demonstrar que o Tratado em questão se achava neste caso; e é o que me parece que êle não preencheu; e pelo contrário, quando confessa que o Tratado proíbe a continuação de uma cousa injusta ou criminosa, ou se contradiz manifestamente, ou supõe que a injustiça e o crime podem fazer a felicidade de uma Nação. Mas quem não vê quanto semelhante princípio é falso e perigoso, e que a

política, separada da justiça, não pode ser senão um laço armado contra a segurança e prosperidade das nações, ou uma base ruínosa que cedo ou tarde lançará por terra o edifício social? Tôdas as nações são obrigadas sem dúvida a procurar o meio da sua conservação e bem ser, e evitar a sua destruição; mas é preciso que estes meios não sejam injustos, nem reprovados e proscritos pelo Direito Natural. Isto é o que diz Vattel, e todos aquêles que ensinam os primeiros elementos do Direito Natural e das Gentes. E haverá quem diga que os meios fornecidos pelo Comércio de escravos não são injustos, ou que este comércio não é ilícito, vergonhoso, degradante da dignidade do homem, anti-social, opôsto ao espírito do Cristianismo, e sômente próprio para retardar os progressos da civilização da espécie humana? (Apoiado). Eu faria certamente injúria aos nobres sentimentos desta Augusta Câmara, se me fizesse cargo de mostrar a injustiça de um tráfico que se acha em contradição com as luzes do século e com os princípios de filantropia altamente proclamados e professados pela Nação Brasileira.

Apresentou depois o ilustre orador um triste e medonho quadro das guerras e hostilidades que cometem reciprocamente as tribos africanas, e fêz ver que até era um ato de humanidade arrancar os desgraçados negros à morte ou escravidão, a que eram condenados no seu país natal; mas eu creio, Sr. Presidente, que nenhum dêsses africanos agradeceria ao ilustre Deputado este ato de compaixão e humanidade que os arrebatava da companhia de suas mulheres, de seus filhos, e de sua Pátria, para os vir entregar, com a mais horrível degradação e zombaria, ao açoute de um senhor implacável; quanto mais que é constante, pelo testemunho de todos os viajantes, que essas guerras nunca foram mais freqüentes e cruéis como depois da introdução de tão abominável tráfico; que foi desde tão funesta época que a escravidão começou a ser na jurisprudência dos africanos a pena do crime; que desde então, a confiança e a paz fugiram daquelas regiões; e que a presença de um navio sôbre a costa se torna como o sinal da mais bárbara perseguição, estimulando a cobiça, a perfídia, e a vingança, que despegam e exercitam sôbre as povoações vizinhas a sua fatal influência. E quem serão os culpados dessas guerras, hostilidades, efusão de sangue, suicídios, e de tantos horrores, que revoltam a natureza, se não os armadores, ou antes os governos que os consentem e autor-

zam? Para colorar o crime, invocam-se as leis da humanidade atrozmente suplantada, assim como já se tem invocado sacrilegamente o nome da religião, com o pretexto de converter os africanos, como se uma religião celestial e divina, uma religião que proclama os primitivos direitos do homem, que o restituiu à sua dignidade, mostrando estampada no seu ser a formosa Imagem da Divindade, uma religião enfim, que reprova a violência e a força, que na frase do sábio Fenelon não pode fazer senão hipócritas, se pudesse propagar por tais meios diametralmente opostos ao seu prodigioso estabelecimento. (Apoiado). Sabe-se, além disso, qual é o zelo Evangélico de tais mercadores, e quanto o seu bárbaro procedimento tem contribuído para alienar, e indispor os africanos contra o Cristianismo, de cujas máximas, êles não podem julgar senão pelo exemplo dos que o professam; sabe-se, também, qual é o zelo e cuidado da maior parte dos senhores na instrução religiosa dêsses miseráveis, que êles tratam como bestas de carga, olhando unicamente para o produto de seu trabalho.

Declamou-se, depois, contra a intervenção do Govêrno Britânico, quando exige da Nação Brasileira a abolição final do tráfico da escravatura. Eu sei, Sr. Presidente, que nenhuma Nação, por mais poderosa que seja, tem direito de ingerir-se nos negócios de outra, ainda que seja para promover o seu melhoramento e perfeição, e ainda menos de empregar a coação ou ameaças, nem mesmo para punir excessos ou faltas enormes contra a lei natural: tal é a doutrina de todos os escritores, à exceção de Grócio, que, neste último caso, admite a intervenção armada; mas vejamos como tem procedido a nação inglêsa. Todos sabem que a sua intervenção a êste respeito tem sido reconhecida por todos os governos interessados no comércio de escravos, pela França, Suécia, Estados Unidos, pelas novas Repúblicas do continente americano, e pelo antigo govêrno português, residente no Brasil, que se comprometeu solenemente à gradual abolição daquele comércio; e, se se diz que êstes Tratados e promessas não podem ligar o Brasil depois de proclamada a sua Independência, permita-se-me, então dizer, que já êste negócio se há tornado inteiramente brasileiro, depois que a Assembléia Constituinte acedeu, como é constante, ao voto geral da abolição de tal comércio, e autorizou o govêrno para tratar sôbre êste assunto com o govêrno britânico. Já podia entretanto estar abolido,

há muito tempo, o tráfico da escravatura; e não há razão para inyectivar contra o governo inglês por exigir o cumprimento de promessas tão solenes, obrando de acôrdo com o sentimento de tôdas as Nações civilizadas, que tão enêrgicamente se haviam pronunciado pelo órgão do Congresso de Viena, quando declarou que o comércio de escravos *desolava a África, degradava a Europa, e ultrajava a humanidade.*

Mas ainda supondo, que seja ilegal a intervenção da Inglaterra, e fora da esfera do direito das gentes, é preciso atender à mesma natureza da cousa: se a requisição do governo inglês é fundada na Justiça Universal, e conforme aos princípios da religião e da natureza, como fica demonstrado, não devemos hesitar um só momento em satisfazê-la, ainda quando uma tal iniciativa partisse do nosso maior inimigo — *fas est ab hoste doceri* — e não queiramos imitar as nações protestantes, que rejeitaram, a princípio, a reforma do calendário, apesar da sua reconhecida utilidade, só porque era obra do Pontífice Romano.

Das increpações feitas aos ingleses passou o nobre orador a pintar a desgraça, a que fica reduzido o Brasil com a abolição do tráfico da escravatura, e o golpe fatal que ela vai descarregar sôbre o comércio, agricultura, indústria e marinha do Império. Tais são, Sr. Presidente, as queixas e protestos que ordinariamente alega a cobiça e o interesse contra inovações e reformas aliás saudáveis e necessárias, mas que ferem os lucros e vantagens de alguns particulares. E qual seria o prazo que satisfizesse aos seus insaciáveis desejos? Desenganemo-nos: se o Tratado estipulasse a continuação daquele tráfico ainda por mais 20 anos, ao finalizar esta época, renasceriam as mesmas queixas e se julgaria que o Brasil precisava outro tanto tempo desta execrável importação. Foi assim que, quando as colônias inglesas sacudiram o jugo da metrópole, muita gente na Inglaterra e até muito hábeis economistas, assentaram que a nação ficava perdida, que decairia necessariamente a sua marinha, o seu comércio e o seu poder naval; mas bem depressa se reconheceu que isto era um temor pânico e nunca a Inglaterra prosperou mais em população, em capitais e preponderância marítima, do que depois da emancipação das colônias. O mesmo há de acontecer ao Brasil, quando a falta de braços africanos o obrigar a lançar mão de medidas mais sólidas e perduráveis, que até agora se

têm desprezado; sentir-se-ão alguns inconvenientes inevitáveis em tais mudanças, ou alterações mercantis; mas elles serão passageiros e logo reparados pela melhor direcção dos capitais, hoje consumidos no ruinoso comércio dos escravos. Bem que o prazo de 3 anos ainda pode transplantar metade d'África para o Brasil, a final abolição dêste tráfico produzirá o grande bem de se melhorar a sorte dos escravos, que ora existem, ou forem importados, promovendo-se os seus casamentos e conseqüentemente a sua reprodução, e a educação de seus filhos, evitando-se dêste modo a espantosa mortalidade desta raça infeliz. Um liberal sistema de colonização e sobretudo a estabilidade e firmeza das nossas instituições políticas, atrairá ao nosso belo país, não colonos armados, ou facinorosos tirados das cadeias, pois não creio que sejam na Europa tão fáceis os meios de subsistência, que deixem de querer vir para o Brasil muitas famílias honestas, e homens laboriosos, quando se convencerem que nenhum país do mundo lhes oferece tantos recursos e tanta facilidade de melhorar a sua fortuna; e quanto a êsses mesmos colonos tirados das cadeias, nem sempre se verifica a sentença de Horácio — *Coelum non animum mutant, qui tans mare currunt*; — pois a experiência mostra que muitos dentre elles se têm tornado probos e úteis ao Estado, fundando grandes casas e estabelecimentos.

A civilização dos índios finalmente, esta grande obra, que faz muito tempo, o objeto das votos dos bons brasileiros e desta Augusta Câmara, acabará de encher o vazio que vai deixar a abolição do tráfico de escravos. Só os bosques da minha Província (a Província do Pará) apresentam mais de 200 mil *indígenas* aptos para todo o gênero de trabalho e indústria; mas cujos braços têm sido infelizmente perdidos para o Estado por falta de um bom sistema de catequese e colonização, e talvez pelas falsas idéias que ordinariamente se forma de sua indolência ou incapacidade intelectual. Eu posso afirmar que elles são habilíssimos para o comércio e navegação; que muitas tribos, como por exemplo a dos Mondurucus, são excelentes para a agricultura (apoiado), e suscetíveis, enfim, de todo o gênero de aplicação; pois vê-se que no Arsenal e nas fábricas, quase sem ensino, elles lavram madeiras e fazem todo o trabalho que se lhes incumbe. (Apoiado). Não será possível portanto transformá-los em lavradores, artistas e marinhei-

ros, infinitamente mais úteis do que êsses desgraçados negros, de cuja existência se faz depender a prosperidade do comércio, indústria e marinha brasileira?

Continuando o mesmo ilustre orador as suas reflexões sôbre o comércio dos negros, avançou que a escravidão não produzia a imoralidade, como geralmente se pensa.

Confesso, Sr. Presidente, que é a primeira vez que ouço tal proposição! Sempre estive persuadido que a palavra escravidão desperta as idéias de todos os vícios e crimes (apoiado); assim como que o doce nome de liberdade desperta as sensações e as idéias de tôdas as virtudes e de todos os bens (geralmente apoiado) sempre entendi que a escravidão é um estado violento que abate o espírito, embota as faculdades do entendimento, perverte o coração, destrói o brio e tôda a emulação da virtude; sempre lastimei, finalmente, a sorte dos tenros meninos brasileiros que, nascendo e vivendo entre escravos, recebem desde os seus primeiros anos as funestas impressões dos contagiosos exemplos dêsses seres degenerados; e oxalá que eu me enganasse! Oxalá que fôssem mais raros os triunfos da sedução e os naufrágios da inocência. Oxalá que tantas famílias não tivessem deplorado a infâmia e a vergonha em que as têm precipitado a imoralidade dos escravos! (Apoiado). Convenho com o ilustre Deputado nos elogios que fêz aos pretos e pardos, muitos dos quais se fazem credores da maior estima; eu não avalio os homens pela côr da pele, mas pelo seu comportamento e caráter; o escravo porém não tem caráter; êle não é mais do que um cego instrumento das vontades de seu senhor; um escravo virtuoso é um prodígio na ordem moral. (Apoiado geralmente)

Cumpre-me, enfim, responder aos desejos manifestados pelo nobre orador, de que a Nação Brasileira não fizesse Tratado algum com as potências européias e se tornasse tão incomunicável como a China. Se esta idéia pode ser admissível no meio de um povo que tem saboreado as doçuras da civilização, é precioso ao menos confessar que ela é inteiramente prematura. A China conta para cima de 200 milhões de habitantes e o Brasil conta apenas 4 milhões disseminados por uma imensa superfície. Deixemos, pois, que o Brasil tenha uma população

superabundante e então faremos construir a nossa muralha de 500 léguas de comprimento; publicaremos leis severas contra o europeu que tiver a ousadia de pisar o nosso território; e adotaremos as belas instituições do povo chinês; teremos os nossos letrados, os nossos mandarinos, e o muito paternal despotismo do seu Imperador. Até que chegue essa época, vamos continuando as nossas relações com os europeus, que têm sido os nossos mestres e guias nas artes, nas ciências, e nas memas instituições liberais; êste comércio é, de certo, mais vantajoso que o dos selvagens africanos.

Resta-me só falar da pena de pirataria imposta pelo tratado em questão e sinto, na verdade, depois de ter pago à magnânima nação britânica o justo tributo de louvor que merece a sua filantropia e os seus esforços a bem da humanidade, que eu me veja constrangido a desaprovar a sua ingerência na imposição de semelhante pena. É muito doloroso para um brasileiro amante da dignidade do seu país, que, enquanto os corpos legislativos das outras nações deliberam livremente sôbre uma tão importante matéria, só o Brasil se veja privado desta prerrogativa e direito inauferível, fazendo o sacrificio de sujeitar os cidadãos brasileiros às penas infligidas por uma nação estrangeira! Reconheço, Sr. Presidente, que a querer-se abolir de boa-fé o infame tráfico de escravos, não há talvez uma medida mais eficaz, pois de outra maneira, serão illusórias tôdas as precauções contra a fecunda e desenfreada cobiça dos armadores; mas não era ao govêrno britânico que cumpria classificar delitos e estabelecer penas contra os súditos de uma nação independente. Todavia, a comissão ponderando tudo com a mais sisuda e madura reflexão e reconhecendo pela nota do Ministro a triste posição do Govêrno entre dois grandes males; vendo, por outra parte, que o tratado se achava concluído e ratificado, faltando apenas a assinatura do Ministro britânico, não duvidou firmar o seu parecer pela forma que se acha concebido, por entender que tais circunstâncias nada mais incumbia a esta Câmara, segundo o § do Artigo 102 da Constituição.

Eis aqui o que eu tinha a dizer sôbre esta matéria, protestando com aquela franqueza e candura que me é própria que, ainda quando o tratado exigisse a abolição do tráfico já e já, eu subscreveria e aprovaria esta salutar medida com infinito gôsto e reconhecimento.

RAMIZ GALVÃO (BENJAMIN FRANKLIN)

Discurso pronunciado em sessão solene no dia
11-8-1907 no Asilo Gonçalves de Araújo.

Exmo. Sr. Provedor.

Minhas Senhoras.

Meus Senhores.

Nada no mundo vive e prospera senão à sombra do amor. Correi a série orgânica inteira e encontrá-lo-eis por tôda a parte e presidindo aos destinos da vida. Examinai os arcanos mais íntimos das ciências que estudam os fenômenos da matéria, e achareis em todos êles o predomínio visível, claro e irrefutável da atração e da afinidade, que são meros sucedâneos do amor. Subi às regiões etéreas, onde os astros colossais percorrem em órbitas infinitas a rota que a mão do Criador lhes imprimiu, — subi nas asas do pensamento, e vereis que os mundos não se precipitam nos abismos incomensuráveis do espaço, produzindo a mais pavorosa das catástrofes, antes giram harmônicos e submissos à lei suprema da ordem, porque os dirige uma fôrça misteriosa e soberana — a atração universal, outra forma do amor.

Que é de fato o radiante astro do dia, senão um coração que arde para, em ondas carinhosas de luz e calor, dispensar-nos o gôzo da vida? Que é a pálida princesa das noites senão uma alma, que, amorosa da Terra, a segue de contínuo, merencória porque foi condenada ao apartamento, lânguida e plangente porque não pode abraçar a sua amada, mas embevecida sempre na contemplação muda do ser que adora?

Percorra-se o mundo que habitamos, e cada página de sua história será a confirmação dêste mesmo princípio. A agulha magnética que procura o pólo e não se desvia do seu Norte; — o gorjeio do pássaro, que em descante afetuoso seduz a companheira, e as plumas formosas de que se arreia para deslumbrar-lhe os olhos; o colear da planta volúvel, que foge da sombra da mata e sobe, sobe, apegando-se aqui e acolá à procura da luz solar para desabotoar-se em flôres; — a *Vallisneira spiralis*, que vive submersa e prêsa ao fundo das águas, mas, adulta, expede longos pedicelos para celebrar ao ar livre os seus esponsais; todos obedecem à mesma lei indefectível.

Saiamos do mundo da matéria, e veremos aí, como em tôda a parte, o poderoso móvel. O santo missionário que esquece os cômodos da vida para ir ao fundo dos sertões conquistar as almas pagãs para o reino do Evangelho, afrontando urzes e feras, torrentes e tempestades, rios caudalosos e penedias bravas, a fome, a sede, as enfermidades e a própria morte, — que é que o alenta e conduz?

A filha heróica de São Vicente de Paula que entra serena num campo de batalha, onde gemem feridos e soluçam moribundos, — que visita descuidosa a mansarda lóbrega do pestífero ou as salas do hospital coalhado de chagas asquerosas, — que debruçada sôbre o leito dos enfermos cura as feridas do mais grosseiro dos homens como se tratara de um irmão querido, e lhe reanima a coragem com o sorriso angélico de mãe, — que é que a robustece e inflama?

A virgem cândida e bela que abnega os prazeres do mundo e sacrifica tôdas as delícias da vida social para procurar na solidão do claustro, e junto dos altares do Senhor, a consolação suprema da união com Deus e os gozos inefáveis da alma piedosa e contemplativa, — que é que a domina?

Só e sempre o amor, debaixo de mil formas, mas por tôda a parte o amor.

Nas relações do próprio Céu com a débil humanidade, que houve e que há senão prodígios de um amor infinito, que mal podemos compreender e valiar? Deus, para salvar-nos, manda à Terra seu próprio Filho. Êste, para dar cumprimento ao programa sobrenatural da Re-

denção, sujeita-se a padecer as abjeções do Pretório e os tormentos do Calvário; e na hora suprema da agonia, não satisfeito de tamanhas provas, oferece-nos sua divina Mãe para Mãe dos homens ingratos, que o haviam desconhecido, negado e vilipendiado com brutal e indizível vilania. Que foi todo êsse drama sublime senão um drama de amor? Que é tôda a nossa consoladora Religião senão um poema de amor?

Não há, Senhores, não há na Terra senão esta grande palavra para explicar tôdas as criações generosas, as mais sublimes dedicações, os mais ingentes sacrifícios que se fazem a bem da criatura.

Esta casa não é senão uma obra do amor. Ao despedir-se da vida, um magnânimo português sentiu as amarguras dos órfãos e dos pobres, que, desamparados no mundo e expostos à tentação do vício ou da ociosidade, certamente se perderiam, privando a nação de braços honestos e de mãos virtuosas. Êle, que fôra bafejado na vida por uma série de circunstâncias felizes, bem vira o que por aí vai de seduçõs e de perigos nessa sociedade, que o delírio materialista ameaça subverter, minada pela febre dos prazeres fáceis e preparada para todos os desfalecimentos pelo menosprêzo de Deus e da sua lei. Êle, que trilhara sempre o caminho da honra, bem conhecera como é custoso resistir ao canto da sereia. A ambição fascinadora dos lucros rápidos, que a tantos cega; a sedução do luxo e dos gozos materiais, que afrouxa as almas, atirando-as a um despenhadeiro onde é quase impossível parar, tudo isso segreda promessas enganadoras ao ouvido da mocidade inesperta e a desvia funestamente da estrada do dever, que é o caminho único e sadio para a conquista do futuro. Êle, que lidara muito com os homens da carreira afanosa do comércio, desde a posição subalterna até à mais elevada, e que de mais a mais percorrera o mundo em viagens de verdadeiro filósofo a estudar costumes e a vida íntima de diferentes povos, — êle bem observara que por tôda a parte os mesmos perigos surgem e as mesmas tentações cativam. Espírito atilado e coração de ouro, grato ao Brasil, que o afagara, e reconhecido ao Rio de Janeiro, onde se fizera opulento, quis cooperar para o engrandecimento da segunda pátria, fazendo o bem e prestando às gerações novas êsse extraordinário benefício.

Quem êle foi, aqui o está dizendo: ANTÔNIO GONÇALVES D'ARAÚJO, o glorioso portuense. Tudo isto é obra sua, é pensamento seu, concretizado pela distinta Irmandade do SS. Sacramento da Candelária, executado e favorecido por beneméritos colaboradores brasileiros e portugueses. Um templo que levantasse, seria talvez mais devoto; um nosocômio, mais sentimental; um monumento, fôra mais artístico; uma Universidade, fundação mais espetaculosa. Mas em nada disso cogitou Araújo: deixou um Asilo para a educação profissional dos pobrezinhos, que é obra de mais lustre e prova de mais ardente caridade. Obra de maior lustre, porque iluminar e engrandecer o futuro vale mais do que render preitos ao passado; obra de mais ardente caridade, porque as crianças desvalidas são as flôres modestas que reclamam mais amoroso carinho: destas vergôntes virão árvores para dar sombra.

Dos paços reais e dos solares opulentos têm saído e saem cidadãos ilustres e damas notabilíssimas, não é lícito negar; mas, lá, tude concorre para avultar-lhes o mérito e tapisar-lhes de rosas o caminho. Ao pobrezinho, porém, que saiu das faixas da miséria, ao órfão desamparado que perdeu no berço o maior dos tesouros da terra, quem há de abrir a estrada honesta da vida ou facultar ao talento e à virtude os meios de surgirem à tona da sociedade para dar-lhes todos os frutos abençoados? Quem, senão o amor de um Gonçalves de Araújo, senão uma alma abrasada neste fogo santo que opera milagres?

Aqui está, Senhores, porque há sete anos me não canso de apreçoar com sincero entusiasmo a benemerência dêsse homem extraordinário, que tão alto soube elevar o nome português, legando todo o seu copioso mealheiro para a educação da infância desvalida desta cidade.

São tais corifeus do bem os que me inspiram mais calorosos epínícios. Os Kurokis e Aiamas vencem batalhas assombrosas, e eu não sinto por êles senão pasmo mesclado de horror. Os Edisons, Curies e Korns descobrem verdades científicas, dilatando os horizontes da inteligência humana, e eu por êles não experimento senão alto aprêço e respeito. Os Gonçalves Dias e Alencares inundam de flôres peregrinas o campo das letras nacionais, e eu apenas me encanto com as suas obras e celebro o seu formoso e omnímodo talento. Os Andradas e Rio-Branços nobilitam a Pátria sempre amada, trabalhando herôica-

mente pela sua independência ou pela libertação de uma raça injustamente oprimida, — e eu apenas sinto por elles elevada estima. — Os paladinos da caridade, porém, da ordem de Gonçalves d'Araújo, êsses acordam em minh'alma a sensação ardente de uma admiração que se não define, porque chega às raias do culto.

Aquêles, os grandes guerreiros, cientistas, poetas, artistas e políticos tiveram ou têm todos, na vida, o gôzo de suas próprias obras, o prazer de seus triunfos, quiçá o encômio dos contemporâneos e a gratidão da Pátria traduzida em apoteoses, que sempre falam à vaidade, ao desvanecimento próprio. Êstes, porém, os benfeitores da humanidade, que fugiram do ouropeel das manifestações e dos aplausos, — que não obedecem a interesse de ordem alguma capaz de mover-lhes a liberalidade, — que só tiveram os impulsos de um coração magnânimo e piedoso para enxugar lágrimas de infelizes e salvar as gerações do futuro, — êstes que desistiram de tôdas as consolações e de todos os prazeres, esperando a sombra do túmulo para deixar a deserdados da sorte a luz e o carinho, o pão do espírito e do corpo, o amor do trabalho que é um talismã, o talismã sagrado da educação que é uma força vencedora, — ah! êstes são raros, são mais que humanos, são imortais e divinos apóstolos do amor. Não há glorificações que lhes bastem, Senhores, nem flôres que sejam dignas de as lançarmos a seus pés. Quereis a prova da caridade? Antônio Gonçalves d'Araújo foi até hoje o único que neste país estendeu por esta forma extraordinária o amor à pobreza.

Descansa em paz, filho querido da boa terra portugueza, e brilha eternamente na constelação singular dos eleitos do Senhor! A tua obra imorredoura está de pé e, mercê de Deus, vingará no tempo, porque a nobre raça que povoou esta terra bendita, aquela de que tu próprio nasceste, e o povo brasileiro que é seu filho mais dileto, têm ambos por divisa a Caridade, a compaixão pelos infelizes.

Corre-nos nas veias o sangue generoso de Isabel — a santa fundadora do Asilo de Santarém.

Descansa em paz, e fica certo de que não faltará o melhor dos monumentos para perpetuar o teu nome. As telas, em que o artista representar o teu perfil bondoso e simpático, poderá o tempo escure-

cê-las ou dilacerá-las; são símbolos fugazes que obedecem à contingência da matéria; a idade consome-os. Teu busto em bronze, como qualquer mausoléu que se tenha de erguer sôbre teu sepulcro, poderá desaparecer por causas fortuitas; maiores de certo foram os primores artísticos da Acrópole e do Forum, e levou-os a onda dos bárbaros, a selvageria das guerras. Estas mesmas palavras frouxas e sem colorido, que aliás dedico à tua memória com a sinceridade de um convicto, assim como outras mais eloqüentes com que os meus sucessores hajam de celebrar êste grande dia, — essas também hão de passar e pouquíssimo ou nada valerão ante a magnitude de teu nome.

Há, porém, um monumento mais valioso do que telas, efígies, obeliscos, panegíricos e pedrarias; é a gratidão imensa das mães que aqui encontravam o amparo e a salvação de seus filhos — pedaços vivos de seus corações; é a gratidão infinita destas mesmas crianças, quando se fizerem homens ou senhoras, e tiverem conhecido pela rude experiência do mundo quanto bem lhes fizestes desinteressada, espontânea e nobremente.

De tôdas estas criaturas educadas nos princípios da honra e da virtude, evolar-se-á um brado de reconhecimento, acorde e sonoro, que a posteridade ouvirá sempre, porque a cadeia mágica dos teus benefícios não se interromperá jamais. De milhares destes corações hão de romper em todo o tempo gratíssimas lembranças e amorosas referências ao ato genial com que abriste caminho para a mais feliz das imortalidades, a imortalidade do Bem.

Esse é o monumento que te auguro, Gonçalves d'Araújo, e o único que se possa dizer realmente digno da tua grandeza, porque será feito de uma substância mística, incorpórea e incorruptível, — a gratidão das almas cândidas e puras.

Descansa em paz, imortal apóstolo do amor. A posteridade é tua!

TOBIAS BARRETO DE MENEZES

“Idéia do Direito” — Discurso proferido em
colação de grau na Faculdade de Recife.

SENHORES DOUTÔRES: — O discurso, que nesta ocasião me incumbem proferir, tem traçada nos *Estatutos* a fórmula do seu preparo.

É um discurso congratulatório, é uma coisa muito simples, até onde pode chegar a simplicidade de uma combinação binária de estereotipos prolaças pelo resultado feliz dos vossos esforços, e de velhas considerações, já difíceis de classificar em uma ordem de idéias sérias, sobre a importância do grau que acabais de receber e o uso que na sociedade deveis de fazer das vossas letras.

Como vêdes, é uma questão de *ritual* e eu tenho obrigação de me cingir a êle.

Não seria pois de estranhar que me limitasse a dizer: eu vos felicito, Srs. Doutôres; a importância do grau, que vos foi conferido, medida pela magnitude dos esforços que êle vos custou, e o uso que tendes a fazer das vossas letras, determinai-o vós mesmos, segundo os ímpetos do vosso talento e as inspirações do vosso caráter.

Não seria de estranhar, que a isto me limitasse, e desse então por findo o meu discurso. Nem haveria razão para se me acusar de estêrilmente conciso, por excesso de respeito a uma disposição de lei.

Mas, Srs. Doutôres, eu creio que na própria mente do legislador nunca repousou semelhante idéia, a idéia singular de serem todos aquêles, que se acham encarregados da honrosa missão que hoje me cabe, sempre condenados a entoar o mesmo hino, a recitar o mesmo epitáfio, por esta espécie de *noivado científico*, como diria um romântico

de antiga data, em uma palavra, condenados a repetir em *estilo de brinde*, as mesmas frases consagradas, para acentuar a importância de um fato que ninguém contesta, e o verdadeiro uso de um título que todo o mundo sabe qual seja.

Não, Srs. Doutôres, não foi, nem podia ser este o intuito do legislador.

Eu o creio firmemente.

E de acôrdo com esta crença, arrastado pelo espírito da época, em nome das novas idéias, que voam de outros mundos, e, bom grado ou malgrado nosso, hão de encontrar agasalho em nossas cabeças, julgo, também, aqui, dever exercer uma função superior ao modesto papel eclesiástico de um *mestre de cerimônias*.

A ocasião é solene, sim; mas justamente por isso ela abre caminho a alguma cousa de menos vulgar do que uma felicitação, a alguma cousa de mais elevado mesmo do que o grau que recebestes; é a defesa da ciência que professamos, e em que acabais de ser doutorados, a defesa que lhe devemos, em relação ao juízo desfavorável que dela atualmente se forma, em relação aos ataques, de que ela é alvo, sem excluir todavia a confissão dos seus defeitos e a crítica dos seus desvios.

Na presente conjuntura, bem quer me parecer que nenhum assunto melhor prestar-se-ia a formar o conteúdo da minha elocução, nem eu poderia achar um modo mais apropriado de congratular-me convosco.

Se porém estou enganado, antecipo-me em pedir desculpa do que possa o meu discurso conter, não por certo de anômalo e inconveniente, mas porventura de excêntrico e inadequado às circunstâncias do momento.

Entretanto, permiti-me uma leve observação.

Ainda hoje, Srs. Doutôres, nas bibliotecas de velhos claustros, encontram-se palimpsestos, onde se vê, por cima, desenhada a história de um taumaturgo, a história de um santo miraculoso, que morreu de penitência e maceração, ao passo que, por baixo, sorriem serenos os belos versos da *Ars Amandi* de Ovidio; onde aparece, na parte superior, um breviário, cheio de melancolia, repleto de adoração, e, na

parte inferior, uma comédia aristofânica; em cima, depara-se-nos o órgão, que acompanha o *de profundis*, e logo embaixo o velho Anacreonte, seduzindo lindas moças; em cima, traçam-se as regras da grande arte de torturar hereges, e embaixo um velho pagão explica o capítulo do amor platônico... Ora, pois, Srs. Doutôres: seria caso para censurar que minhas palavras produzissem uma impressão semelhante?

É um discurso de *duas vistas*, se assim posso dizer, um palimpsesto, se quiserem: por um lado, o cumprimento exato de um sacro programa de festa, mas também, por outro lado, alguma cousa de mais profano, que fica fora do horizonte de uma solenidade acadêmica; por um lado, a face calma de um espírito submisso, que por amor da ordem reconhece e confessa de joelhos a imobilidade da terra, ou o progresso dos nossos estudos, mas também, por outro lado, a feição turbulenta de um rebelde intransigente, que não hesita em proferir o seu — *eppure se muove* — e dizer ao mundo inteiro: — nós estamos atrasados.

Não vos espanteis; comecemos pelo princípio.

Nos dias que atravessamos, a esta hora do nosso desenvolvimento, quem, como vós, Srs. Doutôres, mesmo à custa de trabalho e sacrifício, é graduado em ciências jurídicas e sociais, vê-se assaltado, como Dante em frente da lôba, por uma questão sombria e importuna.

É a seguinte: existe realmente, temos nós, realmente, um grupo de ciências de tal natureza? Em face do avanço imenso, que levam todos os outros ramos de conhecimentos humanos, não soa como uma ironia falar de uma ciência jurídica, falar de uma ciência social, quando nem uma nem outra estão no caso de satisfazer as exigências de um verdadeiro sistema científico? A questão é séria, Srs. Doutôres, e tão séria, que a mesma consciência, a mais lúcida consciência do próprio merecimento, deixa-se absorver e apagar pelo sentimento da dubiedade do título que se recebe.

Não há negá-lo, isto é um fato incontestável.

Mas onde buscar a causa dêsse fato? Qual o motivo da estreiteza e acanhamento de vistas que ainda se nota na intuição do modo de compreendê-lo e apreciá-lo? Qual a razão, em suma, por que a

ciência do direito corre o risco de ser classificada no meio dos expedientes grosseiros, de tornar-se uma ciência duramente nominal que pode dar o pão, porém não dá honra a ninguém, ou, como diz H. Post, uma irmã da teologia, que se limita a folhear o *Corpus juris*, como esta folheia a *Bíblia*? Existe ao certo uma razão; esta razão vem de mais alto. Nós vamos vê-la.

Há no espírito científico, Srs. Doutôres, uma tendência irresistível para despir os fenômenos, o que vale dizer, para despir o mundo inteiro, que é um grande fenômeno coletivo, daquela roupagem poética, em que a imaginação costuma envolvê-los.

Assim ao antigo grego que ouvia gemer a dríade dos bosques, quando uma árvore tombava, a natureza devia mostrar incomparavelmente mais cheia de poesia do que ao homem de hoje, que trata de cultivar e conservar as florestas, segundo as leis da economia florestal e os princípios da dendrologia.

E ainda que se possa lastimar, a muitos respeito, a *despoetização* dos fenômenos naturais, por meio da ciência, contudo não se deve esquecer que o domínio do homem sobre a mesma natureza só se tem reforçado e engrandecido na proporção, em que êle também tem cessado de olhar para ela com os olhos do poeta.

Bem pode muitas vezes o indagador sentir até confranger-se-lhe o coração, quando se vê obrigado a destruir belas ilusões e contribuir com as suas ruínas para uma mais clara intuição do mundo.

Neste trabalho êle pode até chegar ao ponto de arrepender-se da sua tarefa, quando aplica os seus processos ao mais soberbo e grandioso espetáculo que a natureza desenrola aos nossos olhos, o espetáculo do céu da noite carregada de estrêlas cintilantes, pois que a ciência não tem medo de roubar ao próprio céu a sua poesia e reduzir a pasmosa beleza do universo à cega mecânica das fôrças naturais.

Mas não é lícito reagir contra essa tendência, que é característica do espírito científico, em cuja frente caminham a devastação e a morte.

Aqui está, Srs. Doutôres, o segrêdo do fato que lastimamos.

Quando o homem da ciência atual cessou de afagar mais de uma ilusão de antigos tempos; quando o homem da ciência atual cessou de olhar, com os olhos de poeta para muita cousa do céu, e para muita cousa da terra, quando ele já não se demora nem mesmo, por exemplo, em contemplar a beleza da lua, diante da qual, com seus fulgores e seus desmaios, sente-se tentado a dizer: deixa-te de *coquetices*, eu te conheço, *carcassa*, e aos requebros e langores da estrêla matutina, é bem capaz de redarguir sizudo: nem tanto, como pareces, pois que ficas preta, pequenina, insignificante, passando pelo disco do sol; em uma palavra, quando o homem da ciência atual só pisa em terreno firme, e todavia pode viver como diz Tyndall, no meio de idéias, em presença das quais desaparece a fantasia de Milton, o homem do direito, o homem da ciência jurídica parece que não sabe disso...

Tudo quebrou o primitivo envólucro poético; só o direito não quer sair da sua casa mitológica.

A despeito de tôdas as conquistas da observação, a despeito de todos os desmentidos, que a experiência tem dado a velhas hipóteses e conjecturas fantásticas, para a ciência jurídica é como se nada existisse.

A concepção do direito, como entidade metafísica, *sub specie aeterni*, anterior e superior à formação das sociedades, contemporâneo, portanto, dos *mamutes* e *megatérios*, quando aliás a verdade é que ele não vem de tão longe, e que a história do fogo, a história dos vasos culinários, a história da cerâmica em geral, é muito mais antiga do que a história do direito; essa concepção retrógrada, que não pertence ao nosso tempo, continua a entorpecer-nos e esterilizar-nos.

Aí está, Srs. Doutôres, o sêgrêdo do descrédito em que caiu a ciência que cultivamos.

É preciso levar a convicção ao ânimo dos opiniáticos.

Não se crava o ferro no âmago do madeiro com uma só pancada do martelo.

É mister bater, bater cem vêzes, e cem vêzes repetir: o direito não é um filho do céu, é simplesmente um fenômeno histórico, um

produto cultural da humanidade. *Serpens nisi serpentem comederit, non fit draco*, a serpe que não devora a serpe, não se faz dragão; a força que não vence a força, não se faz direito; o direito é a força que matou a própria força.

Eu bem sei, Srs. Doutôres, quanto esta doutrina fere ouvidos pouco habituados a uma tal ordem de idéias.

Mas o que dificulta a sua compreensão, é justamente a mesma circunstância que torna difícil, *exempli gratia*, compreender o pensamento como atributo material, como função do cérebro. Quando se fala em matéria, em vez de se pensar nas suas mais altas fenomenizações, em vez de se pensar, por exemplo, na matéria de que o sol é feito, na matéria de que é feito um lindo cravo, um rubro e fresco lábio feminino, pensa-se ao contrário... num pedaço de pedra bruta, ou mesmo na lama que se tem debaixo dos pés; e realmente não é possível que a inteligência resida em semelhantes coisas...

Da mesma forma quando se fala em *força*, em vez de se pensar no conceito capital de tôdas as ciências, na idéia *genetrix* de toda a filosofia, pensa-se... numa *força de policia*, às ordens de um delegado, cercando igrejas para fazer eleições; e então... quem pode admitir que o direito seja isso?... Ora!... É preciso que nos elevemos um pouco mais acima.

Assim como, de todos os modos possíveis de abreviar o caminho entre dois pontos dados, a linha reta é o melhor; assim como, de todos os modos imagináveis de um corpo girar em tórno de outro corpo, o círculo é o mais regular, assim também, de todos os modos possíveis de coexistência humana, o direito é o melhor modo.

Tal é a concepção que está de acôrdo com a intuição monística do mundo. Perante a consciência moderna, o direito é o *modus vivendi*, é a pacificação do antagonismo das forças sociais, da mesma forma que, perante o telescópio moderno, os sistemas planetários são tratados de paz entre as estrêlas.

Srs. Doutôres, na concisa e bela carta em resposta à que lhe dirigira o corpo docente desta Faculdade, o professor Holtzendorff nos diz que, se bem compreendeu o seu amigo Bluntschli, éste tivera em

mente alguma coisa que elle podia designar pelo nome de *Cosmos* do direito e da moral.

Magnífica expressão!

Há realmente um *Cosmos* do direito; mas este, não menos do que o *Cosmos físico*, é um produto da lei do *fieri*, da lei do desenvolvimento contínuo; e assim como no mundo material é presumível que exista apenas uma pequena parte, em que a matéria já chegou ao seu estado de equilíbrio, assim também no *Cosmos* do direito só há uma parte diminuta, em que as forças se acham equilibradas, e não têm mais necessidade de lutar.

Olhada por este lado, apreciada dêsse ponto de vista, a ciência do direito remoeça e torna-se digna das nossas meditações.

Nem estas idéias são de todo estranhas.

A concepção monística do direito já existia esboçada no pensamento de Vico.

Não é que eu opine com o *chauvinista* italiano, professor Bertrano Spaventa, para quem Vico é *il vero precursore di tutta l'Allemagna*, mesmo porque poderia succeder que os alemães me provassem que três quartos da riqueza de Vico provieram de Leibnitz; mas é certo que no autor da *scienza vecchia*, houve como que uma prefiguração do jurista moderno, do jurista, como elle deve ser, indagador e filósofo, capaz de utilizar-se de tudo que serve à sua causa, desde as observações astronômicas de um barão du Prel, até as minudências naturalistas de um Charles Darwin.

É sobre isto, Srs. Doutôres, que ousa de preferência chamar a vossa atenção.

Convençamo-nos da necessidade de tomar outros caminhos. Para isso é mister *estudar*, como para isso é mister *ensinar*... Novo sistema de estudos, novo sistema de ensino.

Ernesto Renan disse uma vez que, pelos vícios do ensino superior, a França corria o perigo de tornar-se um *povo de redatores*, e quase ao mesmo tempo Mark Pattison, chefe do partido reformista de Oxford,

lastimava por sua vez que as Universidades da Inglaterra parecessem só querer produzir *escriptores de artigos de fundo*.

Pois bem; é bom que confessemos: pelo sistema que nos rege, nós não corremos risco, nem de uma, nem de outra coisa, porém de coisa pior: é de tornarmo-nos um povo de *advogados*, um povo de *chicanistas*, de *fazedores de petição*, sem critério, sem ciência, sem ideal, pois que nos cabe em maior escala o que Rocco de Zerbi disse da sua Itália: *L'idealismo non ha presa in questo pacse di avvocati*.

E aqui, Srs. Doutôres, não posso obstar a invasão da reminiscência do seguinte *passus* histórico:

Era no ano de 1559. Ocupava a cadeira pontifical o terrível velho, como diz um cronista da época, — *tutto nervo con poca carne*, o célebre e genial Paulo IV. No dia 1º de janeiro, tivera lugar em Roma, na casa de Andréa Lanfranchi, secretário do duque de Pagliano, uma esplêndida ceia, em que tomaram parte, além de outras notabilidades do tempo, o Cardeal Innocenzo del Monte, que fôra criado de Júlio III, e o Cardeal Carlo Caraffa, sobrinho do pontífice.

Este último comensal, que se apresentava à ceia, cingido de espada, vestido de cavaleiro, travara aí mesmo uma luta sangrenta, por motivos de ciúme, provocado pela bela romana, madona Martuccia, com o fidalgo napolitano Marcello Capece. O fato causara escândalo, e tinha chegado até aos ouvidos do papa. Cinco dias depois, Paulo IV apareceu na sessão da inquisição, ainda mais terrível que de costume, e em longo, tempestuoso discurso, profligou os abusos da Igreja, mas sem pronunciar o nome de seu sobrinho!

Ao Cardeal del Monte êle ameaçou de arrancar-lhe o barrete vermelho, e concluiu bradando uma e mais vezes, perante a assembléia atônita e silenciosa: reforma! reforma!... Santo Padre, respondeu-lhe afouta e alusivamente o Cardeal Pacheco, reforma, sim, mas a reforma deve começar por nós mesmos.

É assim, Srs. Doutôres!... É assim que quando ouço repetir, como se repete cada instante, que o ensino acadêmico está de todo transviado, porque de todo também está perdida a faculdade de estudar, e que portanto é urgente, é urgentíssima uma reforma radical, eu

me lembro do Cardeal Pacheco, e tenho vontade de responder com êle: reforma, sim, Santo Padre, mas nós somos os primeiros a tratar de reformar-nos; somos os primeiros que devemos munir-nos de abnegação e coragem, tanto quanto havemos mister, de coragem e abnegação para despirmo-nos das nossas becas, mofadas de teorias caducas, e tomarmos traje novo. Releva dizer à ciência velha: retira-te; e à ciência nova: entra, môça. Darwinista ou haeckeliana, pouco nos importa, o que queremos é a verdade. As Faculdades não são sòmente estabelecimentos de instrução, mais ainda e principalmente, como diz Henrique von Sybel, verdadeiros laboratórios, oficinas de ciência. É preciso também pensar por nossa conta. Eis, aí, tudo.

Agora vós, Srs. Doutôres, ao concluir, accitai um conselho de amigo. Não adormeçais sôbre os louros, mas trabalhai, continuai a trabalhar, e trabalhar sòmente na direção do futuro.

Quanto a vós, especialmente a vós, Sr. Dr. Hermenegildo, vós que por meio de escritos, que são outros tantos atos, outras tantas afirmações do vosso belo talento, já tendes dado prova de pertencerdes à grande família dos trabalhadores valentes; vós que ainda tão moço, já tivestes ocasião de haurir o cálice amargo da injustiça dos homens, deveis estar satisfeito: o vosso mérito foi reconhecido. Tratai agora só de elevar-vos e engrandecer-vos mais e mais, para que assim possais melhor compreender os homens e melhor perdoar-lhes as fraquezas. Nada mais. Sêde felizes.

NOTA DE SÍLVIO ROMERO: "Não conheço, em língua nenhuma, uma oração acadêmica mais formosa do que esta, e mais profunda, ao mesmo tempo. E quando algum exagerado perguntar, como já houve quem perguntasse, — que ficará no futuro de Tobias Barreto?... fácil será responder: ficará, acima de tudo, a sua ação, o seu exemplo, e, depois, ficarão suas poesias, seus discursos, seus belos ensaios de crítica".

TOBIAS BARRETO DE MENEZES

“Projeto de um Partenogógico” — Discurso proferido em 1879, na Assembléia de Pernambuco.

O SR. TOBIAS BARRETO: — Não sei, Sr. Presidente, se a dissimulação é uma boa qualidade política; mas eu não posso dissimular: o projeto que apresentei e que se discute, é um daqueles que parecem de antemão condenados à morte prematura, porque êle tem por fim a realização de uma novidade, e nós não estamos muito habituados a aceitar de bom grado, sobretudo nos domínios da vida pública, os tentames de caráter novo, que envolvem, sempre, uma ousadia, que importam sempre uma invasão arriscada no terreno do desconhecido. Não serei eu quem possa negar que o projeto em discussão está realmente no caso de provocar mais de um ataque, mais de uma contra-dição, até da parte daqueles que não se deixam somente levar por idéias preconcebidas, da parte dos poucos espíritos, que não trazem, como diria Nathan, o sábio, o seu saquinho de verdades feitas e contadas, além das quais, tudo o que passa é falsa moeda, é coisa nunca vista, paradoxal ou absurda. Do lado dêsses mesmos, que assim não pensam, o projeto está no caso de suscitar impugnações; mas isto só pela circunstância de que êle, em mais de um ponto, revela e trai a inaptidão da mão que o elaborou. Nesta única circunstância esgotam-se os motivos razoáveis da opposição, que porventura êle possa despertar; como também, importa dizê-lo, é só por êste lado que eu teria justos receios de empenhar-me em qualquer luta, na sua sustentação, se comigo não estivessem, como seus co-assinatários, alguns distintos talentos, que melhor do que eu, poderão mostrar as vantagens por êle oferecidas. Não hesito, pois, em assegurar que, fazendo-se abstração da forma, lacunosa e imperfeita, o projeto encerra no seu fundo a sa-

tisfação de uma das mais urgentes necessidades da província, a qual é sem dúvida a necessidade de instrução, em geral e particularmente, feminina, instrução em mais alto grau e melhores meios, do que presentemente existe. O projeto não tem em vista inaugurar na província do domínio das *blue stocking* ou das *précieuses ridicules*, mas simplesmente abrir caminho entre nós, à solução lenta e gradual de uma das mais graves questões da atualidade: a elevação do nível intelectual da mulher, ou, se assim posso dizer, a purificação, pela luz, da atmosfera em que ela gira.

E para demonstrar, Sr. Presidente, a utilidade da coisa como primeiro signatário do projeto, eu não tenho necessidade de altear o coturno, lançar mão da harpa romântico-revolucionária e entoar um canto ao belo sexo. Não hei mister de dizer com Olímpia de Gouges, uma célebre decapitada de 93: se a mulher tem o direito de subir ao cadafalso, ela deve ter igualmente o direito de subir à tribuna; o que é de certo uma bonita aspiração, mas não deixa de ser também um pedido exagerado. E tão pouco tenho necessidade de colocar-me no ponto de vista do *emancipacionismo* russo e americano para reclamar, em favor das mulheres, o exercício das funções, que elas ainda não podem exercer; para fazer, em seu nome, exigências extravagantes, que se culminam na pretensão extrema, não só de uma igualdade de direitos como até de igualdade no traje. Nem tomarei por norma o grito de alarma das mais ilustres representantes do radicalismo feminino, as Paulinas Davis, as Lucrécias Mott, Elisabetes Stanton, e não raras outras agitadoras do tempo. Nada disso é o que nós queremos.

A pretensão contida no projeto é bem diferente, muito simples e modesta: ela importa menos uma homenagem aos encantos da mulher do que uma séria atenção prestada ao bem comum, ao interesse geral, ao progresso e desenvolvimento da sociedade em que vivemos.

Se eu tivesse de filiar a minha idéia nalgum princípio mais elevado, não filiá-la-ia por certo neste ou naquele arroubo de sonhador, mas numa verdade prática, belamente expressa por um homem prático. Frederico Diesterweg, um notável espírito alemão, o qual, com Pestalozzi e Froebel, é o terceiro na série dos grandes pedagogos da idade moderna, se exprime dêste modo: A liberdade do povo e a feli-

cidade do povo, pela cultura do povo não podem ser conseguidas por meio da instrução parcial, ministrada a um só sexo.

Eis o que é incontestável, e possuído de tal verdade é que eu ousou confiar que o projeto não parecerá indigno da atenção desta casa. Trata-se nêle da criação de um estabelecimento de instrução pública; tanto basta, creio eu, para atrair a simpatia e adesão de todos. Mas há uma circunstância peculiar e quase estranha; é de ser um estabelecimento de instrução pública superior feminina; poderá ela influir para denegar-se a medida proposta? É doce esperar que não; e assim o espero.

Julgando-me dispensado, Sr. Presidente, de entrar em apreciações sôbre a maior ou menor capacidade da mulher para o cultivo intelectual, eu tenho para mim, como verdade claríssima, que um dos maiores embaraços, com que luta a civilização, é a ignorância desproporcional da bela metade de gênero humano; ignorância que, por cúmulo de infelicidade, aos olhos de uns ainda é uma coisa indifferente, aos olhos de outros uma coisa desagradável, sim, mas afinal fatalmente determinada por lei da natureza, e até aos olhos de muitos... uma graça de mais, um adôrno poético, um atrativo lírico!.. Não terá entretanto chegado para nós também a ocasião de acabar com êstes erros de velhas eras? Se as mulheres são sêres humanos, que têm uma missão na sociedade e deveres a cumprir para com ela, se, como sêres humanos, as mulheres trazem consigo tesouros espirituais que devem ser aproveitados e desenvolvidos, é preciso todo o escrúpulo de uma freira, ou tôda a lógica de um frade, para entender que estabelecimentos da ordem do que se acha indicado no projeto, não passam de apêndices ou excrescências inúteis, quando êles são, pelo contrário, complementos indispensáveis da educação total de um povo civilizado, ou mesmo civilizável, se não é que nós brasileiros pertencemos àquela classe de *povos crepusculares*, de que fala H. Klencke, povos que vivem no *lusco* e *fusco* perpétuo de uma semicultura banal, sem saber o que são nem o que devem ser, atacados da mais grave das psicoses, a *fotofobia* intelectual, o mêdo da luz, o horror de claridade.

Já é tempo, meus senhores, de irmos compreendendo que o belo sexo em Pernambuco, bem como no Brasil inteiro, tem direito à maior

soma de instrução do que lhe tem sido até hoje fornecida pelos poderes públicos. A escassa instrução elementar, que a província proporciona às suas filhas, não satisfaz, não pode satisfazer as exigências da época. A chamada secundária, que é dada nos colégios particulares, com raríssimas exceções, está abaixo de qualquer crítica; e a superior é totalmente nula. Por uma velha metáfora consagrada, costuma-se dizer que a instrução é o *alimento do espírito*. Dou que seja; mas também é fôrça confessar que êsse alimento, pelo que toca às mulheres, ainda se limita a pobres migalhas caídas da parca mesa da cultura masculina, ou antes, servir-me da expressão de uma escritora alemã contemporânea, Josefina Freytag, o alimento espiritual do belo sexo — são confeitos, em vez de pão. Sim, nada mais do que confeitos; e a relação de semelhança conserva-se na propriedade de enfastiar e indispor o espírito para tomar o verdadeiro sustento. Assim, um pouco de música, algumas peças de salão para o piano, um pouco de desenho, gaguejar uma ou duas línguas estrangeiras, e ler as bagatelas literárias do dia, eis o total da maior cultura do sexo feminino em nossos tempos, cultura anômala, que E. Von Hartmann justamente qualifica de instrução sistemática da vaidade, e que, entretanto, não é preciso dizê-lo, redobra de esterilidade e de penúria entre nós...

JOÃO NEVES DA FONTOURA

Discurso pronunciado no Teatro Municipal, em sessão cívica promovida pela Liga de Defesa Nacional, em 7-9-1936, no Rio de Janeiro.

Esta festa, senhores, não é simplesmente comemoração anual do maior ato da nossa vida coletiva.

Restrita ao culto da efeméride da Independência, no lapso de cada doze meses, ela perderia o seu alto e profundo sentido, aquêle que decerto lhe quis outorgar a Liga de Defesa Nacional.

Pensando assim que a celebração de hoje transcende uma cerimônia habitual do culto cívico, não me limito a depositar sôbre o mármore e o bronze do monumento as flôres votivas, até porque não são elas o único testemunho do nosso patriotismo.

Se, tôdas as manhãs, os jardins brasileiros não atapetam de rosas a pedra do grande altar, nem por isso a noção de sermos uma Pátria livre deixa de encher as horas do nosso dia.

E talvez as mais puras reverências não sejam aquelas que escolhem uma data no calendário, mas as grandes prestações anônimas de cada alma, pagas sem ostentação, sem bandeiras e sem música.

Há um aparente esquecimento da terra comum no homem que dedica, de sol a sol, as energias à conquista do pão cotidiano. Entrando pela manhã na batalha obscura, ninguém dirá que êle não se consagra senão aos reclamos do egoísmo.

Lá está o lavrador humilde, rasgando a superfície da terra sob os rigores do sol ou da chuva. Ali, o operário entregue às fadigas do corpo. Aqui, o magistrado que aplica os textos da lei. Muito

longe, nos garimpos do planalto, o olhar aguçado que busca o diamante nos cascalhos do Tocantins. O boiadeiro do sul aperfeiçoa os rebanhos, entregando ao consumo a carne que alimenta, o couro que calça e a lã que abriga. Muito além, no "inferno verde" da Amazônia, o seringueiro asfixiado pela fornalha climática, causa, na epiderme da árvore, a ferida de que brota a resina preciosa.

Ao Nordeste, e ao Sul, alvejam os algodoais, enquanto quase por toda parte os canaviais reverdecem e entregam ao trabalhador bronzeado a matéria prima do açúcar. E, a dois passos da metrópole, a tenacidade bandeirante preserva, com um esforço beneditino, a derrocada do ouro verde. Mas olhai acima de vossas cabeças e vereis duas grandes asas, cortando o céu, ao *rumor de motores* imensos. São eles, os homens-pássaros do Brasil, materializando, no dia de hoje, o sonho do Padre visionário, trilhando as estradas etéreas, aproximando distâncias astronômicas, conduzindo, desde a linha equinocial até às fronteiras do hemisfério, os homens e as cartas, como lançadeiras do espaço, que apertam ainda mais os vínculos sagrados da unidade nacional.

Foram-se as últimas sombras da noite; o clarim soa à porta dos quartéis; ali estão, na primeira forma, os defensores da Pátria para os labôres do seu dia; além, no mar, dissipadas as derradeiras brumas da madrugada, os marinheiros começam a faina. Que importam as contingências financeiras, privando-os das unidades do último modelo, se cada homem arvora nos mastros do coração a flâmula de Tamandaré e de Barroso?

Apitam as fábricas, abrem-se os portões a uma multidão compenetrada do sentimento do dever. Bancos, comércios, tribunais, oficinas povoam-se de abelhas incansáveis. Não faltam, ao ponto, jornalistas, intelectuais, professores — da cátedra superior à pobre mestra-escola — estudantes e autodidatas, e até as cigarras da poesia, cada um pagando o seu impôsto ao tesouro do esforço coletivo.

Direis que todos correm sob os imperativos do ganha-pão, que a febre da ambição individual agita os subterrâneos de cada alma.

Não há conceito mais errôneo, porque no enigma de cada aspiração pessoal jaz o impulso inconsciente ou voluntário do bem comum.

As unidades podem imaginar que o seu esforço se confina entre as fronteiras do próprio interesse, nas curvas da esperança ou desalento, mas, querendo ou não, as formigas carregam para o monte um novo tributo à grandeza patriótica. Ganhando ou perdendo, agitando um mundo de realidades novas, criam a riqueza pela circulação, estimulam o progresso geral, amontoam materiais transformadores. É a lei da vida, que faz das próprias crises cíclicas, quando tudo parece sosso-brar, a antemanhã de novas conquistas.

Por tudo isso, disse eu, em tôdas as horas de luta, festejamos o prêmio desta Pátria, que Deus nos prodigalizou, servindo-a no amor e no trabalho, enriquecendo-a mesmo quando empobrecemos. A energia criadora de cada um de nós conjuga-se num sistema de materiais — uma parte se esgota nos limites do aproveitamento pessoal; a outra se confunde na obra coletiva. São as resultantes da lei da solidariedade, causa e fruto de nova ordem do mundo.

Fôra, assim, desfigurar os objetivos desta festa imprimir-lhe o simples sentido de uma comemoração habitual. Um feriado, nesta quadra de agitação e tumulto, seria pouco. Um desfile militar, com as charangas na testa, não traduziria a preocupação de todos os corações sinceros. Nos dias serenos, os canhões festivos troam sem maior eco nas últimas raízes do sentimento nacional, e os hinos não despertam a mesma vibração nervosa.

Por que então, senhores, dissimularmos a razão fundamental que nos reúne esta noite?

A humanidade tôda desliza sôbre um solo napolitano, segundo a velha imagem.

Há vinte anos desabou um mundo sôbre os clarões do incêndio universal; outro mundo se está gerando laboriosamente nas entranhas da nossa própria miséria. Tôda a linha, na marcha da civilização, conheceu essas flexões inevitáveis. Após as guerras, densas sombras duraram longo tempo, escurecendo o destino das nações. E algumas houve que submergiram no ocaso, depois de iluminarem a terra conhecida com fulgores meridianos.

Como conseguiríamos escapar às conseqüências da catástrofe, que tragou tantas instituições seculares e alterou o sentido de tantas outras,

enchendo a atmosfera com o clamor de reivindicações imprevistas ou longamente sufocadas?

Quando os quebramares da disciplina sucumbem ao peso das armas, as águas transbordam o leito, inundam as cercanias e só o espírito realiza o milagre, não de repô-las entre as mesmas margens — tarefa acima do homem — mas de contê-las em outras direções e sob outros signos.

O Brasil é que não poderia assim escapar às conseqüências tormentosas do conflito. Acabou a delícia do isolamento entre os povos. As muralhas da China não passam de uma recordação histórica. A mecânica e a física revogaram a geografia. Falam com os antípodas, como se nos comunicássemos com os bairros da mesma cidade. As vozes rompem o silêncio dos ares, e os oceanos — pobres mares trevosos! — varados pela miquina veloz como os vendavais.

Todo o universo habitado é um sistema de vasos comunicantes. Um instituto político, jurídico, econômico ou social que desaba ou se transforma no Oriente, influi no similar do Ocidente como numa cadeia de reflexos. Subvertida a tábua dos logaritmos humanos, tôdas as operações parecem erradas, tôdas as equações mal enunciadas, todos os cálculos incertos.

Da moral à moeda, tudo se manipula; e os modelos clássicos dormem nos pesados “in folios” como atestados de idades longínquas.

A isso, senhores, mais do que aos dramas sangrentos nos campos ou nas ruas, é que se chama a Revolução. De baixo ou de cima, da esquerda ou da direita, branda ou cruel, ela aparece quando um novo ritmo se inaugura nas relações entre os indivíduos e os povos, quando a substância das normas jurídicas já não é suficiente para reger o império das novas necessidades sociais.

Suportemos de pé o abalo profundo, conscientes do rigor da tempestade, compreendendo-lhe os anseios renovadores, construindo as nossas obras de adaptação e defesa, nacionalizando os processos de reconstrução, mobilizando a juventude sob novos padrões educacionais, dirigindo a economia, revisando as instituições onde quer que se mostrem inaptas à regência das relações político-sociais.

Mas, sobretudo, urge fugir aos perigos da inovação inconsciente ou anárquica e aos ricos da cópia servil. Jamais, como hoje, foi a ordem moral um imperativo mais categórico da vida brasileira. Dentro dela é que se têm de processar as transformações impostas pelas exigências contemporâneas. Atravessamos um deserto de penitências e as águas só brotarão da rocha árida para anunciar as fronteiras da Promissão, quando cada um de nós — governantes e governados — tiver dado o exemplo bíblico da perseverança e da renúncia. Sob essas cláusulas, o futuro será nosso, se não nosso, dos nossos filhos, aos quais legaremos, à custa do nosso sacrifício, dias de tranquilidade e de ventura.

Bem haja a Liga de Defesa Nacional, que instituiu êste apostolado para a reconversão dos pecadores contra a Pátria, para o batismo dos céticos, dos eternos roedores da majestade da República e do invaliável futuro do Brasil. Ela está exercendo, mais do que uma função pública, um verdadeiro sacerdócio cívico. Assim o seu exemplo proliferasse por todos os recantos do território, animando os tíbios, fortalecendo as energias vacilantes. Não me tenho cansado de repetir que a segurança pública não é nem pode ser apenas uma obra policial, mas educativa, um levantamento em massa de todos os corações aguerridos para o bom combate.

A hora é de novas cruzadas, as cruzadas do espírito contra o materialismo destruidor e dissolvente. Se o Brasil já não é um vasto hospital, de que falava Miguel Pereira, o que êle não pode ser é um santuário de pessimistas amargos ou conformistas apáticos, mas uma arena de gladiadores tenazes, construindo na luta e na alegria, que conservam o corpo e rejuvenescem a alma. O problema é, antes de tudo, de organização em todos os setores da nossa vida pública, acabando com as improvisações a retalho e com os exclusivismos gregários, individuais ou regionais.

Basta, senhores, de plataformas. O momento exige sinceridade de propósitos, capacidade de compreender e realizar. Compreendamos e realizemos. Mas todo o esforço será perdido se não se processar entre duas balizas, que em tôda a história dos povos demarcaram as fronteiras entre a lei e o despotismo — a Justiça e a Liberdade. Uma

é o céu que garante séculos de bonança, a outra é a terra da própria dignidade humana.

Eis, aí, o gigante adormecido. Despertai-o para a luta e para a vida.

Olhai-lhe o corpo maravilhoso. A cabeleira é verde, no deslumbrante tom das selvas amazônicas. O dorso está, às vezes, ressequido pelas soalheiras do Nordeste aflitivo. Os pés assentam, imensos e firmes, sobre as águas azuis daquele rio Uruguai, cantado pelo vate de Lindóia. Um dos braços, com o bíceps retezado, espalma os cinco dedos sobre a cadeira de granito e ferro da terra dos Inconfidentes, enquanto o outro molha a palma nas águas do Oceano Atlântico.

É um tronco sólido e nu. Não veste camisa; muito menos de côres suspeitas. Lá em cima, sobre seus ombros, uma bandeira tremula aos ventos benignos. Não a colore o vermelho simbólico da desordem, mas o verde das suas campinas e o ouro do seu sol, estampados no azul do firmamento... Este é o lábaro de todos, sem distinções, sem castas, sem senhores e sem párias.

Falta apenas o coração. Ele está aqui pulsando sobre o asfalto destas avenidas, rítmico, imenso, enérgico e generoso, síntese de todas as aspirações, de grandes e pequenos, pobres e ricos, patrões e operários, gerais e soldados, mestres e discípulos, na eterna comunhão dos que passaram, dos contemporâneos e dos pósteros.

JOÃO NEVES DA FONTOURA

Homenagem à memória do Almirante Tamandaré. Discurso proferido em 9-12-1941, em nome da Marinha de Guerra do Brasil.

A esta hora da manhã, à beira do fim de um ano tormentoso e grave, aqui está o Brasil, com o seu chefe supremo, os seus homens de Governo, os seus marinheiros, os seus soldados, os seus cidadãos, para celebrar ao pé dêste monumento, em frente do mar, que foi o palco da sua vida, a vida e a glória do Almirante Tamandaré.

Mas, em verdade, comemorações, como esta, transcendem sempre os limites de uma simples existência humana, por mais longa e benemérita que fôsse.

Os grandes homens são feitos de substância coletiva; o que os eleva acima da craveira comum é que as suas vidas e os seus atos não se perdem no atomismo individual nem se isolam do meio em que viveram. Aí, a distinção entre a santidade e o heroísmo. Os santos podem ser canonizados por virtudes interiores. Ao contrário, a alma dos heróis é forjada nas chamas da vida pública. Uns refletem as luzes do céu; outros pertencem ao drama da terra, cujos lances encarnam e dirigem nos acidentes da sua carreira.

Por isso, os santos recebem no silêncio das capelas as homenagens do culto, enquanto para os heróis os altares se erguem no túmulo da praça pública.

Tamandaré é um dos heróis brasileiros e, tendo atravessado quase todo o século XIX, desfruta o privilégio de que as nossas lutas fundamentais, do fim da Colônia aos primórdios da República, estão situadas entre o seu berço e o seu túmulo.

Quando nasceu, os soldados de Junot ainda não haviam jogado dêste lado do Atlântico a côrte portuguesa; quando morreu, já o país atravessava, pacificado, o segundo período presidencial da República.

Mas o que o faz grande, ao serviço da Pátria, não é o ter sido testemunha dos nossos maiores acontecimentos. Tantas vidas anônimas assistiram àquelas transformações substanciais.

Tamandaré é, porém, um dos construtores da Nação.

Em 23, já estava a bordo da fragata *Niterói*, batendo-se no combate de 4 de maio pela independência do Brasil e fazendo parte da esquadra, que levou as naus portuguesas até à embocadura do Tejo.

O mar foi a sua vocação, o seu sonho, o seu destino. Napoleão dizia — a sua fatalidade. O voluntário da *Niterói* subiu nas asas do próprio valor até o último pôsto, não havendo o menor exagêro em afirmar que a crônica da marinha brasileira, em dois impérios, pode ser traçada com as emendas da sua fé de officio.

No mar, o gênio político e militar de Caxias encontrou em Tamandaré o indispensável complemento de bravura, idealismo e espírito de sacrificio, de sorte que quando o instinto de simetria busca colocar num plano comum as grandes linhas da unidade nacional em uma de suas fases mais tormentosas, a imaginação pode traçá-las entre duas paralelas — o bastão do Condestável e a espada do Almirante, que manteve nas águas do Prata, desfraldada e vitoriosa a bandeira do Brasil.

Mas as festas de hoje adquirem, por fôrça dos acontecimentos desta semana, um sentido mais profundo do que o simples reverdecer dos louros passados.

Há quase meio século, a voz profética de Rui Barbosa advertia os seus concidadãos de que “o mar, que na paz nos enriquece, na guerra nos ameaça”.

De novo, a lição do extremo oriente, aproximando o conflito do nosso hemisfério, é um toque de sentido, revelando a importância do poder naval aos países banhados por imensas extensões oceânicas.

Afortunadamente, não estamos, aqui, apenas praticando um rito de reverência platônica a um dos arquitetos do Brasil, indiferentes à lição do presente ou com os olhos vendados às aflitivas interrogações do futuro.

De há muito, tôdas as preocupações do Govêrno, estão voltadas, com o aplauso universal dos brasileiros, para o ressurgimento do nosso poder militar, construindo nós mesmos, com tôdas as nossas disponibilidades, os nossos navios de guerra, fabricando em parte os nossos aviões, aperfeigoando a instrução dos nossos soldados, dos nossos marinheiros e dos nossos pilotos, adquirindo o material necessário à defesa das nossas fronteiras.

De par com êsses atos de providência material, acertou sempre o Presidente Vargas em manter e desenvolver o sentimento de solidariedade do Brasil com as Nações do Continente, por uma sincera política de cooperação e fraternidade, despida de fórmulas vazias, mas substancialmente impregnada daquele espírito continental que os imperativos da nossa formação política e o império das circunstâncias acabaram transformando tôdas as Repúblicas do Novo Mundo no feixe de varas simbólicas.

As irresistíveis forças morais contra a agressão e a conquista tornaram móveis as fronteiras dos países americanos, de modo que o ataque feito a um dêles constitui uma ameaça feita a todos.

Particularmente para o Brasil, a atitude do seu Govêrno espelha fielmente o sentimento nacional, conforme os nossos antecedentes históricos, e reúne, nos laços de uma inquebrantável coerência, os atormentados dias atuais com a manhã em que, aos pés dos Guararapes, antecipamos a formalidade da independência, afirmando perante o mundo a inviolabilidade do nosso território.

Agora, o desfile dos nossos marinheiros já não é uma simples continência ao passado, que a estátua de Tamandaré simboliza, mas uma renovação de confiança pública nos mesmos ideais do presente, sejam quais forem os sacrifícios do futuro.

OCTÁVIO MANGABEIRA

Um "Paladino da Linguagem" — Discurso pronunciado na Câmara dos Deputados, sessão de 16-11-1920.

O Sr. Presidente — O Sr. Deputado Castro Rebello requer que se insira na ata um voto de profundo pesar pela morte do filólogo Ernesto Carneiro Ribeiro.

O Sr. Octávio Mangabeira — Peço a palavra.

O Sr. Presidente — Tem a palavra o nobre Deputado.

O Sr. Octávio Mangabeira — Não há, Sr. Presidente, não pode haver, em ocasiões como esta, maioria ou minoria na deputação bahiana. (*Apoiado; muito bem*). O que há é tôda a bancada a tributar o seu culto a uma das figuras mais conspícuas, mais autorizadas, mais representativas, daquelas que edificaram ou mantiveram, para servir de título à Bahia, entre os irmãos da federação brasileira, a tradição de Atenas do Brasil.

Ernesto Carneiro Ribeiro, cujo nome não declino sem a veneração que nos inspiram, sobretudo após a morte, as entidades que se tornaram sagradas pela benemerência ou pela glória, exerceu, em minha terra, por bem mais de meio século, não a indústria, mas, de fato, o sacerdócio da educação de gerações bahianas, que vêm de Rui Barbosa e Castro Alves, até os que, ainda agora, o rodeavam, na casa do seu colégio, que era o templo do seu apostolado, nos últimos dias, nos derradeiros momentos da sua santa, querida e abençoada velhice.

Dali, porém, daquele círculo estreito de simples e modesto professor de ensino secundário na província, irradiou para o país inteiro

— de tão puro quilate êle era — o conceito do seu merecimento, apreçoado pelos seus discípulos, testemunhas pessoais de sua capacidade, e documentado nas obras que afirmaram em Carneiro Ribeiro um dos mestres mais insignes, aqui e em Portugal, da nossa língua. (*Muito bem*)

Está na memória da Câmara o episódio do Código Civil.

Fôra êle encarregado de dar ao projeto do Código a boa expressão vernácula. Desempenhou-se, patriôticamente, do encargo, no curto prazo que lhe deferiram. Rui Barbosa, porém, fêz a crítica da redação do projeto, em uma das produções mais afamadas, entre tôdas com que, de quando em quando, nos surpreende o seu gênio. (*Muito bem*). Avançado na idade, batido pela fadiga do trabalho e pelo trabalho do tempo, sem o exercício freqüente ou continuado da pena, acreditou-se que o professor Carneiro deixaria passar em silêncio as observações de Rui Barbosa. Breve lapso, entretanto, decorre, e êle enriquece a biblioteca da língua com êsses dois grossos volumes que hoje ornamentam as estantes de todos os que, no estudo do vernáculo, amam e cultivam as boas letras. (*Muito bem*)

A polêmica, Sr. Presidente, a que me estou reportando, não só pelo brilhantismo, senão também pela superioridade com que se desdobrou, marca uma página de ouro na história intelectual da nossa Pátria. Dela, os dois grandes bahianos, que nela se enfrentaram com tanto orgulho para todos nós, saíram talvez mais amigos que nela haviam entrado, um proclamando e reconhecendo no outro aquilo que, em um e outro, a opinião consagrara — a mestria na ciência do assunto que debateram. (*Apoiado*)

Não faz ainda dois anos, tive a fortuna de acompanhar à Bahia o Senador Rui Barbosa, que ali ia em propaganda de sua candidatura no último pleito presidencial. Chegamos à noite. Era cêrca de oito horas, quando o navio atracava. Rui Barbosa se dirige ao portaló, para receber as homenagens da multidão delirante, que marulhava por tôda a linha do cais. É quando, do seio do povo, para festejar, em seu nome, o excelso brasileiro, se descobre a figura imponente, larga fronte bronzeadas e longas barbas brancas, do Dr. Carneiro Ribeiro, que, já octogenário, fremia de entusiasmo, para cantar o hino da Bahia

ao maior dos seus discípulos, que teve de ser mais tarde o seu incomparável contendor, na polêmica do Código Civil.

O estilo do velho mestre, nessa, como em outras orações com que concorreu para o escrínio das seletas da língua portuguesa, entre elas, por exemplo, a sua memorável conferência por ocasião do centenário do Padre Antônio Vieira, tinha a gravidade do seu vulto, a pureza do seu caráter, a serenidade do seu espírito e a beleza do programa que se traçou na existência.

Cercaram-no, por honra da Bahia, até à morte, como se vissem nêlo um patriarca, uma espécie de ponto culminante na sociedade bahiana, o afeto, o aprêço, o carinho de todos os seus conterrâneos, quaisquer que fôssem a condição, a classe, ou mesmo o grêmio político de que fizessem parte.

A Bahia, por tôdas as expressões da sua população, acompanhou ao campo santo os despojos de seu grande filólogo.

Tanto o nobre Deputado que me precedeu na tribuna, como eu, Sr. Presidente, podemos dizer, sem êrro, que falamos em nome do cérebro e do coração da Bahia (*muito bem; muito bem*), pedindo à Câmara o voto de pesar pela morte do augusto, egrégio amigo da juventude e das letras que, educando a mocidade, por mais de sessenta anos, foi útil ao seu povo, e, cultuando, e propagando o amor ao culto da nossa língua, soube servir e honrar a sua Pátria! (*Muito bem, muito bem. Palma no recinto. O orador é abraçado*)

EPITACIO PESSOA

Palavras proferidas da sacada do Teatro Municipal de São Paulo, por ocasião da "Marche aux flambeaux" promovida pelos estudantes de medicina, em setembro de 1921.

Sinto-me profundamente comovido diante das manifestações com que me saúdam os alunos da Faculdade de Medicina de São Paulo.

Sinceros e desinteressados, inspirados sempre num grande ideal de liberdade e de justiça, sempre ditados pelas mais alevantadas aspirações do amor da Pátria, os aplausos da mocidade são os que mais sensibilizam e confortam os homens de govêrno.

Esta festa, essas aclamações, êsse entusiasmo, mostram que o govêrno atual está cumprindo o seu dever com coragem e patriotismo, surdo às objurgatórias dos demolidores de tôda casta, indiferente às imprecações dos interêsses contrariados, mas dócil à opinião esclarecida do país, acessível às sugestões de todos aquêles que, como os moços, não tenham outra preocupação que não seja a grandeza e a glória da República.

Eu agradeço à garbosa mocidade da Escola de Medicina as demonstrações de simpatia e de estima de que me cumula: elas despertarão em minha alma novos estímulos, elas acordarão em meu espírito novas energias para levar por diante essa tarefa, que eu sinto muito superior às minhas fôrças, mas que é, eu vos asseguro, muito inferior ao meu amor pelo Brasil.

EPITÁCIO PESSOA

Discurso no lançamento da primeira pedra do monumento aos Andradas, na cidade de Santos, em setembro de 1921.

Entre as alegrias e as honras a que eu pudera aspirar como chefe da Nação, nenhuma me poderia ser mais cara do que esta — a de lançar a primeira pedra do monumento aos Andradas, a de assinalar o momento inicial desta construção, que vai comemorar-lhes o centenário da obra grandiosa, a de contribuir para a elevação dessa coluna, onde as gerações atuais e as futuras gerações virão pedir inspirações de coragem, de abnegação e de civismo.

Nos acontecimentos que prepararam a nossa independência política, êles procederam sempre como se fôsem um só homem, unidos pela mesma fé — o triunfo da liberdade; guiados pela mesma idéia — o predomínio da justiça; identificados pelo mesmo sentimento — o amor desinteressado, vivo e palpitante do nosso Brasil.

A figura central de José Bonifácio, que aqui em São Paulo adquirira fulgurante prestígio como homem de ciência e patriota; a coragem cívica e a inteligência de Antônio Carlos, que, já em defesa do Brasil, soubera enfrentar, no dia de sua chegada às Côrtes de Lisboa, a onda ameaçadora dos deputados portugueses; a franqueza rude, o temperamento combativo de Martim Francisco, cuja inteireza moral se impunha mesmo aos seus mais apaixonados inimigos; tôdas essas qualidades, reunidas e movimentadas com a mesma orientação patriótica, fizeram convergir em torno dos Andradas as aspirações, as fôrças e as energias de quantos sonhavam com a libertação do jugo estrangeiro. *(Muito bem, muito bem)*

A José Bonifácio, principalmente, coube a missão de canalizar as energias do povo em favor da independência. Espírito adiantado, em cujo programa político já se inscreviam idéias como a liberdade absoluta de comércio, o trabalho livre e a prática dos desportos, como meio de fortalecer a mocidade e melhorar a raça, a sua colaboração na obra da nossa emancipação política, malgrado as animosidades de alguns historiadores, foi serena, segura e decisiva. (*Apoiado, muito bem*)

Na Constituinte, primou a ação de Antônio Carlos. Grande orador, sóbrio, elegante, pronto na réplica, ferino nos conceitos, áspero, às vezes, na crítica, êle se impôs como o líder de uma assembléia em que homens de grande valor moral e intelectual revelavam as mais notáveis qualidades de saber e patriotismo.

Finalmente, Martim Francisco foi o auxiliar eficaz, devotado e incansável de seus dois irmãos, e com o segundo constitui o eixo do movimento que em 1840 deu solução à última das três grandes fases da formação do Império — a Maioridade.

José Bonifácio e Martim Francisco formaram o primeiro ministério de Pedro I. Martim Francisco e Antônio Carlos organizaram o primeiro ministério de Pedro II. A dezoito anos de intervalo, foram os Andradas os principais criadores de uma nacionalidade, que em breve vai completar cem anos de existência e que, para comemorar o seu centenário, cuida de erguer êste monumento como uma reparação nacional devida àqueles cujos talentos e cujos esforços abriram ensejo, e mais tarde deram corpo e vida, ao brado memorável do Ipiranga. (*Muito bem, muito bem*)

Que no monumento dos Andradas perpetui, na gratidão do povo brasileiro, a memória dos maiores vultos da sua independência política. (*Prolongada e ruidosa salva de palmas*)

EPITÁCIO PESSOA

Discurso na Faculdade de Direito de São Paulo,
em setembro de 1921.

Sinceramente, eu não imaginava que a simples visita para que fui convidado pela amabilidade do Centro Acadêmico Onze de Agosto se convertesse nesta imponente solenidade. Diante da majestade dêste ambiente, sinto-me realmente confundido e perturbado, e não acho expressões para traduzir com fidelidade todo o meu desvanecimento pela honra insigne que me confere a douta Congregação da Faculdade de Direito de São Paulo, recebendo-me em seu seio, e associando-se às generosas manifestações de aprêço de que me faz objeto a bondade dos seus discípulos. Tão pouco posso dizer quanto me penhoram os ilustres colegas, Srs. Drs. Herculano de Freitas e Spencer Vampré, cumulando-me de gentilezas e de conceitos, que só penso atribuir à simpatia e amizade que tive a fortuna de inspirar-lhes.

Dir-vos-ei, por isso, apenas, Senhores Doutôres, que, dentre as numerosas manifestações de simpatia que tenho recebido desde a minha chegada a esta terra generosa, não é esta a que menos me toca o coração, partindo, como parte, daqueles que representam o escol da intelectualidade paulista, daqueles para quem o Direito, em todos os seus aspectos sociais, tem sido, como para mim, uma preocupação absorvente da vida; daqueles a quem está confiada a missão delicada e temerosa de construir, aparelhar e consolidar as colunas, sôbre as quais, amanhã, devem repousar a integridade, os brios e a honra do Brasil.

É sempre possuído de um profundo sentimento de confiança e simpatia que me ponho em contacto com a mocidade. É que eu vejo

na mocidade (e não suponham que há nas minhas palavras uma simples figura de retórica), é que eu vejo na mocidade a principal, a mais poderosa, a mais brilhante dentre as forças propulsoras do progresso da Nação; é que eu ouço borbulhar no seu seio o mais acendrado espírito de devotamento e de sacrifício; é que eu sinto palpitar no seu peito o coração mesmo da pátria, onde esta vem beber alento e vida, e haurir, a largos sorvos, os santos entusiasmos, feitos de abnegação e de coragem, que, nas épocas mais culminantes da nossa história, nos têm conduzido, vitoriosos, às conquistas da liberdade e da democracia.

Ao penetrar neste recinto, senhores, o que me dominou não foi sòmente a emoção de me encontrar neste edifício legendário, iluminado há quase um século pelas mais vivas fulgurações da inteligência e do saber, e de onde, numa soberba irradiação de eloquência, de integridade e de trabalho, se tem espalhado por tôda a nação, pela voz dos oradores, pela casuística dos advogados, pelas sentenças dos juizes, os mais nobres postulados do direito e da justiça.

Ao penetrar neste recinto, o que me dominou não foi sòmente a saudade de outro instituto congênere, que guarda também as mais formosas tradições de patriotismo, onde formei o meu espírito e aprendi a amar a justiça, como a primeira condição de vida, como o mais sólido fundamento das instituições sociais, como o atributo mais elevado e característico da superioridade moral do homem.

Ao penetrar neste recinto, tive também a impressão de que o futuro do Brasil perpassa por entre estas vetustas paredes, a sua sombra divaga por êstes corredores solitários, às vêzes cheia de apreensões e de receios, mas, quase sempre, rica de entusiasmos e de esperanças, porque, senhores, é aqui que se moureja a mocidade, é aqui que se afinam os seus sentimentos de abnegação e de civismo, é aqui que se acrisola o seu culto pela liberdade, é aqui que se formam os cidadãos a quem amanhã o Brasil entregará a defesa da sua integridade, os surtos do seu progresso, os melindres da sua vida internacional.

Ao penetrar aqui, ainda outro sentimento me dominou, e êste me ncheu de desvanecimento e de orgulho o de que não são sòmente as lasses conservadoras de São Paulo, as pessoas mais representativas

do primeiro Estado da Federação, que me vêm trazer o testemunho do seu apoio; é também a mocidade da sua culta capital, que vem fazer justiça ao esforço, ao desinteresse e ao patriotismo com que tenho procurado servir ao meu país. Nem a mocidade me acolheria com estas manifestações de cordialidade e de estima, se algum dia eu houvesse mentido aos meus deveres de cidadão ou fugido às responsabilidades do meu cargo.

Os aplausos que recebo trazem-me grande conforto, despertam-me as forças necessárias para prosseguir na senda que venho trilhando em meio de dificuldades sem número, mas com passo firme e resolutivo; os aplausos que me dirige a mocidade acordam novas energias no meu espírito para exaltar, no coração dos moços, o sentimento fecundo do amor da pátria.

Estranharam já que seja este o meu tema predileto, sempre que tenho ocasião de falar em público. É porque a preocupação constante do meu espírito, estimulada de um lado pelas observações de minhas viagens e agulada de outro pela indiferença dos meus compatriotas, é que não temos feito tudo quanto podemos e quanto devemos pela grandeza e pela glória da nossa Pátria. Quanto mais viajo, mais me sinto filho do Brasil, mais confiança tenho nas suas possibilidades, mais clara se me apresenta a visão do seu futuro. É por isto que me esforço por estimular o patriotismo dos moços, que são as mais justas esperanças da Nação, sangue novo e sadio, destinado a acender-lhe nas veias a sede do progresso, o culto da justiça, o amor da liberdade.

Já alguém me chamou de “nacionalista”. Não pode haver qualificativo mais grato ao meu coração de brasileiro. Mas o meu nacionalismo, como já tive ocasião de dizer em público, não é feito de ódios e prevenções contra o estrangeiro, cuja colaboração nos é necessária, cujo auxílio desejamos para a exploração das nossas inesgotáveis riquezas latentes; meu nacionalismo é feito de amor e de carinho por tudo quanto se relaciona com o Brasil, de zelo pelo seu nome, de esforço pelo seu progresso, de sonhos pela sua glória. O meu nacionalismo figura para mim um Brasil novo, rico e poderoso: o seu vastíssimo território rasgado de caminhos de ferro, os seus rios imensos coalhados de barcos, uns e outros conduzindo para seus portos, con-

vertidos nos mais vastos empórios comerciais da terra, os produtos variados do seu seio exuberante: a instrução difundida até as mais baixas camadas sociais; as suas artes, as suas ciências, as suas indústrias levadas ao apogeu do desenvolvimento; a sua palavra recebida com acatamento e respeito pelas mais poderosas nações do mundo nas conferências internacionais; a sua raça unida, robusta e laboriosa, procurando fazê-lo cada dia mais forte, mais culto e mais belo.

Moços, amai assim o Brasil! Amai-o dêses amor que absorve a personalidade inteira, amai-o dêsse amor que se faz de abnegação e de sacrifícios, de devotamento e de ternura; amai-o, e o vosso amor o iluminará, e o vosso amor o transformará em breve nessa grande nacionalidade dos meus sonhos, respeitada e temida, progressista e fecunda, gloriosa e feliz.

ALFREDO PUJOL

Homenagem à memória de Sadi-Carnot, Presidente da República Francesa; discurso proferido na sessão de 26-6-1894, na Câmara dos Deputados de São Paulo.

“Sr. Presidente:

Uma infinita desolação acabrunha neste momento o coração de todos aquêles que sentem uma fibra de simpatia por essa grande e generosa França, — uma das mais belas, uma das mais gloriosas, uma das mais irradiantes firmações do triunfo democrático na civilização contemporânea.

É esmagadora a impressão que avassalou todos os espíritos republicanos, ao divulgar-se a notícia tristíssima de haver succumbido, à miserável agressão de um anarquista, a personalidade eminente que representava a mais alta magistratura da altíssima nação, que é o orgulho da raça latina e que é a legítima depositária da supremacia intelectual no mundo moderno.

A clamorosa notícia dêsse golpe tremendo, inesperado, formidável, que assim feriu o coração de Sadi-Carnot, — como se rasgasse uma artéria da altiva pátria da Liberdade — vai percutir na Europa inteira, vai ecoar nas mais elevadas eminências do Poder e da Autoridade, como um pampeiro de devastação, como o sinistro e aterrador pregão do desespero que agita, numa convulsão apavorante, todos êsses legionários da miséria, rugindo imprecações contra a ordem social, proclamando por tôda parte a destruição e o saque, a anarquia e a desordem, a guerra ao capital, à lei, à sociedade organizada, à

autoridade constituída, — guerra desvairada, guerra implacável, sem tréguas, sem piedade, sem perdão!

Vem de longe, reboando de espaço a espaço, êsse eterno protesto das multidões, que é como a epopéia da loucura, cantando pelas idades em fora o despedaçamento de tôdas as tradições sociais, o esfacelamento de tôda a ordem constituída, o esboroar das instituições, o desprestígio, a anulação, o arrasamento do princípio da Autoridade e da soberania da Lei.

Na Inglaterra, onde, na frase feliz de um publicista, — o poder procura adiar a crise social, buscando conquistar povos vassalos para obter povos fregueses, — é injuriada, na praça pública a velhice sagrada de Gladstone, a portentosa intelectualidade que representa a convergência das aspirações do século, o grande oráculo da opinião liberal da Europa, a estupenda figura política, que fêz, dos direitos de um povo escravizado ao despotismo de um regime intolerante, a arma potentíssima com que combateu por tôdas as liberdades! (Muito bem)

Na Alemanha, o prestígio secular, o prestígio tradicional, quase fantástico, dos Hohenzollern, — dominando seus dois milhões de soldados e seus pensadores e seus filósofos — é súbitamente abalado pelos apupos com que a multidão surpreende o todo poderoso Guilherme II!

E depois, na Espanha e na Itália, e na Holanda, e na Bélgica e por tôda a superfície do velho mundo, alastra impetuosamente, e cresce, e se avoluma, e domina, a onda devastadora dessa reação temerosa, dessa trágica convulsão do sofrimento humano, que faz ante-ver aos alucinados da fome, em seu sonho louco, um mundo futuro, um mundo abstrato, que se ilumina com o clarão dos incêndios e com a colaboração rubra do sangue inocente de seus irmãos. (Muito bem!)

E coube, ontem, à França, o seu quinhão doloroso nessa lúgubre partilha do sangue!

O golpe vai certo à culminância do poder público e abate, sob a lâmina de um punhal criminoso, a figura austera e dominadora de Sadi-Carnot, a personificação da autoridade constitucional, a suprema corporificação da tradição Republicana! (Muito bem)

O ânimo mais viril, cheio de espanto pela monstruosa calamidade que vitimou a imorredoura nação, abatido diante da majestade dêsse cadáver de um mártir, extático ante a dor profunda que invade a alma angustiada daquele povo, perde-se em divagações contraditórias, acozarda-se ante ignotas apreensões, e, por mais que procure a diretriz dos acontecimentos, não encontra senão o vácuo em tórno à imensa desgraça que feriu a França! (Pausa)

Sr. Presidente, sinto que me faltam fôrças para reerguer êsse cadáver extraordinário (muito bem!) e para apontá-lo à Democracia, como a síntese do vigor prestigioso dessa França audaz, que renasceu, esplendorosa, depois do cataclismo de 70, para ascender a uma altura imensurável.

Faltam-me fôrças para descrever a trajetória luminosa dêsse patriota, que pôde levantar a terceira república, através dos nevoeiros da conspiração do monarquismo europeu, e indicá-la ao mundo como o triunfo impercível e surpreendente da grande epopéia de 89!

À sua glória basta, porém, essa conquista da política internacional, que ligou o Autocrata moscovita à Democracia francesa, trazendo às águas de Toulon uma frota, que foi a mensageira da aliança entre duas fôrças capazes de abalar as coligações ameaçadoras das potências europeias.

E êsse grande acontecimento político, que importará uma vitória para a França, significa a afirmação triunfal de seus destinos e a sagração definitiva da República! (Muito bem!)

Diante, senhores, da grandeza da dor que oprime a gloriosíssima nação, a Câmara dos Deputados paulistas, que veio de uma revolução e sintetiza as aspirações do partido republicano, não pode permanecer indiferente. (Apoiado)

Nós, que bebemos o alento para as lutas da propaganda republicana na grande Revolução que foi o advento da Lei, a ressurreição do Direito e a reação da Justiça, — na bela expressão de Michelet; nós, que, sonhando a grandeza de nossa pátria, fizemos da *Marselhesa* o hino vitorioso da Idéia Nova, e ao heroísmo revolucionário da França fomos pedir a lição generosa para a honra tremenda dos sacrifícios

e das provações, nós, que nos consubstanciamos com a sua história fulgurante para encorajar as nossas energias na pugna pelo mesmo ideal, — temos o dever de nos curvar hoje perante o infortúnio do povo francês e de chorar, com elle, a perda irreparável que acaba de sofrer! (Muito bem! Muito bem!)

A expressão da solidariedade dos republicanos paulistas com a inenarrável angústia que prostra o heróico povo, — está consubstanciada na indicação que vou ter a honra de obedecer à Câmara dos Deputados.

Ela traduz o sentir coletivo do espírito republicano dêste pedaço da América, cuja liberdade foi argamassada com as inspirações do civismo francês; ela irá dizer a êsse povo imortal que, se é verdade que a França é a alma do século e a culminância da civilização, só nesse solo se pudera abrir o túmulo digno do filho que tanto amou e enobreceu sua pátria!

E, se a essa dor enorme fôsse permitido o consôlo vão das palavras, impotentes para estancar o sangue de feridas tão profundas, nós iríamos pedir à eloquência de Casimir Périer — o sucessor, talvez, de Sadi-Carnot — esta palavra de estímulo à extraordinária nação, mais cheia de promessas que o próprio futuro:

— “Cidadãos de uma democracia livre! Se amais verdadeiramente a França, lutai, lutai sempre, a despeito de todos os sofrimentos, por essa causa, que duas palavras resumem: PÁTRIA E REPÚBLICA”.

ARMANDO DE SALLES OLIVEIRA

Saudação às classes armadas da Nação no banquete que o Governo de São Paulo lhe ofereceu em 25-1-1936.

Meus senhores,

Agradeço calorosamente a solicitude com que acedestes ao meu convite e viestes participar desta cordial demonstração de afeto, de respeito e de reconhecimento às classes armadas da nação.

Agradeço ainda aos brilhantes representantes do Exército e da Marinha, que, vindo ao Rio, tiveram a lembrança de confundir a homenagem que recebem com a própria homenagem que queriam render a São Paulo no dia em que aqui comemoramos, com alegria e confiança, mais um aniversário de sua fundação.

No quadro da vida nacional, formado de vinte e uma paisagens diferentes, nós, paulistas, nem sempre somos julgados com justiça pelos que nos conhecem de longe. A nossa fisionomia grave e reservada, a seriedade que pomos na execução da menor de nossas tarefas, a habitual ausência do sorriso, a obstinação com que tentamos conquistar a independência individual e a aparente predominância dos interesses de ordem material, não são feitas para despertar uma atração instantânea. O caráter paulista é como essas casas florentinas, de altas fachadas de pedra, sombrias, espessas e fortes, nas quais uma ou outra abertura é por acaso talhada. Para quem as olha com a vista baixa, essas casas parecem impenetráveis e respiram desconfiança e orgulho. Se, porém, o olhar sobe, tem uma surpresa: o que se via com aparência de prisão termina no alto em largas janelas, ornadas de colunas esguias e harmoniosas e de um puro rendilhado de pedra. Quem entrar

em uma dessas casas tem nova surpresa: acolhedora, tranqüila e agradável, ela recebe o ar e a luz de um mesmo pátio interior, onde uma fonte cantante deixa correr a água e a frescura.

Precisarei acrescentar mais alguns traços, para tornar mais fiel este retrato do povo paulista? Precisarei dizer que a sua rude vitalidade, as suas luminosas tradições bandeirantes, o seu presente transbordante de seiva e de fé construtora, são uma riqueza para o Brasil?

Longe de amortecer a unidade nacional, o regionalismo dá-lhe vida e colorido. A integridade territorial e espiritual não é incompatível com a existência de um regionalismo persistente e vivaz. Unidade não significa uniformidade. Cada uma das regiões do país cultiva e resguarda as tradições locais, os costumes e as peculiaridades da vida social, mas permanece brasileira, visceralmente brasileira. As múltiplas combinações dessa diversidade é que constituem a grandeza da pátria.

Todos nós, brasileiros, guardamos na alma um único modo de ser, uma mesma religião, um mesmo instinto de pátria. Pois, foi tudo isto que quiseram romper e extinguir há dois meses. Uma horda brutal, conduzida por agitados, do Brasil democrático, do Brasil cristão.

A tempestade comunista não desabou sobre nós como o dilúvio da Rússia ou como o bárbaro ciclone que, por intermitências, devasta e martiriza a China. Aqui, ela apareceu como uma rápida tromba de fogo, que incendiou apenas três pontos do país. Mas foi bastante para que deixasse impressos, no solo brasileiro, os sinais característicos da ação bolchevista.

Começando pela traição e pelo massacre, continuou, onde conseguiu dominar alguns dias, pelo saque e pelo cruel repúdio de todos os direitos e de todos os respeitos humanos.

Felizmente, já não trazem nas mãos esses sombrios mistificadores as páginas ainda não abertas de teorias cheias de sedução. A experiência está feita. O que em 1917 era desconhecido, tem hoje dezoito anos de implacável aplicação e de gigantescas provas. O sistema exerceu a princípio uma certa fascinação sobre muitos espíritos, arrastados pela magnética força de vontade dos homens ousados que tentavam

impor ao mundo uma outra ordem de civilização. Mas só a vontade dos mortais e a trama da razão não bastam para assegurar a existência de um sistema político. Os resultados, que temos diante dos olhos, são concludentes e não podem ser sofismados.

A civilização, que o comunismo procura destruir, tem na realidade pouco mais de um século. Nesse período, o patrimônio material e intelectual da humanidade enriqueceu-se de aquisições maravilhosas. Inventaram-se novos meios para o transporte de frutos do trabalho e do pensamento. Criou-se a indústria, e os seus produtos, em número cada vez maior, passaram a ser disputados por consumidores também em número cada vez maior. A ambição individual exercendo-se sôbre vastas regiões longínquas ainda inexploradas, suscitou o capitalismo que, se deu um poder exagerado a alguns homens e gerou uma nova casta de privilegiados, foi sem dúvida o grande animador do trabalho e o disseminador do bem estar.

No entrechoque das crises políticas, sociais e econômicas, desaparece rapidamente o primado do capital. O jovem e robusto capitalismo, que espalhou alguns males, mas incentivou muitas energias criadoras, é agora um pobre velho decrepito e inofensivo, contra o qual temiam em investir as lanças impacientes de novos deuses, ansiosos de se revelarem...

O capitalismo, perdendo o seu império e transformando-se, desfaz a distinção entre burgueses e operários. O operário tem os seus direitos amparados e caminha para a completa satisfação de suas aspirações. Quanto à burguesia, que foi a magnífica semeadora do progresso social e que acumulou tão vastos tesouros que não os conseguiram esgotar as convulsões dos últimos vinte anos, a burguesia, grande ou pequena, é o animal acuado, que os caçadores comunistas perseguem com trombetas e cães...

Primeira vítima de todos os reveses das nações, a burguesia mantém inalterável fidelidade aos ideais de ordem e de aperfeiçoamento moral. Na imensa maioria desses lares burgueses, em que quase todos nós nascemos, travam-se dolorosas e obscuras batalhas, nas quais se sacrificam sobretudo pobres e heróicas mães, para que não falem aos filhos a educação e o preparo intelectual. Quantos desses brasileiros,

que transviados pelo veneno marxista, estão neste momento segregados do convívio social e vão certamente terminar os dias num tardio e estéril remorso, não devem as posições de relêvo, a que chegaram, às pernas e à solicitude de mãos abnegadas, guiadas por êsse ideal burguês que êles a todo o transe procuram demolir?

Essas mães ensinam a virtude, a religião, o patriotismo. Ensinam o trabalho, armam o espírito do filho contra o devaneio e a quimera. Infelizes homens êsses que, esquecendo a leve e firme figura materna, oferecem o braço e a inteligência para que se consume um monstruoso e mortal recuo da consciência humana!

Entretanto, poucas consciências haverá em que não se tenham radicado as noções de solidariedade, de cooperação e de dever social. Transformou-se a antiga e espessa mentalidade do patrão. O patrão deixou de considerar como principal função do Estado a de assegurar a tranqüila posse dos seus privilégios. E sabe que, sem concessões aos direitos do trabalhador, o poder econômico lhe escapará das mãos.

A transformação, fora do Brasil, não se fez sem uma luta inflamada, de sorte que cada reivindicação vitoriosa dos trabalhadores era recebida não como a outorga de um direito, finalmente reconhecido, mas como uma concessão arrancada pela força.

Ao mesmo tempo que as classes desfavorecidas arvoravam novas reivindicações e, em formações eleitorais dia a dia mais densas, aumentavam o seu prestígio, a demagogia ganhava novos estímulos e tornava-se nos parlamentos a defensora ardente e intransigente das medidas mais extremadas e mais perigosas.

No Brasil, não foi necessária a pressão de partidos poderosos, nem a violência e o tumulto de greves desesperadas, para que se decretasse uma legislação social capaz de satisfazer os anseios das classes trabalhadoras. Nela há defeitos e há lacunas, mas, ainda assim, é uma larga, generosa e espontânea obra de justiça social. Podemos dizer com orgulho que as nossas leis sociais não são mordanças douradas, concebidas e aplicadas para sufocar os gemidos e a revolta dos deserdados.

Cumpre-nos, porém, não perder de vista as realidades e evitar o perigo tantas vezes denunciado e analisado por publicistas e homens

de Estado de outros países. Sobrecarregando pouco a pouco a nação de encargos excessivos, fazemos o jôgo dos inimigos e resvalamos para o coletivismo.

Os adversários extremistas da democracia, na impossibilidade de dominar pela ação direta e fulminante, empregam outra tática. Dão tempo ao tempo e empreendem a realização paciente e gradual do seu objetivo máximo, promovendo através das medidas orçamentárias a transferência sistemática da riqueza privada para o Estado. As despesas nacionais tomam proporções imensas e as mãos do Estado alcançam cada vez mais longe. Não resistindo à pressão das clientelas eleitorais, os representantes do povo, preocupados apenas com o próprio futuro, prodigalizam, sem medir, as generosidades do Estado.

Se se considera por outro lado que o govêrno moscovita se dispõe a renunciar à ortodoxia de alguns de seus preceitos, não seria de espantar que chegasse o dia em que nos encontrássemos todos na mesma estrada. Por ela começaria o mundo uma nova jornada, na qual se carregariam como meros troféus todos os gloriosos estandartes de nossa civilização.

Se as fôrças que empunham êsses estandartes deixassem de se unir, não para a simples resistência, mas para a ofensiva perseverante e vigorosa contra os partidários, declarados ou encobertos, conscientes ou inconscientes, do coletivismo marxista, o sol de Moscou passaria a iluminar o mundo, e, na imaginação dos povos, o túmulo de Lenine tomaria o lugar da Cruz...

Do regime político do Brasil, por culpa de São Paulo, não se dirá, como de outros, que pereceu, não pela fôrça dos que o atacaram, mas pela fraqueza dos que o defenderam. De São Paulo não partirá um gesto que incentive a confusão e a instabilidade, mas a palavra e a ação que defendam um regime como o nosso, eminentemente adequado para preservar a ordem social e a integridade da nação.

A superstição da imobilidade política é inconciliável com o govêrno republicano — regime de incessante aperfeiçoamento. Altere-se a Constituição quantas vêzes seja preciso, mas para fortalecer o poder dos que têm o encargo de aplicá-la e não para enfraquecer e anular êsse poder.

Não é a instabilidade que nos tem faltado, nestes últimos anos de sobressaltos e de lutas, algumas das quais sacudiram de alto a baixo o país. Restabelecemos a ordem legal, fizemos a Constituição e vemos agora em nossa frente, de armas na mão, um inimigo astucioso, forte e audaz. O nosso dever é cerrar fileiras em torno do Executivo e procurar garantir à nação a paz que restaure a autoridade.

O regime presidencial é a robusta armadura com que defendemos as instituições republicanas. Não a trocamos por outra, por mais brilhante que seja a sua aparência. A lição do que se passa com os povos que querem vencer as suas crises sem apelar para o supremo recurso de uma ditadura da direita, traça-nos o caminho. Poderemos, se quiserem, ajustar melhor a couraça do sistema presidencial ao corpo do Brasil, mas com o objetivo de lhe dar um poder executivo forte, capaz de assegurar a ordem pública, de reparar as finanças e de aniquilar as investidas bolchevistas.

Faça-se a união nacional, mas pela colaboração dos partidos, decididos a pôr os móveis coletivos acima das considerações pessoais e dos interesses facciosos. Os nossos homens públicos têm a obrigação de dar nesta hora a demonstração de que não é necessário o bafejo vivificante de poder para que eles exerçam uma ação vigilante e patriótica.

O que caracteriza a ofensiva bolchevista é o seu ímpeto, o seu entusiasmo, a sua confiança. Em face dela, as democracias defendem-se com moleza, fazem praça de pessimismo, abastardam-se no ceticismo. Para enfrentar aquela mística ardente, aquela unidade de doutrina, aquela disciplina integral e aquêles processos infalíveis de infiltração e de ataque, perguntam os céticos: que oferecem os pobres países burgueses?

Cabe ao Brasil dar-lhes resposta. Um povo jovem, que quer conservar a sua independência, não se pode conformar com uma atitude negativa, sem grandeza e sem futuro. As nossas idéias não são novas, mas nós as renovamos pela força com que as sustentamos. À famosa mística internacional nós oporemos a mística eterna da pátria. À doutrina da igualdade, mas da igualdade na servidão e na miséria, nós oporemos a da igualdade que permite a qualquer homem escalar os

pontos mais elevados da vida social e que permite a livre expansão de tôdas as fôrças criadoras. A disciplina feita de constrangimento e para fins materiais, nós oporemos a que se funda na obediência voluntária e na supremacia da ordem espiritual. Ao choque de suas organizações terroristas, nós oporemos as nossas próprias organizações de choque. À sua ofensiva sanguinária e semeadora de ódios, nós oporemos o heroísmo abnegado de nossas classes armadas, que temos de cercar de prestígio e de respeito e de prover dos elementos materiais, que lhes faltarem, porque em suas mãos repousam a sorte e a honra do Brasil.

Não nos contentaremos com o paliativo de simples medidas de repressão, que resolvem apenas os embaraços do presente. O que sentimos, na raiz de tôdas as nossas dificuldades e de todos os nossos desentendimentos, é que o problema brasileiro é um problema de educação. Reagindo contra a indiferença geral e corrigindo um sistema pedagógico que tem como principal objetivo o desenvolvimento do indivíduo como célula independente no organismo social, cabe-nos estabelecer um largo programa de educação nacional. E a alma desse programa será uma estreita coesão entre a Universidade e o Exército, que passariam a ser alimentados por uma única corrente de fé patriótica.

Olhando para o que se passa nos grandes países, vemos que, para imprimir novo entusiasmo e dar novo sangue à mocidade, os nacionalismos de todos os matizes assenhoreiam-se da educação, dirigem-na e fazem dela uma irresistível fôrça de disciplina e de solidariedade.

A Itália, tornando inseparáveis as funções de soldado e de cidadão, dá caráter militar à severa educação de seus filhos. Na Alemanha, o Estado apodera-se da mocidade e impõe-se-lhe o culto da guerra, propagado e exaltado em tôdas as Universidades.

Mesmo na Inglaterra e nos Estados Unidos, onde o serviço militar repousa no engajamento voluntário, considerável parte dos homens válidos faz um estágio completo em organizações especiais — exército territorial na Inglaterra, guarda nacional nos Estados Unidos.

A França, em que o Exército é um fiel resumo da nação e a sua mais alta expressão espiritual, a própria França não se descuida do

problema vital. Em escritos e conferências de profunda repercussão, os grandes chefes militares pregam todos os dias a necessidade de vivificar o sistema militar por uma política de educação nacional.

O ponto dominante dessa política é a ação da mocidade pelo estreitamento dos laços entre a Escola e o Exército.

E o Brasil? Não me compete a mim delinear as bases concretas dessa obra necessária de consolidação nacional. Mas, com tôda veemência de meus sentimentos, eu vos concito a pesar as vossas responsabilidades diante desta brilhante mocidade da Universidade de São Paulo e das classes armadas, vós, chefes militares e professores, que tendes a missão de disseminar a preparação patriótica moral e intelectual, sem a qual o Brasil nunca será uma grande nação.

Participando dessa festa, confraternizando dentro do mesmo pensamento de defesa da nacionalidade e das instituições, acham-se representantes de tôdas as fôrças morais e espirituais do país. Aqui estão, ao lado de professores e de alunos da Universidade, de ilustres representantes do Exército e da Marinha, da saudável mocidade da Escola Militar, da imprensa, da lavoura, do comércio, da indústria, das corporações profissionais e do funcionalismo.

Aqui estão a Fôrça Pública de São Paulo e as outras corporações estaduais, que respondem diretamente pela segurança de nossas casas e pela tranqüilidade do trabalho coletivo. São fiéis amigos e servidores, e estão integrados na estima do povo paulista pela disciplina e pela eficácia de suas unidades.

Aqui estão eminentes sacerdotes, representantes dessa igreja que velou junto do modesto berço de São Paulo, e guiou, pela mão de Anchieta, os primeiros passos paulistas. Pelo papel que desempenharam na história nacional e pelo vigor com que defendem a lei cristã, são os aliados naturais na luta em que procuramos impedir que pereça a própria substância do espírito.

Aqui estão os operários, os modestos, inteligentes, admiráveis operários de São Paulo. Indiferentes à prédica comunista, acreditam na família, acreditam em Deus, acreditam na supremacia das fôrças morais. São também nossos aliados, e os que melhor distinguem a moeda

falsa da verdadeira, no trágico balcão em que mercadores insidiosos oferecem miríficos preços e vantagens em troca de uma adesão.

Soldados, marinheiros, professôres, sacerdotes, operários e todos vós que concorréis com o vosso labor e o vosso exemplo para a grandeza da pátria, recebei a saudação de São Paulo, no dia em que se festeja a sua fundação e em que, selamos êste compromisso de defender, com o coração e com o sangue, a bandeira da nacionalidade e as insígnias da civilização cristã.

ALOYSIO DE CASTRO

Saudação aos delegados nacionais ao 4º Congresso Médico Latino-Americano, proferida na sessão solene da Academia Nacional de Medicina, em homenagem aos membros do mesmo Congresso, em 30-7-1909.

Senhores,

Acolhendo no seu teto, ao lado dos egrégios representantes estrangeiros, os delegados nacionais ao Congresso médico latino-americano, a nossa Academia quer exprimir a uns e outros as suas profundas simpatias.

Aquêles representam, na nobreza de sua linhagem, o que as nações americanas possuem de mais caro e precioso: êles concretizam a fôrça do espírito científico, encarnam o vigor da raça latina, a alma das suas tradições e a opulência do seu gênio.

Vós, meus dignos colegas, não o fazeis menos. Personificais o tipo do médico brasileiro, cujo desinterêsse e liberalidade não sabem restrições ao lado do doente. Votam-vos à vossa profissão os primores dos corações bem nascidos: aquela inclinação natural para a virtude, aquela luz interior, que é o segredo das almas abençoadas; servis à grandeza dos seus desígnios com a secreta inspiração de um instinto misterioso; consubstanciais no vosso ornamento moral a suprema expressão de uma beleza inefável; e a mesma imagem da vida, tantas vêzes desfigurada pelas misérias humanas, se regenera nas vossas faces como uns toques de santidade.

Esta festa, onde vibra o espírito da intelectualidade brasileira, é um exemplo para ser imitado, transmite-nos a magia dos bons estímu-

los, dá-nos o segredo das invencíveis energias, que hão de assegurar à nossa medicina a continuidade do renome.

Atentando nos propósitos que aqui nos trazem reunidos, a ninguém seria dado pensar naquela sátira com que nos fulminou a mordacidade de Camilo Castelo Branco, ao afirmar (pobres de nós!), que maior do que o ódio dos clérigos só o dos médicos... Ainda bem que desta vez podemos desmenti-la, agora que, na harmonia de tão nobres intenções, nos sobrepomos às lutas estéreis. Olhando do alto, lembramo-nos apenas de que professamos todos o mesmo culto, movidos das mesmas aspirações e crenças que se não corrompem, minerando o ouro dos mesmos veios, cavando no mesmo inexaurível filão.

É sob tão auspiciosas alvoradas que está por abrir-se o Congresso, a que vindes.

Algun de nós, mais cético, talvez esteja a rir-se, lá por dentro, da eficácia de tais reuniões, em que as matérias se discutem em número certo de minutos e os textos são medidos por páginas contadas.

Mas não há para que se negue a vantagem delas, realçada no exemplo dos congressos europeus. Sempre nos fica, pelo menos, aquela parcela de utilidade que há no fundo de tôdas as coisas.

Bem se deixa ver que não lhes havemos pedir mais do que podem dar, levando demasiado longe os seus propósitos. Servem à difusão das idéias, embora muitas vezes os fatos que aí se assentam, venham a ficar, com o andar do tempo e à luz do estudo, nulos, írritos, nenhuns.

Mas nem de outra forma se fêz, e se faz, a evolução das ciências biológicas. A razão indagadora, quando não recua das soluções intangíveis, nunca vai direito ao fim; e primeiro que o alcance, a corrente das doutrinas sofrerá o seu vaivém.

Quanto mais caminham as ciências, mais necessários se fazem êsses centros para o comércio das opiniões. Pela pergunta das idéias e pelo exame imparcial dos fatos se destecam as dificuldades. E não raro é por graça de tais esforços disciplinados que a verdade se nos entremostra com a nitidez da luz.

O fato é que todos os anos, como searas que amadurecem, aqui e ali medram os congressos, onde se expande a atividade das gerações lutadoras.

Nêles triunfa, a par do progresso científico o progresso moral, pelo aperfeiçoamento do espírito humano. E os homens, que a natureza separou pelas distâncias e pelos perigos da terra e do mar, se identificam e se aproximam pelo pensamento para servir às necessidades da consciência universal.

No nosso continente, tais congressos científicos não valem tão-só a expressão do nosso adiantamento. Ao mesmo passo que nos fortificam os créditos da cultura, consolidam a aliança dos países americanos, são um elemento de paz americana. Nada é mais acomodado para mantê-la, do que o acôrdo dos homens de ciência. E das maravilhas desta ação benéfica, a que não faltarão as glorificações da história, promana uma influência imortal, que se prolongará muito além dos horizontes da nossa época.

No trabalho de mão comum com os sábios médicos estrangeiros, que ventos galhardos trouxeram até nós, reviverão os instrumentos da nossa solidariedade com êles, numa harmonia de aspirações e sentimentos, que há de manter-se incorrupta através do tempo.

Para colaborar com aquêles amigos, vindes, caros compatriotas, com as vossas insígnias heráldicas. Fulge na vossa frente, com um disco radiante, o símbolo da dignidade profissional. Mas, sois, acima de tudo, brasileiros; appareceis aos nossos olhos como a pátria viva, o gênio da nossa nacionalidade, que onde quer que se faça sentir, acorda dentro de nós as notas dos hinos triunfantes, a chama heróica das energias imprevistas.

É tempo, senhores, de encurtar as velas a esta saudação.

A delegação de que me vejo incumbido é honra das que se não requestam, e muito menos se recusam. Mas tomara eu livrar-me hoje dêste encargo, de falar a uma assembléia tão iluminada, que está a pedir-me a autoridade, que me falece, dos cabelos brancos.

Para corresponder à altura do seu objeto, quisera para estas palavras os moldes brônzeos das letras clássicas, ou o vocabulário das lín-

guas mortas. Nada disso tive para dar-vos. Tendes de contentar-vos com a minha discreta linguagem, onde nem ao menos soube pôr um pouco daquele estilo heróico e tom grandiloquo, de que se usa e abusa nas orações acadêmicas. Não lhe faltou, porém, o sôpro da sinceridade; e estou para dizer que êle vale, às vêzes, por uma inspiração homérica.

Deixai ainda que vos diga, que a Academia me mandou receber-vos com primores de amigo. Ela empenha o melhor dos seus votos pela vossa felicidade e pela prosperidade incessante da vossa vida profissional, concitando-vos a prosseguir sem descer das maravilhas da ciência, e sem nunca arrefecer o primeiro fervor.

Consagremos, pois, a ela, à eterna vencedora, a reverência diuturna a que tem direito, transfundindo-nos no seu culto como nos altares se transfunde, no fulgor da chama, o óleo das lâmpadas sagradas.

Mas hoje descansemos, por comemorar, no meio de trabalhosa viagem, o regozijo do nosso encontro, à sombra do arvoredo frondoso que agora nos acolhe. E tal como nas horas de solidão e de silêncio, ficamos a cismar, contemplando, num suave gôzo d'alma, o reflexo movediço das nossas esperanças, deixemos vagar os olhos derredor de nós mesmos, em busca daquela dose de ilusão, tão propícia à medrança de tôdas as iniciativas e ao progresso de tôdas as fundações.

Preparando-nos para o trabalho, sentiremos, na promessa de suas bênçãos, as alegrias secretas, que afugentam por instantes as eternas tristezas do nosso destino melancólico, e vibram nos nossos corações como um eflúvio celeste.

ALOYSIO DE CASTRO

Na Faculdade de Direito de São Paulo, em
11-5-1927.

Não foi, senhores, sem um sentimento de profundo respeito que há pouco transpus o pórtico desta Faculdade, onde a vossa gentileza agora me recebe com tão fino primor. Porque de longe, muitas vêzes, pelo dever das minhas funções e pela íntima convivência dalguns dos vossos, ouço esta casa, na grande voz do seu saber. Volvendo para ela o pensamento, é a todos vós que a um só tempo estou vendo, são todos aquêles que por aqui passaram, para levar depois a todos os pontos da nossa terra as opulências da intelectualidade brasileira.

Aqui a escola da lei, o templo dos juristas; aqui a grande oficina mental de onde saíram administradores e estadistas, aquêles que alicerçaram, no Império e na República, o progresso e a grandeza da pátria.

Se olhar para trás, de quando em quando, é o melhor meio de caminhar à frente, seja-me concedido, nestas primeiras palavras, revolver-me ao admirável passado que é a vossa glória e a vossa fôrça, o fecundo estímulo dos mestres, que nos dias do presente perpetuem luzidamente a fama que herdaram.

É-me deveras grato, nesta oportunidade, quando pela generosa confiança do benemérito Presidente da República, me acho investido da direção geral do ensino, manifestar-vos, ao venerando professor que com tanta sabedoria e distinção preside nesta Faculdade, e a todos os insignes membros na Congregação, o justo acatamento em que tenho êste Instituto, e quanto me prezo da sua colaboração, na qual me honrarei de tomar conselho.

Vós tendes sàbiamente realizado o verdadeiro programa de envolver conservando a tradição, conformando o passado e o presente nas sucessivas gerações, através do incessante renovar das idéias. Outros tempos, outras coisas. Mas ontem como hoje, aqui e em tôda a parte, na diversidade dos fatos e em meio às crises humanas, a imutável soberania do direito, que se amplia, se desdobra, se fortifica, como a única segurança da felicidade dos povos.

Teremos nós também, através das nossas comoções políticas, duramente experimentado reveses e perigos. Mas um país que se rege pelas bases liberais da nossa Constituição, e onde a consciência jurídica renasce fortalecida das vicissitudes que pareciam enfraquecê-la, não pode tremer dos seus destinos.

Não é a voz dos políticos que agora fala, é o sentir unânime do povo que se levanta na esperança de um período florente para a nossa história. O restabelecimento da ordem no país, tão inteligentemente levado a efeito pelo conspícuo chefe da Nação, que conseguiu dignificar o prestígio da autoridade dentro das normas liberais e do mais edificante exemplo democrático, deve congregiar numa união sincera todos os brasileiros, no esforço coletivo pelo bem comum e pela prosperidade da pátria.

Falando nesta ilustre Faculdade, diante dos moços, oxalá pudesse eu avivar-lhes, no coração, a luz de uma crença nova, despertar-lhes, na alma em flor, a adoração do ideal, na imagem dos grandes exemplos. Êsses que agora, com felicidade, busco dentre os mortos, e nimbado de outra luz se nos ergue ante os olhos, como se aqui estivera de presença a presença, saindo do silêncio vil e cruel onde o esquecimento como parecec velá-lo, êsse, hoje vos falará de novo naquela grandiosa "Oração aos moços", que êle escreveu para ser lida nesta casa, como a augusta lição dos seus derradeiros dias.

Provemos agora, nesta evocação a Rui Barbosa, que as palavras do fim de sua vida não eram, qual amargamente supôs, palavras de um dia, "fóllhas de árvore morta que talvez não vinguem os de amanhã". É êle que vos está a concitar numa exortação que se diria feita para o momento atual: "Mãos à obra de reconciliarmos a vida nacional com as instituições nacionais".

Para isso, cada um no seu dever. Sêde observantes dos vossos, praticando em tudo a palavra do mestre, que nas provas do labor e do patriotismo cada dia enflorava em sua coroa nova gema, e medita-lhe a obra e o exemplo.

Mas agora vejo, meus jovens, não sou eu quem vos aponta o modelo excelso, é o supremo magistrado da Nação, que apenas assumiu o governo quando foi em pessoa visitar a morada que abrigou em vida a Rui Barbosa, a casa dos seus livros, o âmbito do seu sonho, a austera mansão do seu espírito, o sacrário dos seus afetos, a catedral do seu pensamento.

Num país onde é tão raro o sentimento das justas admirações e onde não existe o culto dos grandes homens, onde se diria que a todos se quer nivelar, o pintor de liso e o que debuxa os painéis opimos, o que lasca a pedra e o que lavra as estátuas, o que garatuja o abecedário e o que sobe pelo estilo às formas impecáveis da beleza suprema, o gesto da Sua Excelência o Presidente Washington Luís, criando o Museu Rui Barbosa, é uma alta, nobre e expressiva lição.

Assim mostrem-se os moços do Brasil de hoje capazes de aproveitá-la, empregando o cuidado e a estudiosidade no belo patriotismo do dever, olhando sempre ao alto, o peito cheio de esperanças, que a vida ensina nos devemos prometer muitas, para conseguir realizar algumas.

JÂNIO QUADROS

"Alocução à bandeira" — Discurso proferido em 18-11-1953, na Praça Ramos de Azevedo, em São Paulo, com a presença de autoridades, Governador e militares.

Estamos aqui presentes, Governo, Fôrças Armadas, e uma vasta assembléia de povo, para saudar-te, pendão da Pátria!

Evocamos, na tua contemplação, a nossa História, seqüência soberba de sacrifícios e de sonhos, de decepções e de fé rediviva, de lances heróicos e de trabalho proficuo.

A imensa Nação que a língua, a cruz, o amor fraternal, e a vigilância e o gênio dos estadistas, conservaram inteira, para o nosso próprio exemplo, para o nosso próprio bem, e para o mundo melhor, que desejamos.

As três raças que a constituem, e tu representas, e se casaram na tranqüilidade do abrigo do teu pálio.

Significas tudo. A primeira missa na terra apavorante e agreste. As entradas, no sertão inviolado e misterioso. A repulsa cruenta do estrangeiro da expedição invasora. O mártir que foi a patíbulo na serenidade dos que crêem, e na certeza dos que sabem.

A declaração do Ipiranga, e o Império do concidadão magnânimo e singelo, que morreu em país longínquo, com a cabeça reclinada no solo natal, e a segurança da justiça da posteridade.

É a espada de Osório, o democrata, e a de Caxias, a cólera bíblica da união indissolúvel, e a de Tamandaré, o momento augusto da nossa expressão oceânica.

És a “Lei Áurea” da Princesa que renunciou a um trono, e satisfez o coração e os impulsos da solidariedade.

És a República que a vocação coletiva procurava. A República de Benjamim Constant, de Deodoro e de Floriano — as armas do novo regime.

A República de Prudente, de Campos Sales e de Rodrigues Alves, o escrúpulo na Constituição, a mística união pelo patriotismo de todos.

És Rui a proclamar a força do direito, e a soberania das ruas e dos campos.

És o holocausto na Itália, e cada um daqueles marcos brancos, que nos inquietam o sono, nas terríveis advertências que fazem.

És o Congresso, da autoridade que emana do sufrágio livre; a Toga impoluta que aplica os decretos; os bordados do oficial que te protege, as mãos calosas do operário que te engrandece; o livro e o riso da criança; a vibração e a pureza do universitário.

Aqui nos reunimos para te dizer que acreditamos em ti, na tua destinação de símbolo da nacionalidade.

Aqui, e na festa das tuas côres, renovamos à tua presença, os solenes compromissos comuns.

De absoluta limpidez na honra. De absoluta exação no dever. De absoluta imparcialidade no Juízo. De absoluto rigor no julgado. De absoluta submissão à Lei.

Aqui nos congregamos para manifestar-te obediência completa e horror a tudo que te atraíçoe, a tudo que te conspurque, a tudo que te comprometa.

À mentira e à injúria. Ao furto e à violência. Ao compromisso e ao negócio. Ao embuste e à opressão.

Recebe, Bandeira, o nosso juramento: se não pudermos ter-te por manto, desejamos-te por sudário!

Sê bendito, Pavilhão Brasileiro!

ALCANTARA MACHADO

"Um Homem de Outrora" — Discurso proferido em nome da municipalidade de São Paulo, a 18-5-1913, na inauguração da herma de João Mendes de Almeida.

A cidade de São Paulo recebe, com religiosa emoção, de vossas mãos amigas e piedosas o monumento que, em resgate de uma dívida coletiva, acabais de votar à memória de João Mendes de Almeida.

Bem fizestes em concebê-lo simples e severo. Na singeleza de suas linhas, na sobriedade intencional dos ornatos, na austeridade do conjunto, êle traduz e condensa, com a eloquência precisa das coisas que não falam, a construção moral do homem e o significado social da vida que, com luminosa justiça, apontais neste momento à admiração da posteridade.

Não podia ser outro o monumento de João Mendes. A idéia não podia encarnar-se de modo mais perfeito.

Contemplemo-lo de perto... Homem de bronze, disse algures Vicente de Carvalho, para assinalar o que havia de inflexível naquele caráter e de robusto naquela vontade. Realizando na matéria a expressiva imagem do poeta, fundistes no bronze a cabeça iluminada e voluntariosa do lutador.

A figura não se limita a repousar na estela do granito: conjuga-se com ela, como que a indicar a íntima consubstanciação do homem com os postulados fundamentais da honra, do trabalho e da caridade, em que sempre assentou a sua vida interior e a sua atividade social.

As arestas do pedestal são acusadas e nítidas, os traços retilíneos.

Que símbolo melhor para a nitidez das suas convicções, a retidão de seus desígnios, o desassombro de suas crenças?

E a euritmia serena das linhas não dirá porventura o justo equilíbrio de uma vida singularmente harmoniosa, polarizada sempre na direção do dever, e deixa em quem a observa uma impressão de ordem, continuidade e coerência?

Tal é, com efeito, o sêlo inconfundível dessa individualidade; e aí está precisamente o que, nesta época de contradição e de balbúrdia, lhe confere uma nobreza tão alta na hierarquia humana.

Vivendo num tempo de transações políticas, de transações religiosas, de transações profissionais, êle nunca soube transigir. Católico, viveu e morreu testemunhando a fé. Tradicionalista, estudou com alma antiga as coisas antigas, num momento histórico. Monarquista, há de sempre vê-lo a posteridade na atitude de uma sentinela que, depois da derrota, continua a montar guarda à fortaleza desmantelada, enquanto ao longe, os vencidos disputam aos vencedores os despojos da vitória...

Por um fenômeno paradoxal, ninguém foi mais amado na vida e na morte do que êsse, cujo espírito parecia a antítese do espírito do tempo.

A bondade irradiante, a sedução envolvente que capturava todos quantos se lhe aproximavam, e a tal ponto que se alguém não quisesse amá-lo precisava fugi-lo, as qualidades de fascinação e domínio que lhe permitiram vencer a inércia das massas e formar um partido que o acompanhou em todos os combates e (coisa estranha para nós!) sobreviveu a tôdas as derrotas, os acidentes do indivíduo não bastam para explicar um prestígio que se prolonga para além das fronteiras da morte.

Não! A ação social de João Mendes foi intensa e durável, porque, apesar de insurgir-se contra as tendências aparentemente dominantes, era o produto de um sistema de forças eternas e salutares e estava em consonância absoluta com as exigências da consciência coletiva. O vento que enrug a superfície dos mares não torce a direção das correntes que arrastam as águas profundas.

Conservador, êle o era; mas, para servir-se da frase de um convertido, João Mendes não pecou jamais contra a luz. A reforma eleitoral, a reforma judiciária, a lei de 20 de setembro delatam nesse conservador um democrata e um liberal, se por democracia e liberalismo se entende, não o domínio das capacidades nulas e dos apetites formidáveis, mas o regime que respeita a dignidade dos fracos e a cada um permite dar o máximo do seu esforço em benefício de todos.

Tradicionalista, sim, êle o era, profunda e convencidamente. Renegar a tradição repugnava ao seu claro e direito pensar. Com a infalibilidade do bom-senso compreendia, como um pensador contemporâneo, que o progresso é uma translação para o futuro; que sem ponto de apoio não há movimento possível; que na mecânica social êsse ponto de apoio é o passado. João Mendes podia subscrever estas palavras fortes de Paul Bourget: "Não se concebe um país sem continuidade, porque, longe de ser a simples adição dos contemporâneos, o povo se compõe dos vivos, dos mortos e dos vindouros. A pátria lembra um corpo, cujas três dimensões fôsem o presente, o passado e o futuro". Quem não sente, como João Mendes, a necessidade da colaboração dos mortos na obra dos vivos? Quem não sente que é dar um salto desmedido e perigoso, repelir a experiência daqueles que concorreram para o patrimônio comum com uma centelha de inteligência, um pingote de suor ou uma gota de sangue?

Pois bem: o culto do passado, o orgulho da raça, a fidelidade aos compromissos, a aversão à desordem e à indisciplina, a coragem desassombrada na afirmação dos próprios ideais, são traços característicos do espírito paulista. É por isso, é porque de certa forma nos revemos nêles, é porque êsse maranhense encarnou, com estupendo relevo as qualidades fundamentais do nosso povo, é por isso que o amamos e amortalhamos agora no sudário magnífico do bronze e do granito.

O monumento de João Mendes dirá aos nossos filhos que o glorificado de hoje é o vencido de ontem; é dessa floração de homens superiores que, desprezando o sucesso contingente, triunfam para sempre do tempo.

Desta homenagem ressalta um outro ensinamento. Esse, a quem acabamos de dar a consagração suprema, era um adventício, um forasteiro, um estranho. Mas em São Paulo não vicejam as preocupações subalternas do exclusivismo regional. Herdeiros daqueles soberbos “violadores de sertões e semeadores de cidades”, cujo pé, “como de um deus, fecundava o deserto”, e que, investindo heróicamente contra o desconhecido, definiram os contornos do nosso território; descendentes dos Andradas e de Feijó, a quem se deve a formação da consciência nacional, nós, paulistas, não esquecemos dos deveres que decorrem das nossas responsabilidades na construção da pátria comum.

São Paulo não é apenas uma terra de fartura e de prosperidade: é para todos aqueles que trabalham conosco pela grandeza do Brasil, uma terra de hospitalidade e de justiça.

ALCÂNTARA MACHADO

Discurso aos estudantes combatentes da Revolução Paulista.

O milagre do rádio permite ao homem compartilhar com Deus o poder da onipresença. Apertamos, através do espaço, contra o peito os corações fraternos e entre os dedos as mãos amigas. Fechai os olhos, para que a ilusão seja completa, meus queridos e incomparáveis estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo.

Venho convidar-vos a assistir comigo à sessão comemorativa da data luminosa de 11 de Agosto. A Congregação acaba de entrar no salão nobre da escola, tão vosso conhecido. Está completa. Compareceram todos: vivos e mortos. Ramalho, Crispiniano, José Bonifácio o Moço, João Monteiro, Brasília Machado, Pedro Lessa, João Mendes saem da tela, do mármore, do bronze e tomam assento no doutoral. Porque todos compreendem que a sessão de hoje é a mais solene de quantas se realizaram nesta casa; e que nunca se fez mais oportuna a afirmação de que a Faculdade é o sacrário da lei, o sensório jurídico do país. A parte reservada ao auditório, aquela que costumais enfeitar com a vossa mocidade e alegrar com a vossa turbulência, parece vazia. Mas, se prestardes atenção, vereis que se vai povoando de sombras. São os manes de quantos vos precederam nas arcadas do velho mosteiro franciscano que, sabendo-os empenhados em defender as fronteiras territoriais de São Paulo, hoje confundidas com as fronteiras morais da nacionalidade, vêm ocupar os lugares reservados aos estudantes. Dos corpos vaporosos só distinguimos as cabeças iluminadas pela imortalidade. Aparecem-nos todos, restituídos à juventude, tais quais forjaram o espírito, laminaram a palavra, fortificaram a consciência nesta fábrica de homens livres, nesta oficina de cidadãos.

Na multidão que se acotovela não custa divisar as maiores figuras da nobiliarquia espiritual do Brasil. Ali estão reunidos Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Silveira Martins. Os poetas constituem um grupo numeroso, dominado pelos três nomes tutelares da Faculdade. Vemos claramente a cabelleria romântica, a fronte escampada, os olhos ardentes de Castro Alves, os olhos pensativos de Álvares de Azevedo, os olhos amortecidos pela insônia de Fagundes Varela. Outros se lhes juntam: Bernardo Guimarães, Pedro Luís, Raimundo, Cepelos, Ricardo Gonçalves. Em tórno de Teixeira de Freitas e Lafayette... Mas para que continuar? Nenhuma geração se esqueceu de mandar os seus delegados mais representativos.

Dos professôres vivos, não há quem se atreva a falar. Mas de repente assoma à tribuna o último Andrada; e, no silêncio, que matou a escravidão, dirige a cada um de vós, revolucionário de 9 de julho, o mesmo elogio, com que saudou a Gabriel dos Santos, revolucionário de 42:

*"Soldado da liberdade
...não renegaste a bandeira
nas horas de tempestade..."*

Brasílio Machado se levanta; e transpassando-vos a alma com o olhar flamejante, repete a peroração de um de seus discursos:

"Para nós, se é mister que a espada fulgure, tomemo-la, não para suspender o espólio dos vencidos, mas as duas conchas sercnas da Justiça!"

João Mendes quer dizer-vos alguma coisa. Não pode. Com um soluço na garganta, levanta simplesmente a mão trêmula e traça no ar uma bênção...

Agora são os moços de todos os tempos que têm a palavra.

Fagundes Varela:

*"Basta de humilhações!...
A terra de Cabral está cansada*

*de ultrajes suportar. A seus clamores
no seio das florestas ressuscite
um mundo de guerreiros que não teme
o troar dos canhões. Um povo ardente
se levanta inspirando...
do pendão auriverde à sombra amiga”.*

Vem a seguir Castro Alves:

*“...Eu sei que a mocidade
é o Moisés no Sinai.
Das mãos do Eterno recebe
as tábuas da lei. Marchai!
Quem cai na luta com glória
tomba nos braços da história,
no coração do Brasil”.*

E, depois, voltando-se para outros, que não os paulistas e os que se batem ao vosso lado, ei-lo que prossegue:

*“Basta de cobardia! A hora soa
e vós cruzais os braços... Cobardia!
E murmurais com fero hipocrisia:
— É preciso esperar...
Mas esperar o quê?”*

Pedro Luís não se contém; e conclama evocando a figura de Nunes Machado:

*“Vem dizer aos guerreiros do futuro
que, se acaso o horizonte está escuro,
nem por isso eles devem vacilar.
Vem dar força dos bravos à fileira,
que eles hão de seguir tua bandeira
e com ela na frente hão de marchar”.*

Quem é aquêlê mestiço, que vem de Recife trazer-vos o estímulo? Tobias Barreto. Lá não quiseram ouvi-lo. Não faz mal. Escutai êstes versos, que, feitos para outros, são vossos, exclusivamente vossos:

*“Juntemos as almas gratas
de colegas e de irmãos.
O vento que acorda as matas
nos tira os livros das mãos.
A vida é uma leitura.
E quando a espada fulgura,
quando se sente bater
no peito heróica pancada,
deixa-se a fôlha dobrada
enquanto se vai morrer”.*

Um moço franzino, pequenino, mofino se aproxima da tribuna; e de súbito se transforma num gigante. É Rui Barbosa, é o verbo do direito, é o condestável da liberdade, é a voz augusta do semeador das palavras eternas: “Debaixo dêste teto duas evidências há que nos consolam, nos desimaginam, e chegam a desconvencer-nos da morte: a continuidade da tradição e a continuidade da justiça... Bolonha, famosa outrora entre as cidades letradas... se chamava por antonomásia, a um tempo, a douta e a livre, associando nas suas antigas moedas à legenda solene de seus direitos, “libertas”, o fôro por excelência de mestra: “Bononia docet”. A São Paulo, indisputavelmente, lhe cabem os dois títulos no mesmo brasão: professa a liberdade e ensina a justiça”.

Depois de Rui ninguém tem mais o que dizer. E a assembléia se dissolve, enquanto Bittencourt Sampaio entoado acompanhado por Carlos Gomes, uma das estrofes do hino acadêmico, estrofe que vai de quebrada em quebrada afirmar à nossa terra, ainda e sempre, que hoje como mais do que ontem e menos do que amanhã

*“O Brasil quer a luz da verdade
e uma c’roa de louros também.
Só as leis que nos dêem liberdade
ao gigante das selvas convêm”.*

Eis aí, o que foi neste ano glorioso de 1932 a sessão comemorativa da fundação dos cursos jurídicos, meus queridos discípulos. Discípulos? Não. Porque a vossa atitude em 23 de maio e em 9 de julho inverteu os valores e destituiu de seus cargos todos os mestres. Os únicos professôres que hoje existem no território nacional, sois vós e os vossos companheiros de armas. A trincheira é a vossa cátedra. E o Brasil inteiro está aprendendo convosco; o Brasil sitiado pelas trevas, amordaçado pela censura, emasculado pelo horror das responsabilidades, é o Brasil que para a vossa vitória trabalha nas oficinas e nos campos, nos hospitais e nos transportes; o Brasil que em vão procura limpar na bacia de Pilatos as manchas do sangue do Justo, o Brasil que vos ajuda a carregar a cruz do sacrifício. Com o coração dilatado de orgulho e os olhos rasos de lágrimas, em nome da Faculdade de Direito, eu vos saúdo, nesta hora em que fazeis à pátria a oblação sublime de vossa vida, meus jovens professôres de bravura consciente, de dignidade cívica e de heroísmo!

BRASILIO MACHADO

“Onze de Agôsto” — Discurso proferido na sessão comemorativa da criação dos Cursos Jurídicos no Brasil (11 de agôsto de 1893).

A Faculdade de Direito de São Paulo, aqui representada por mestres e discípulos, em tôda a sua poderosa unidade de instituição social, veio comemorar no meio de vós a lei de sua criação.

Interrompendo o silêncio com que, em sua indiferença estranha, o povo se vai acostumando a distanciar da recordação das coisas vivas, a memória das coisas mortas, como se não devêssemos nas tradições de nossa história ganhar alento para afrontar os perigos de hoje e eliminar as indecisões de amanhã, — a reunião desta hora bem pode recordar aquêlé mármore mutilado, em que u’a mulher, representação de uma pátria piedosa, debruçada arreda com as mãos o musgo das ruínas, procurando soletrar no chão mortuário o nome quase extinto do seu glorioso filho!

Não é raro nos horizontes africanos, aparecer o sol como um disco sem raios, um corpo sem fulgurações. É que o vento bateu as asas sôbre o dorso dos desertos, e a areia sacudida, enchendo o espaço, parece quebrar em lâminas sutis e sanguinolentas a luz do astro poderoso. Erguer, neste período de ansiedades públicas, a data de hoje acima dos horizontes de nossa vida social, é como que refletir a imagem do sol africano, — um disco sem raios, um corpo sem fulgores; e cada um de nós poderia ver, no pó que, a pata de corcel, o gaúcho riograndense sacode das campinas do sul, essa mesma areia do deserto que transforma a luz em poeira de sangue, e o céu num braseiro de cinzas requemadas.

Saudemo-la, ainda assim, suspendendo a insígnia de nossa carreira: duas conchas, que a justiça enche, para que a espada simbólica que as sustenta se aprume como a consciência e se firme como o dever. Saudemo-la, ainda assim, porque o direito não se mutila, quando a lei seja um retalho, a justiça não se esmaga nos tribunais que se esboroam. Saudemo-la ainda assim; e recordemo-nos de que numa das cenas de sua estupenda trilogia, conta Ésquilo, pela bôca de Clitenestra, que Hefoistos para enviar à morada das Átridas a notícia ainda fumegante dos funerais de Tróia, ateou, como fôra de antemão combinado, atceu sôbre o Ida um imenso clarão.

Dêsse monte ao fronteiro Hermaios, e, por sôbre o mar, de Hermaios ao Ato, de cumiada em cumiada, enfim, clarões e clarões se iam reproduzindo, em veloz correspondência, como se pelo cabeço das montanhas mãos fantásticas andassem a semear as faíscas luminosas de um incêndio. E assim, a luz prolongando a luz, estranha mensagem lá se foi, levando à terra dos helenos a nova triunfal.

As comemorações das grandes conquistas sociais são essas mensagens de luz. De geração em geração, como de montanha em montanha, elas passam, publicando as tradições que frutificam às esperanças que florescem.

E que grandeza, senhores, na vossa vocação!

O rude lavrador que, suarento, fecunda as entranhas da terra, entregando a semente para colhêr o fruto; o minciro que de rastros sonda nas profundidades do subsolo o veio onde palpita o sangue quente dos metais; o mergulhador que na flora dos abismos oceânicos vai buscar as formações corallinas; o industrial que no mover impetuoso de suas máquinas escuta o hino metálico do trabalho; o comerciante que governa a circulação assombrosa das riquezas, — tôdas essas ramificações do trabalho humano descansam debaixo da égide de Minerva, a tenda incorruptível da justiça!

Qualquer que seja a página em que se abram os nossos fastos, em cada qual dos acontecimentos mais salientes está, como diria Crí-tias, o sêlo de nossa língua.

É das Faculdades superiores que sai o orador para, na tribuna, cheia da majestade de seu talento, domesticar pelo impulso irresistível de sua palavra as irrequietas multidões, e subjugá-las, envoltas nas cadeias sonoras da eloquência. É nas Faculdades superiores que o legislador aprende a ciência quase divina do refrear, pela coerção do direito, essa movimentação incessante e sempre nova da liberdade humana, prêsa dentro do organismo social. É nas Faculdades superiores que o mestre sobe até às regiões mais árduas da ciência, para arrancar o segredo das leis que governam a natureza inteira e os mundos siderais, como domina o mais sutil dos movimentos das células. É nas Faculdades superiores que palpita a grande alma nacional, a mocidade, em cujos lábios cantam tôdas as esperanças, em cujas esperanças floresce todo o futuro da pátria!

Que conquista generosa se fêz lei, antes de ser propagada nos nossos centros acadêmicos? É de ontem a emancipação dos escravos; é de ontem, ou por outra, começou de ontem, a instituição da República. E êsses dois fatos que, sem dúvida, constituem duas revoluções, que à surpresa do golpe juntaram a surpresa da paz, êsses dois fatos que foram êles, senão fugitiva aspiração, que de um e de outro ponto do país surgia, como raio indeciso de uma luz longínqua, antes que a alma acadêmica se abrisse, como um horizonte puro de nuvens, às claridades de uma grande aurora?

As águias, para estenderem os seus longos vôos, procuram os pinheiros donde descortinem, entre a terra e o céu, o oceano transparente dos espaços. Assim, parece que as grandes idéias, quando tentam a conquista do mundo, procuram a alma da mocidade, para dali, desferirem, entre o passado e o futuro, o vôo de sua dominação.

Deixai que murmurem as vozes subterrâneas da malícia, da inveja, que chegaram a lobrigar, em nossas Faculdades, uma fábrica cansada de bacharéis inúteis! A ação de nosso trabalho é lenta e silenciosa, por isso mesmo que é eficaz e duradoura. Lenta e silenciosa é a gôta de água que das profundidades da terra, atravessa humildes camadas e camadas geológicas, até que brota à flor do chão, e tímida resvala e tímida recua... e é assim que nascem os rios. Lenta e silenciosa é a matéria cósmica, que, de um núcleo imperceptível que se

esboça, condensando e condensando, se transforma em nebulosa... e é assim que nascem as estrêlas. Lenta e silenciosa é a coralígena, que pela secreção do calcáreo, vem desde o fundo dos mares até à superfície das ondas, vem erguendo, de átomo em átomo, montanhas de arrecifes... e é assim que nascem os continentes.

O pé dos maldizentes não pode abafar a lembrança de nossas tradições. Um dia, em seguida ao famoso golpe de estado, Luís Bonaparte mandou retirar do Palácio Bourbon a legendária tribuna parlamentar, donde a voz de Guizot, de Thiers, de Berryer tinha borbotado em cascatas vingadoras. A ordem foi cumprida, e momentos depois alguém viu o Imperador, sombrio, a bater o pé no lugar vazio da tribuna, como para abafar os últimos ecos que a eloquência livre ali deixara, nas pelepas nobres da palavra.

O que é mister é não esmorecer na missão de responsabilidade que a vossa vocação social impõe. As nossas Faculdades não devem ser relicários de recordações: entranhas estêreis que não são entranhas de mãe.

A nossa situação, abalada como foi do rumo do direito, nos convida a uma dedicação sem limites. Aos problemas que a assaltam, às indecisões que a perseguem, aos erros que a aniquilam, à força que a arrasta, oponhamos a alma da mocidade, para quem o direito não se fêz do aço das espadas, mas do ouro da justiça, para quem a pátria grande, feliz e próspera, é a suprema aspiração de todos.

Conheceis na história literária de Atenas, a famosa Academia, que Platão tantas vêzes encheu com os clarões de sua filosofia e com os perfumes de sua moral. Ora, entre os santuários que próximos se erguiam, uma piedosa instituição fêz do altar consagrado a Prometeu o ponto donde partia a corrida dos archotes. A um sinal dado, os lutadores despediam a carreira, e venceria o prêmio quem primeiro chegasse a Atenas com o seu archote aceso.

Figurai nesse altar de Prometeu, onde perene ardia a luz votiva, a miragem de nossas Faculdades; em Atenas figurai a pátria; nos archotes, vêde a fé no direito, a esperança na justiça, a chama da liberdade. Os lutadores sois vós!

BRÁSÍLIO MACHADO

“Centenário de Camões” — Discurso proferido
no Real Club Ginástico Português de São Paulo,
em 10-6-1880.

Ao abrir-se o ciclo portentoso dos tempos modernos, nas extremas da Europa, como gigantes que, súbito, aos abalos convulsivos de uma força estranha, surgissem nas planuras, — dois povos, desdobrando insígnias distintas, um em nome da civilização, outro em nome do extermínio, erguiam-se, pólos supremos da vida e da morte, da treva e da luz, do sol e da neve, combatendo-se, sem que o pensassem, e vencendo, sem que o soubessem.

No oriente, purpureava um clarão sanguíneo, em vez dos esplendores de uma aurora eterna que deveria chover cintilações sôbre o berço da humanidade.

No oriente... êsse clarão, longe de prenunciar o sol fecundo que ativa as germinações da vida nas montanhas e no homem, na flor e no oceano, era o rebate lúgubre do aparecimento de um astro, cuja claridade melancólica infunde tristezas, redobra o palor dos mortos, realça a brancura dos túmulos, na álea sombria dos ciprestes.

Das lutas medievais se desprendera; e então, mais temeroso do que nunca, por sôbre os horizontes, se desdenha o crescente do islamismo.

Por que surgira?

A Europa fôra assanhar o tigre nos fojos da Palestina, e dera a beber o sangue que lhe redobrava a sede.

Mal ferido sacudiu o dorso; e quando talvez menos se apercebeu a Europa, aquela pata sanguinolenta, sinêta do extermínio, abateu-sôbre as cúpulas de Bizâncio, selando a carta de uma escravidão quase quinhentos anos.

No ocidente, porém, eram bem outras as cenas do assombroso quadro.

Portugal, essa nação pequenina que a Espanha comprime, mas que o oceano alarga; essa nova Grécia dos argonautas da glória; êsses mesquinho átomo de terra que na história ganhou as proporções so branceiras de uma montanha; Portugal, em face das ondas, em cujos términos só pode a mão do gênio rasgar a sombra do desconhecido, sentia delinear-se, abrir, crescer a rota luminosa de seus descobrimentos, que longe levaria a fama do seu nome, o nome de seus heróis, os heróis de sua imortalidade, a imortalidade de seu patriotismo.

Antítese de prodígios!

A mão devastadora de Maomé levantava no oriente uma muralha de túmulos, superpondo cadáveres e cadáveres.

E a Europa... recuou!

A proa das naus portuguêsas rasgava os muros de ondas que o oceano levantara, superpondo descobrimentos a descobrimentos.

E a Europa... avançou!

O turco tentava cerrar as portas do oriente à civilização que caminha; e, em tórno, cavando largos fossos, alagou-os de sangue.

O português, sôbre a vaga, rasga o caminho do oriente à civilização que doida o acompanhara; e quase até ao infinito, abriu o sulco das descobertas, e alagou-os de luz.

Um sôbre o Cáucaso soergue o crescente, símbolo imóvel da solidão e da morte. Outro, ao lado da cruz, prende à coroa de neve do Himalaia, o rutilante sol do movimento e da vida.

O Bósforo rola sangue: são cadáveres as naus que rompem suas águas!

O Amazonas rola vagas de ouro: são as quinas que sulcam suas ondas!

A basílica desaba aos golpes profundos do alfange dos otomanos, e dentre suas ruínas, ergue-se a mesquita, que os minaretes erigam.

Mas, além... os pagodes da Índia sentem que um novo Deus invade triunfante o recesso de seus mistérios... e quase seca a fonte do Ganges, que afoga, e rebenta o nascedouro do Jordão, que batiza.

Ainda além... na América... a floresta trava a ramagem de suas frondes... e a cúpula se encurva; o vento balança os corimbo da liana... e os turíbulos fumegam; as aves soltam harmonias na espessura... e a lira de Davi rompe em acordes divinos... e de pé, tranqüilo, o olhar mergulhado nos esplendores do infinito e os pés enredados nas serpentes do espinheiro, o missionário planta na floresta mais uma árvore: — a cruz!

Tudo isto fizeram os portugueses.

Mas quem poderá memorar a trabalhosa jornada dêsse punhado de homens, que se arrojavam no desconhecido, abrindo o caminho da imortalidade?

Quanto combate travado! Quantas provações sofridas! Quanta miséria e quanta morte!

Em terra, a traição, a calúnia, a guerra, o extermínio; no mar, a onda e o ciclone; no horizonte, o naufrágio nas asas da tempestade, a tempestade nas asas do desconhecido!

Mas, quando na linha vaga do horizonte, como a luz branca das alvoradas, uma mancha aparecia, e se alargava, e se desprendia do céu, e flutuava sobre o mar, e se corporizava, e se estendia e o grito salvador de — *terra! terra!* — vibrava entre os rumôres do oceano; quando, ainda mal desperto, o olhar do marinheiro, cansado de interrogar o infinito, de divagar sombrio sobre o espumante dorso de netuno, fitava, enfim, o abrigo do suspirado pôrto, quando aquelas almas alvoroçadas, entre as visões do patriotismo e da saudade, encontravam, no tombadilho, as dulcíssimas imagens da pátria e da família... — que comoção de alegria imensa não lhes premia o peito, que re-

compensa não apagava a memória mesmo dos infortúnios, e que sublimada coroa não era aquela para depor aos pés da pátria estremecida!

As costas africanas, devassadas; a Madeira em fogo, ateando o gigantesco farol de um incêndio, como que para alumiar a rota das Tormentas, êsse Adamastor esfinge, plantado nos términos do mundo, por vêzes investido, mas uma vez e para sempre dobrado; essa longa derrota do Gama até à Índia; a conquista, a luta, a glória do triunfo, essas mil batalhas feridas sôbre as ondas ou nas escaladas em terra, a imortalidade, enfim... tudo fazia daquela terra de Portugal a mão fecundíssima de mil heróis; e daquela nesga de chão... um continente de luz, no universo da história.

Atrevido bandeira, da espada e da idéia, cada marinheiro era um patriota, cada patriota um descobridor; e cada descobridor alargava os domínios de sua pátria; recuava os limites do mundo; estendia a rêde do comércio; distendia novas artérias à circulação do pensamento humano; dava mundos ao mundo e homens à humanidade, preparando assim a confraternização dos povos, eras de aspiração suprema em que as fronteiras de tôdas as pátrias cairiam às plantas da humanidade!

No entanto, tôda a glória, como o sol, tem seus ciclos de obscurecimento.

E Portugal declinava.

Depois de um rei sombrio, a senilidade; e depois da imbecilidade, a loucura de uma ambição cavalheiresca se revezavam naquele trono tão sublimado, e de onde o último rei, ao cair, arrastaria para a derrota e para a escravidão a nacionalidade augusta.

Ao desabar a monarquia, muito antes que ao retinir do alfange mouro, na jornada de Alcácer, se rompesse em estilhaços o escudo sempre vitorioso de Alfonso Henriques, ao tempo, porém, em que confusamente, nas fronteiras orientais já se ouvia ranger nas pedras da ambição a garra da Espanha, a alma imensa daquele povo de gigantes concluía tôda inteira para um homem.

O último daqueles portugueses deveria nascer nesse período de decadência, não para gemer sôbre as ruínas da pátria, já que não podia ampará-la na coluna de seus braços, mas para, em nome do patrio-

tismo, erguer um monumento tão largo que pudesse conter o cadáver da grande nação.

Português, não podia mais ser compreendido por aquela raça que se corrompera.

Poeta, a Dejanira da fatalidade pregara-lhe aos ombros a túnica ensangüentada do infortúnio e da fome, do desespero e da morte.

Por isso repudiaram-no.

Portugal recusou-lhe fortuna e amor, alimento e mortalha.

Ao aparecer na côrte, amara doudamente essa Natércia imortalizada em seus cantos. Mas a muralha dos preconceitos se levantou entre os dois amantes.

Negara-lhe a fortuna meios com que restaurasse o velho solar de seus avós, e mandasse gravar, em letras de ouro, sôbre o escudo da família, os títulos de sua nobreza.

No entanto, montanhas de pergaminhos, pirâmides de brasões jamais poderiam na concha da imortalidade, pesar mais que uma só fôlha de sua láurea de poeta, ou brilhar mais que uma só das estrofes de sua epopéia.

Eloqüentíssima lição da história! A auréola da linhagem apagou-se, como espuma, da frente da Catarina, e hoje, no sombrio recesso dos séculos, vinculando o seu nome ao do mesquinho, ela apenas se destaca aos clarões geniais daquela grinalda de amor que o poeta pôde tecer com a inspiração de seus versos.

Luís de Camões, exilado, prêso, salteado pela desventura, sentiu que a pátria lhe fugia de sob os pés...

Partiu.

Para que revolver as cicatrizes daquela vida crucificada?

A guerra desfigura-o, mas volta em busca da guerra, ou, quem sabe mesmo, se da pátria.

Atravessa os oceanos ainda assombrados pelos prodígios do Gama; afina as cordas da sua lira ao diapasão das tempestades; cria Ada-

maior; inquirir as ondas; medir o sulco luminoso das naus na face convulsa desses mares já cativos: pisa a terra de promessa da Índia... Tudo, tudo lhe vem falar dos heroísmos de outrora; e entre os palmares, vê surgirem, amortalhados pela glória, os vultos de Castro, de Pacheco, de Almeida e de Albuquerque. Por toda a parte, restos de triunfos; por toda a parte, vestígios de combates; por toda a parte, as tradições do descobrimento; por toda a parte, a sombra de suas bandeiras... mas, por toda a parte, ausente a pátria. Onde estava ela, que um português já não podia encontrá-la? Quem desfigurara tanto essa mãe, que um filho já não podia reconhecê-la?

Que mais restava?

O cavaleiro poeta buscou um abrigo no passado. Ali, na história, no túmulo de sua mãe, estendeu a espada e pendurou a lira. Salteiam-lhe a afronta, o exílio, as prisões... Mas que importa? Sua alma, bússola teimosa, se voltava para o solo da pátria, com a insistência de um fanatismo.

Mas, quando saiu daquele panteon de glórias e de triunfos, ao descer daquele Sinai onde a imortalidade espera o heroísmo, Camões trouxera as tábuas de um decálogo imortal, os dez cantos dos *Lusíadas*.

Era um testamento. Camões legava-o à humanidade, porque lhe minguava a pátria. Era uma pirâmide, amassada em estrofes de bronze, para encerrar os períodos de mais fausto na história de uma pátria... já morta! A espada das conquistas, no futuro, poderia arrasar aqueles monumentos. Naus estrangeiras e que não sofreriam o esplendor dos feitos de outra bandeira teriam de retalhar aqueles oceanos, e marcar talvez a esteira de assombros, que o Gama abrira sobre as ondas. Outros embates de armas talvez fizessem recuar, para a penumbra do passado, as batalhas portuguesas, sempre feridas com tanto heroísmo...

Como salvar aquelas quinas ainda uma vez do naufrágio, do profundo naufrágio do esquecimento?

Como suspender aquelas enormes proezas que feriam de espanto os povos do mundo, senão levantando-as nas asas potentes da epopéia,

tão alto que a poeira das ruínas não pudesse mareá-las, tão alto que os êmulos na vitória não pudessem jamais ser êmulos na imortalidade?

Eis por que as conquistas da Índia se inscreveram na História, menos fundo do que nas pedras graníticas do monumento épico de Camões.

Cansado de peregrinar, volta o poeta a Portugal. E ali... Cerremos um véu de bronze sôbre a agonia do último dos portugueses, do ciclo glorioso dos descobrimentos. A infâmia daquele tempo, três séculos de reparação já devem tê-la feito esquecer. A mortalha que a pátria lhe não pôde coser ao glorioso cadáver, porque a pátria, despojada da coroa antiga, com êle preferia morrer, deram-lhe trezentos anos de admiração na púrpura sublime de sua própria epopéia.

BRASÍLIO MACHADO

“Carlos Gomes” — Discurso proferido em nome da imprensa da Capital de S. Paulo, por ocasião de sarau lítero-musical, organizado em benefício do filho do maestro, 1880.

Maestro!

Não posso resumir, no molde da palavra, a onda sonora que os aplausos levantam do seio desta multidão, que ao teu encontro corre; nem sei como desdobrar essa púrpura de ovações em que se envolve a realza do talento.

Não é de hoje que soletras, nas aclamações de uma noite, a imortalidade do teu nome.

Nossas palmas não são por certo as primícias da homenagem.

Se a ambição de progredir não fôra sem praias e sem fundo; se a trajetória do gênio no tempo e no espaço pudesse encontrar as fronteiras da imobilidade: — se na alma onde tumultuam os movimentos do trabalho, fôsse dado abrir o vácuo da quietação... poderias, laureado maestro, sem comprometer os teus fôros de artista, esterilizar essa batuta que arrancou do rochedo da arte as cascatas de harmonia e deixar que a sombra do teu nome se embalasse pela amplidão sem términos da posteridade, arrastada, como o guarani de tua ópera, pela torrente dos tempos, sôbre a palmeira da glória!

Há cerca de vinte anos, atraído para as incomensuráveis alturas, onde só pairam os eleitos da inteligência, te sentiste grande demais, para que os horizontes de tua terra pudessem circunscrever a órbita de tuas aspirações.

No oceano ensombrado que pretendias acometer, quantas vezes

não verias cair, adormecido de fadiga, o braço que endireitava o leme do futuro, entontecida a bússola da esperança, irresoluta a âncora da coragem!

Querias a Itália... essa Itália onde a palavra tem as modulações de um canto... essa Itália que até hoje empunha a regência na orquestra do mundo... essa Itália que para o artista é o Tabor das transfigurações.

Mas êsse sonho de engrandecimento esvoaçava por alturas que não poderiam alcançar tuas mãos... vazias do dinheiro. Obscura ainda, conquanto, a coroa de talento musical fizesse de tua família uma dinastia de artistas, tua vocação talvez que não cativasse, na cadeia das harmonias, a admiração de hoje, se entre os espinhos da pobreza não encontrasses o cetro de ouro de um monarca, o Sr. D. Pedro II.

No plano elevado da gratidão nacional, essa majestade ganhou então mais um diadema, êsse trono, mais um degrau; pois o cetro que podia gerar no olimpo as fulminações do raio, se transformara na vara do inspirado hebreu, abrindo de par em par as ondas do esquecimento, para deixar enxuto o leito da esperança, por onde tu, mesquinho, atravessaste em busca das luminosas praias da Palestina de tua peregrinação, da peregrinação de tua glória, da glória de tua Pátria!

Rasgou-se o rumo do futuro.

E para que na sagração do gênio fôsse testemunha a imagem desta terra, encheu-se tua alma das agitações do patriotismo, e a tua ópera, a primeira escala de tua apoteose, se traduziu na pocema dos aimorês; e o rumor selvagem das cachoeiras tomou ao mesmo tempo as modulações da brisa das florestas nessa indolente balada que lembra a ave morta de um sonho, arrastada pela onda plangente da saudade.

Agora vens opulento, bem o sei, bem o sabem todos.

Mas no concêrto de aclamações que te cortejam, faltava uma partitura: a do coração; uma sinfonia, a do sentimento; uma orquestra, a orquestra de nossos aplausos, dos aplausos de tua província.

Não que esta terra, que tão bem personificaste no congresso da arte, ao ver tua ascensão brilhante, deixasse de estender, por sôbre os

oceanos, nas mãos trêmulas de entusiasmo, a sua coroa de estrêlas... dessas estrêlas que tu, laureado maestro, uma a uma arrancavas de seu escudo, para criar uma nova constelação, a América, nesse harmonioso sistema em que Mozart e Rossini, Meyerber e Cherubini, Haydn e Palestrina são outros tantos centros luminosos.

Não era, que esta terra, com os estremecimentos de mãe, deixasse de animar-se nos incessantes combates que a vocação trava com esse anjo mau da dúvida ou da calúnia, do preconceito ou da inveja, que, das encruzilhadas da pobreza e da sombra, não raro, salteia o gênio, e predispõe no estreito caminho da posteridade a pedra do abismo junto ao degrau da montanha, o manto do triunfo cosido aos andrajos do infortúnio.

Não que esta terra deixasse de se comover com o desvanecimento de um orgulho imenso, quando Milão lhe arrancara o filho, para restituir o maestro; quando a arte lhe roubara um cidadão para, do pros-cênio altíssimo do Scala, reenviá-lo tão grande que engrandeceu a pátria, e tão glorioso que já pôde afirmar a organização artística de um povo.

Mas era mister que sentisse de perto as expansões do mais santo dos orgulhos, o palpar febricitante de nossa gratidão, a suprema ventura, enfim, de te apertarmos nos braços.

Nossas homenagens não foram pedir ao espírito da vaidade as pérolas opulentas, nem alumiamos tua passagem com os revérberos da luz que o diamante espalha; porque não há esplendores que empalideçam o sulco de um beijo de mãe, impresso na fronte de seus filhos; como não existe acúmulo de coroas que possa encobrir a modesta vereda que nos conduz ao recanto, onde em ruínas caiu o teto de nossas primeiras alegrias.

Assim, maestro, embora a tua vida se tenha escrito em pergaminhos de louros; por mais compacto que avance o préstito de ovações que te acompanha; por mais incessante que soe em teus ouvidos a marcha triunfal de tua glória, é forçoso que nesta noite dêes em sua fronte um espaço para que nêles estalem os ósculos de tua pátria; que em teu préstito abras um lugar para a tua província de São Paulo; que imponhas momentâneo silêncio à sinfonia de teu triunfo para que possas ouvir as saudações de teus patrícios.

CAMPOS SALES

Falecimento do Marechal Deodoro — Discurso
pronunciado no Senado Federal, em 23-8-1892.

Cabe-me, senhores, o doloroso dever de transmitir ao Senado a triste nova, que nos chega neste momento, do falecimento do marechal Manoel Deodoro da Fonseca. Não posso encarregar-me de contar agora a história da sua vida: seria o mesmo que contar a história da vida nacional.

O seu nome ilustre encontra-se tomando lugar proeminente, nas fases mais brilhantes da nossa história, desde essa época memorável, em que o glorioso soldado colocou-se nas primeiras linhas do legendário exército, a quem coube a sagrada missão de defender a honra de nossa bandeira e o renome brasileiro nos campos do Paraguai. Desde o primeiro encontro com o inimigo, disputou êle a glória aos mais bravos, afrontando corajosamente todos os perigos e todos os sofrimentos da guerra, nunca cedendo o passo aos mais intrépidos e sempre oferecendo abnegadamente o seu sangue ao inimigo, à frente dos que mais herôicamente combatiam à sombra do pavilhão brasileiro.

Mas, salva a honra nacional, vencido o inimigo externo, terminada a gloriosa campanha de além das fronteiras, não lhe permitiu o patriotismo que êle procurasse o repouso na vida tranqüila e na paz de um egoísmo, a que aliás lhe davam direito os enormes serviços que o recomendavam à estima e à admiração dos seus compatriotas.

De volta da guerra, viu que tinha ainda uma grande missão a cumprir; que, ensarilhadas as armas do guerreiro, restava pôr em ação as energias do cidadão.

Todos conhecem a generosa e intrépida atitude do chefe prestigioso e idolatrado na perigosa campanha militar, em que não regateou sacrifícios nem dedicação para amparar com o valor, com as glórias do seu nome os direitos dos seus camaradas, ameaçados pelas violências e pelas perseguições do governo da monarquia.

Essa luta, o país inteiro o sabe, deixou de ser a simples agitação dos interesses de uma classe, para tomar sob a sua direção as vastas proporções de uma questão política intimamente relacionada com a vida, com as condições de existência da sociedade brasileira.

A confiança que êle soube inspirar, por todo o seu passado, aos seus camaradas, a esperança que despertou em todos os espíritos pela excepcional energia do seu caráter, deram-lhe essa grande autoridade moral que faz de um homem o instrumento necessário à realização das aspirações de uma época. Foi assim que êle ficou sendo o centro natural do movimento que produziu a transformação política por que passou o nosso país.

Da influência que êle exerceu, das esperanças que êle raditou e fez desenvolverem-se na alma dos brasileiros que patrioticamente dedicavam os seus esforços à causa da República, pode dar testemunho o obscuro soldado da velha falange republicana, que agora dirige a palavra ao Senado.

O conagraamento espontâneo e sincero do marechal Deodoro com os propagandistas da República, além de denunciar as suas vistas patrióticas, foi um ato político de extraordinário valor, porque servirá sempre para protestar, enquanto houver memória da história de hoje, contra a falsidade dos que, despeitados e querendo amesquinhar a nossa grande obra, dizem que o 15 de Novembro não foi senão uma agitação de quartéis.

Não; não foi uma sedição militar. A monarquia foi banida por um esforço comum dos cidadãos brasileiros, em franca e patriótica fraternização com a força armada. Tal é a significação desse sucesso assombroso que provocou a admiração e os aplausos de todo o mundo civilizado.

Companheiro do grande brasileiro no Governo Provisório, acompanhando-o de perto durante essa fase acidentada da vida nacional, posso felizmente dizer desta tribuna, de onde se fala à nação, que não lhe faltavam os elevados sentimentos, nem a lealdade de caráter, que criam as estaturas dos grandes patriotas.

Ao seu lado, todos nós, seus companheiros do primeiro Governo republicano dêste país, tínhamos a tranqüila segurança que repousava a certeza de que, enquanto êle pudesse desembainhar a sua gloriosa espada, enquanto êle pudesse fazer ouvir a voz do comando, a República teria na sua grande personalidade um guarda poderoso e leal.

É possível — não faço investigações — que o marechal Deodoro, em uma existência tão agitada e trabalhando pelos mais graves sucessos, houvesse cometido erros, grandes faltas. Mas, senhores, quando foi que já existiu um homem com poder bastante para evitá-los?

Os mais experimentados homens de Estado têm sucumbido ao enfrentar os complicados problemas que envolvem os povos nas épocas normais da sua existência. Como, pois, exigir mais daquele que dava o seu país, às instituições que fundou, a sinceridade dos seus nobres sentimentos?

Se há nuvens no horizonte da sua vida, creio bem poder dizê-lo, elas foram acumuladas por aquêles que emboscaram-se atrás da própria grandeza do seu nobre coração e apoderaram-se da falsa fé do seu grande espírito.

E a história há de registrar os resultados dêste monstruoso crime e abuso de confiança para estigma perpétuo dos que o praticaram, só dêles.

Por agora, só nos cumpre recordar que foi êle, ao lado de seu olvidável companheiro Benjamim Constant, quem fundou a nova pátria brasileira, abatendo a monarquia e levantando a República. Êste serviço resgata bem tôdas as culpas.

Em homenagem ao ilustre morto, proponho que o Senado suspenda seus trabalhos hoje e amanhã, e faça-se representar nos funerais por uma comissão dos seus membros.

Acredito que o Senado quererá bem interpretar os sentimentos da nação nacional.

COELHO NETO

Discurso pronunciado na Associação dos Empregados no Comércio, na sessão solene celebrada pelo Aeroclube Brasileiro, em homenagem a Santos Dumont, em 25-5-1916.

Meus Senhores:

Os dias que passam são os maiores do Tempo. Nunca a árvore de Saturno produziu frutos como os que as Horas rápidas agora recolhem para o celeiro da História. Dir-se-ia que os ponteiros do relógio olímpico são os próprios raios de Zeus. Cronos adaptou às espáduas as seis asas possantes dos Querubens e bate-as violentamente em vôo vertiginoso.

O homem agita-se no turbilhão, e assim como a roda compacta do carro ariano dava uma volta lenta em um minuto e as rodas das locomotivas, em tempo igual, fazem duzentos a trezentos giros, assim o homem contemporâneo percorre, em um dia, uma escala de emoções que encheram, à farta, a vida, quatro e cinco vezes centenária, de um beato patriarca bíblico.

O mundo vai-se tornando acanhado para o ser que o habita. A terra é tida por estreita na superfície e rasa na espessura para a insaciável ambição do seu explorador; os mares entulham-se de naves; os rios não bastam para a rega de lavouras, para o trabalho das usinas e para a sede dos animais; as árvores são poucas para dar sombra, fruto e lenho; exigem-se mais rebanhos e mais trigo para os mercados e na vida, cada vez mais facilitada com a indústria, sempre espera em inventos e aplicações, que multiplicam o trabalho e abreviam a ativi-

dade, começa a haver penúria e o clamor dos que sofrem frio e fome atoa desoladoramente.

O homem olha em volta de si procurando saída, reclama espaço, âmbito mais amplo, ar mais puro, mais domínio onde impere. Mas os pólos opõem-se-lhe com os seus muros de gelo. A terra deu o que tinha e os mares já não ocultam surpresas. E o mundo começa a parecer um presidio.

Os mapas são fôlhas mortas, o globo é uma colmeia onde não há alvéolo vazio, e em cada eivado, uma sentinela defende a passagem com o aguilhão mortal.

Entretanto, o enxame cresce, multiplica-se, pulula e cada nascimento traz um concorrente ávido a novas necessidades: mais uma fome reclamando cibo, mais um desconforto requerendo lã, mais uma energia pedindo campo, mais uma imaginação aspirando a triunfos. E é preciso viver e, para viver, lutar.

O forte acalcanha o fraco e passa-lhe sôbre o corpo e é por cima de humilhados ou de cadáveres que se chega à fortuna ou à glória.

É rompendo por um mar Vermelho de sangue que os novos israelitas caminham para Canaã.

A era é da Fôrça. A Razão e o Direito valem tanto como o primeiro casal que foi expulso do Éden por um anjo armado. Hoje governam os filhos de Caim e Tubal, o ferreiro é rei na sua forja lúgubre, onde chispam limalhas e correm rútilos caudais de aço.

Caim e sua progênie abrem a marcha brandindo armas e agitando fachos incendiários, e se derrubam cidades, se devastam florestas e scaras, se arrasam igrejas e monumentos de arte se depredam, se conspurcam, se profanam, contanto que a vitória os ressalve e absolva, mundificando-os, como um banho lustral lava as nódoas do crime.

Assim, pois, é preciso ser forte para poder ser humano. Querer que se respeite uma ara onde apenas ardem círios bentos, é utopia. Todos os princípios do Bem, desde a Fé até a Honra, devem escudar-se em fôrça, e assim, em vez de círios, cerque-se o altar de baterias; em vez de ondas de arômatas, envolva-se o santuário em fumo de explo-

sivos; em vez de antífonas e salmos, cantem-se hinos heróicos e os sacerdotes imitem aquêlê esforçado arcebispo carolino, o belacíssimo Turpin, que em Roncesvalles, confessava e ungia os guerreiros moribundos tendo por mitra um elmo, e à mão, por báculo, um montante.

Só apoiando-se na Fôrça poderá o homem d'ora em diante, viver no mundo tumultuário, tranqüilo na Pátria e senhor no seu lar, salvo se dessa guerra monstruosa surgir a Paz com uma nova fórmula de Humanidade, reintegrando no tempo da Concórdia o casal de banidos: a Razão e o Direito.

E praza a Deus que assim seja. Então a imensa púrpura estendida nos campos de batalha, como tapête da Guerra, absorvida pelo sol, formará no oriente, diluída em ouro, o rosicler da madrugada do segundo Renascimento.

E dêsse Renascimento serás tu, nos tempos vindouros, apontando como um dos anunciadores, homem predestinado, filho da terra verde e pupilo dos céus azuis, caminheiro no solo e itinerante nas nuvens; tu, que realizaste o ideal nascido no espírito do primitivo na madrugada do mundo, quando, no Paraíso, levantando os olhos deslumbreados, viu a águia alipotente atravessar o espaço e viu lançar-se, dentre os trigais, cantando, a cotovia, maripôsa do sul.

No dia em que, rompendo os arcos, entraste aladamente na História pela porta azul do Éter, privativa dos deuses, o mundo fremiu num estremecimento de espanto. No fundo da terra agitou-se a ossamenta milenar dos Atlantes atrevidos, que sucumbiram na tentativa da escallada do céu, e, em alvorôço, surgiram da Poesia e da Lenda, formando elas à tua passagem, todos os aérides imaginários, desde Pégaso, o alerião de Palas, até Icaro, o mancebo imprudente, que investiu com o espaço fiado em asas de cêra; desde o Menipo de Luciano até às apsaras dos luares da Índia; desde Elias no seu carro de fogo, até Brunhilda no seu árdego ginete, desde as fadas e os gênios até as bruxas medievais.

E subias librando-te nas asas, realizando a suprema aspiração do Homem desde que, com o pecado, deixara de ser anjo, ficando prêso à terra na vida e na morte. Vieste resgatar o crime de Eva, quero

dizer: a curiosidade humana; curiosidade, seiva da árvore do Paraíso, seiva com a qual fizeste o licor sagrado que foi, ao mesmo tempo, o óleo da tua lâmpada de estudo e o estimulante do teu gênio altivo.

Foi no lenho dessa árvore que os fariseus falquejaram a cruz de Cristo; com êsse mesmo lenho fizeste o teu símbolo de redenção.

Visto da terra, pairando, o teu aparelho assemelha-se à cruz messiânica, tal como a viu Constantino quando a tomou por lábaro: *In hoc signo vinces*. E com êle venceste.

Subiste da terra baixa em alor de águia, e, à medida que se abrumava na distância a geografia dos efêmeros, avistavas as cordilheiras deslumbrantes do Empíreo, onde cada estrêla é um mundo e onde correm rios como a Via Látea, cujas areias diamantinas são germes cósmicos.

Ias por mares nunca dantes navegados em direitura ao sol, que era a tua tramontana, levando para a região das nuvens uma signa da terra. A tua flâmula de almirante elíseo era a bandeira auriverde, onde refulgia o Cruzeiro, como prenúncio da vitória que lhe estava reservada no céu.

Antes de ti outro brasileiro, Bartolomeu de Gusmão, talvez pela constância na ascese, quis, um dia, subir a Deus com as orações e imaginou a Passarola para:

*“Voar! varrer o céu com as asas poderosas
Sôbre as nuvens! correr o mar das nebulosas,
Os continentes de ouro e fogo da amplidão!...”*

Ainda era cedo. A ave pedia tempo para desempolhar-se. Mas o sonho do solitário multiplicou-se e os ares encheram-se de esferas, houve um fervilhamento de aeróstatos: era a pocira da Terra que se levantava e o Poeta, vendo-os ir e vir, como átomos ao sol, saudou-os num canto excelso no qual ressoa, profeticamente, a boa nova da tua vinda:

*Oh! franchir l'ether! songe épouvantable et beau!
 Doubler le promontoire énorme du tambeau!
 Qui sait? Toute aile magnanime:
 L'homme est ailé. Peut être, ô merveilleux retour!
 Un Christophe Colomb de l'ombre, quelque jour,
 Un Gama du cap de l'abîme,*

*Un Jason de l'azur, depuis longtemps parti,
 De la terre oublié, par le ciel englouti,
 Tout à coup, sur l'humaine vive
 Reparaitra, monté sur cet alérion
 Et montrant Sirius, Allioth, Orion
 Tout pâle, dira: "Jean arrive!"*

Mas que podiam fazer tais germes não incubados? Os balões eram cativos, como são inertes os ovos das águias nas achegas dos ninhos.

Rolaram silenciosamente os tempos que fecundam e na terra ousada das bandeiras nasceu o esplendor do Excelsior, que és tu.

Ainda menino, quando os da tua idade corriam pela terra, tu seguias o vôo dos pássaros. Cresceste como Hermes: com asas na cabeça.

Deixando o solo nativo, buscaste um ponto da terra de onde pudesses ser visto por todo o mundo; êsse ponto foi a cidade por excelência, a Atenas de Genoveva e a de Joana d'Arc: Paris.

Um dia apareceste como Hércules infante, não trazendo a serpente estrangulada, mas arrastando uma larva estranha. Cavalgaste-a e o verme deixou de rastejar: voou.

Não o accitou o azul, a nuvem repeliu-o, o vento enrolou-o em caracol e o verme tornou à terra baixa.

Recolheste com êle ao mistério, à espera da metamorfose, e, quando reapareceste, trazias a borboleta, com asas de Psiquê e com ela subiste. Foi a tua primeira vitória. Mais um dia e o inseto olímpico, reforçado, partiu da terra em arranque.

Voaste, então, sereno, não como a pluma que flutua e oscila, sobe e desce, a esmo, mas como ave que inflete direita ao rumo ou como os navios encantados dos feácios, “que pensavam, atravessando rapidamente os mares, nublados de nevoeiros, sem temor de perigos”.

A tua obra está feita. Com ela conquistaste o Espaço e o Tempo. Fôste o primeiro a entrar no azul; bebestes nas nuvens, passaste pela forja dos raios e fôste além, onde o ar é puro como a água nas fontes.

Tu só, com o teu gênio, realizaste o sonho de Prometeu, e, domando o abutre que lhe roía o fígado, fizeste dêle o teu corcel aéreo. Conquistaste o que projetaram as raças orgulhosas construindo a tôrre babilônica.

O que não logrou o Atlante nem obtiveram as tribos atrevidas, tu realizaste num surto.

Quiseste dar ao homem o ilimitado, pensaste em suprimir as fronteiras tornando o espaço comum a todos, como a nave de uma igreja. Soltaste uma pomba de aliança, e ei-la mudada em corvo carnicheiro.

A culpa não é tua, criador maravilhoso, a culpa é de Satan, o Espírito do Mal, que deforma e denigre tôdas as boas obras.

Dá-lhe a Fé e êle mudará em superstição; dá-lhe a Esperança e vê-la-ás tornada em avidez; dá-lhe a Caridade e êle a transformará em Vaidade, e, assim, a oração será sortilégio, a aspiração será ganância, e a esmola a mais vil das afrontas.

E são estas as três virtudes teologais que formam a Trindade por excelência da Misericórdia cristã.

Tu criaste a Harmonia, o Mal fêz dela a Discórdia e do que ofereceste à Paz fêz o Demônio arma de Guerra.

A larva que rejeitaste, recolhida do lôdo e alimentada a explosivos, mudou-se nessa ignomínia — o “zepellin”, lesma torpe que polui as nuvens, espalhando da altura sôbre cidades incrimas a sua bala incendiária.

Criaste a cruz alada, a Guerra mudou-se em dardo, e, das asas que deste ao homem, reintegrando-o na angelitude, tirou a mesma

Guerra as penas para as flechas com que o mata, tantas que, como a de Xerxes, obscurecem a Civilização, que é o sol.

Teve a mesma sorte o pássaro da fábula:

*Mortellement atteint d'une flèche empennée,
Un oiseau déplorait sa triste destinée,
Et disait, en souffrant un sucroit de douleur:
Faut-il contribuer à son propre malheur!
Cruels humains! vous tirez de vos ailes
De quoi faire voler ces machines mortelles!*

Mas não maldigas a tua obra. Puseste-a no céu, deu nela o sol e tanto bastou para que lhe saísse do corpo a sombra e foi por êsse debuxo que se fizeram os seus contrastes, os vulturinos que enxameiam os ares, voando entre o fumo das batalhas e as nuvens.

A revoada dos pássaros de França saiu tôda do teu aviário e é ela que, neste momento trágico, guarda a Civilização, protege a Arte, defende a Honra, garante o Direito, vigiando do alto o inimigo alapardado em trincheiras, metido no ventre das lesmas funambulescas ou no bôjo dos submarinos, que são como reflexos da sevandija aérea.

Não maldigas a tua obra. Deste ao homem uma nova energia, a asa, e, com ela, o domínio além da terra e dos mares. Pode êle agora fazer a volta do mundo sem tocar na crosta nem pousar na onda.

Tornaste em realidade a fantasia de Aristófanés, essa cidade etérea chamada Nefelecocigia, e hoje, acima de tôdas as nações, circulam voadores, evoluindo em bandos como as andorinhas na primavera.

Só um país conserva ainda o céu azul deserto, e êsse é justamente o ninho das aves heróicas, de onde saiu o intrépido "Passarinheiro".

Êsse país é o teu, é o nosso, é êste: o Brasil.

Deste-lhe a glória e com isto êle ficou contente e dorme sôbre os louros. Queira Deus que o não despertem vozes arrogantes.

País do absurdo: fundado em minas opulentas, é pobre; emoldurado em ouro e em prata como os dias de radioso sol e as noites de

argênteo luar, é triste; cortado de rios caudalosos, estala de sêde; soberbo de florestas densas, pede o lenho às selvas estrangeiras; as suas terras ferazes não produzem para seu sustento.

Vendo-o, assim resplandecente e rico, a esconder miséria, vem-nos à lembrança a máscara de ouro das múmias de Micenas.

O homem arde em sonhos e não se decide por uma iniciativa; livre, caminha com a submissão de ilota; ousado, retrai-se em timidez, resignando-se a ser hóspede na Pátria, obedecendo, quando devia impor. É um deslumbrado, e, por ter os olhos sempre no Além, desconhece o que o cerca, descuidando-se do que lhe diz respeito.

Bem sabe êle que os aviões são hoje a cavalaria do espaço, mais forte que a das "walkirias", recolhedoras de heróis. Que importa a nuvrejão de aves trágicas? Quem dorme é como quem está morto — não vê os corvos que chegam.

Quem tirará o Brasil do torpor em que jaz?

A ave sai de madrugada, vai ao cibato e ao córrego, pousa no ramo em flor, onde cintila o orvalho, espaneja-se ao sol, abala em flecha para o silvedo, e, todo o dia, voa, revoa, de fronde a fronde, de vale a monte, mas quando a tarde empalidece e as primeiras névoas arminham a fralda dos outeiros, torna ligeira ao ninho. Assim tu.

Partiste na manhã da vida, conquistaste a glória, que é o alimento dos heróis, e, ao entardecer, regressas ao pouso nativo. Bem-vindo sejas com os lauréis que trazes e mais ainda com a promessa com que nos acenas.

Ficas com a tua Mãe... Ainda bem! Trazes contigo o entusiasmo, e, como conheces o teu país onde, na abundância, tudo falta, põe-te, desde já, em ação e faz de cada mancebo um falcão destro. Espalha-os — uns pelos ares, como sentinelas nas terras vastas; outros pelas ondas, de onde alcem vôo, como os alciones, vigiando o longo litoral deserto.

Dá, em lições de bravura, à gente môça da nossa pátria, a instrução de civismo de que ela carece: a começar pelo amor à terra materna, o zelo pela sua honra, a veneração pelo seu passado, prestígio no seu presente e confiança no seu futuro.

São os heróis que conduzem os povos. Desperta os que dormem, tu que vieste dos astros e atravessaste o pórtico de ouro de onde saem as madrugadas.

O tempo é dos fortes e dos audazes.

Eia, sus, voador! Tira o Brasil da inércia, dá-lhe as tuas asas, leva-o em vôo. Que êle se levante, como nação, em surto igual àquele com que tu, em uma linda manhã de primavera, diante de um povo maravilhado, estalando os grilhões que prendiam o homem à terra, ascendeste ao céu nas asas do teu gênio. A abalar! a abalar para a Fortuna e para a Glória.

RUI BARBOSA

“Visita à Terra Natal” — Discurso de agradecimento à manifestação prestada pelo Partido Federalista, na Bahia, no Teatro São João, em 7-2-1893.

Meus caros conterrâneos,

Depois disto... diante disto... não sei como principie...

Aos primeiros sorrisos longínquos de minha terra na curva azul de sua enseada, enquanto o vapor me aproximava rapidamente destas doces plagas, onde minha mãe me embalou o primeiro e meus filhos me velarão, talvez, o último sono, vendo pendurar-se do céu, estremecer para mim o ninho, onde cantou Castro Alves (*bravos*), verde ninho murmuroso de terna poesia, debruçado entre as ondas e os astros, parece-me que a saudade, amado fantasma evocado pelo coração, me estendia os braços de tódá a parte, no longo amplexo do horizonte. (*Sensação*). Minha vida inteira, o remoto passado fugitivo recompunha-se-me nalguns instantes, de uma infinita suavidade triste, como a das grandes afeições tenazes, que lutam contra a volubilidade dos sucessos, e procuram fixar-se à beira da corrente irresistível da vida, abraçando-se aos ramos imortais do ideal. (*Bravos*). Nesse crescer, porém, de recordações, onde o meu espírito flutuava, anelante, de vaga em vaga, de pensamento em pensamento, de ressurreição em ressurreição, mais vivas, mais insistentes, mais obsessivas entre tódas, se me debuxavam na memória as impressões da minha última visita a estes lares. Vai por cinco anos. Era em 1888. Corriam os últimos dias de abril. Pouco me eram dados, para respirar estes ares, a cujo oxigênio se formou a minha paixão pela liberdade. (*Bravos*). Eu vinha

só com a minha fé, a única força que a natureza não me recusou, a companheira fiel das minhas provocações, o viático de meu caminho acidentado. A atmosfera do Império e da escravidão oprimia-nos, abafadiga, de todos os lados. Os partidos monárquicos brigavam, enfezados, na sua rixa de lagartos (*riso; aplausos*), na raiva preguiçosa de velhos estélios coriáceos, à luz de uma publicidade indiferente, ou hostil, como os raios do sol que acariciam o torrão próspero, mas flagelam a estepe escavada, no silêncio, no marasmo, na solidão moral da pátria, calcinada por uma esterilidade maldita. (*Aplausos*)

Quisestes então ouvir-me, amigos meus, bons conterrâneos, meus irmãos... irmãos, porque fomos mimados todos no mesmo berço destas encostas arredondadas e meigas como regaço de fada benfazeja (*aplausos*), todos amamentados aos seios da mesma mãe, a alma Bahia, mãe da inteligência, da generosidade e do entusiasmo... (*Aplausos*). *Bahia mater*... Quisestes ouvir-me. Mandastes-me falar... E eu, no Teatro de S. João, despedindo-me de vós, anunciei-vos a abolição imediata e a federação iminente.

Daí a treze dias, a abolição estava consumada. Não por obra da caridade imperial. Não! O consórcio do Império com a escravidão, indignamente denunciado pelo Sr. Joaquim Nabuco ainda na derradeira fase da propriedade servil, nunca se dissolveu, senão quando a dinastia sentiu roçarem-lhe o peito as baionetas da tropa, e a escravidão, em massa, tomou a liberdade por suas mãos nos serros livres de São Paulo. (*Aplausos*). A reumanização da raça negra no Brasil não é um ato de munificência da espôsa do Conde d'Eu. É, pelo contrário, uma conquista materialmente extorquida aos príncipes, pela rijidez dessa opinião batalhadora e irreduzível, que se viu ameaçada nos atos mais cristãos da beneficência abolicionista, por uma ignóbil lei dos últimos dias da realeza, com a calceta de ladra. (*Sensação*). Esse ultraje sacrílego, irrogado à divina natureza em suas aspirações mais puras, cominado ao apostolado emancipador nos seus impulsos mais santos, não pode transformar-se facilmente em louros para a Coroa Real, que o vibrou. (*Bravos*). A epopéia da redenção não há de passar à posteridade, escrita pela nostalgia dos criados do paço nas rapsódias ditadas pela contrição da covardia aos pusilânimes, que inútilmente

pretendem servir hoje ao Rei com a mentira, não tendo ousado servi-lo em tempo com vida. (*Aplausos*). A tradição viva da verdade militante é que há de ser o Homero dessas glórias, tão cedo maculadas pela má-fé dos interesses, e coroar a *verdadeira redentora*: a vontade impessoal da pátria (*aplausos*), apoiada na organização inexpugnável do abolicionismo, na cooperação geral da família brasileira, no êxodo caudaloso dos cativos, na galharda nobreza dêste Exército, que recusou suas armas à caçada de criaturas humanas prescrita pelos ministros do Imperador (*aplausos*), dêsse Exército cuja finalidade à causa da revolução é o desespêro dos empreiteiros de certas esperanças confessáveis (*aplausos*), dêste Exército em cujo civismo a autonomia bahiana achou impenetrável defesa contra tentativas criminosas (*bravos*), dêste Exército que, depois de lidar na milícia triunfante da abolição, encarnou o movimento popular da República, e depois de fraternizar com as aspirações nacionais do advento da democracia, há de completar a trilogia épica dêste drama, evacuando o campo das intervenções políticas, restituindo o país ao governo civil, assentando a ordem pública na submissão das forças militares à magistratura constitucional da toga, da palavra e da lei.

A abolição desarmara da maior das suas forças a autocracia imperial, cuja estúpida centralização tinha feito das nossas províncias meros compartimentos da casa do Rei. Arrasada essa Bastilha da escravidão civil, guarda formidável da escravidão política, o sôpro de 1831, cinqüenta anos represado pelas améias negras da monarquia, ia encarnar violentamente pela garganta dessa reforma, vasta e transfiguradora como os desabamentos de uma convulsão geológica. A escolha era fatal: ou os estadistas do Império abriam passagem franca às vontades impetuosas de uma reivindicação nutrida pela necessidade irresistível dos interesses soberanos, que a própria natureza estampara na face dêste país; ou, habituados a crer no poder do Rei sôbre o tempo e nas vantagens da habilidade contra o direito, negociavam com o Paço alguns anos do favor imperial, a trôco da incumbência de levantarem com as reações de partido uma parede contra a vontade da nação. No primeiro caso a transição republicana se faria lentamente, por evolução, dando tempo ao Imperador de fechar os olhos; no segundo a revolução mudaria simultaneamente a condição das províncias e

a forma de governo. Sem esforço se podia ser profeta, como eu fui, perante vós (8 a 30 de abril de 1888), dizendo-vos, na minha conferência abolicionista:

“A grande transformação aproxima-se do seu termo. A cordilheira negra esboroa-se, abalada pelas comoções que operam a mudança dos tempos nas profundezas da história; é por êsse rasgão imenso, que se abre, entra em cheio o azul dos novos horizontes, o oxigênio poderoso da civilização americana. Os velhos partidos, coooperadores irregeneráveis do passado, rolam desagregados para o abismo, entre os destroços de uma era que acabou; e, pelo espaço que a tempestade salvadora purifica, os ventos do norte e do sul trazem, suspendem e dispersam, para caírem sôbre a terra, as idéias vivificadoras da nossa reabilitação: a liberdade religiosa, a democratização do voto, a desenfusão da propriedade, a desoligarquização do Senado, a *federação dos Estados Unidos Brasileiros*... com a Coroa, se esta lhe fôr propícia, *contra e sem a Coroa, se ela lhe tomar o caminho*”.

Essas, textualmente, as minhas palavras naquela época. Elas foram levadas ao Senado, apontadas, na sua tribuna, com terror, pelo Barão de Cotegipe como indício tenebroso de instintos revolucionários na opinião liberal. Não eram; eram apenas a intuição da realidade inevitável, em um espírito educado na crença de que a conservação das instituições e o destino dos impérios se regem por leis naturais e de que a fórmula geral destas é a liberdade. (*Aplausos*)

Eu poderia terminar aqui, dizendo-vos:

“Tenho prestado a minha conta. O testemunho incorruptível dos acontecimentos acabará de liquidá-la. Direis se sentimentos subalternos me inspiraram falsos vaticínios, se traí a confiança popular com as reticências do medo, ou as hipóboles da paixão, se as minhas predições eram artificios levianos, ou advertências salutares, se alguma vez economizei a minha responsabilidade, ou hesitei em expor a minha segurança pessoal, para confessar a minha fé, honrar a minha consciência, servir ao meu país”. (*Aplausos*)

Mas esta manifestação, a eloquência fascinadora do seu orador, o calor das vossas simpatias me arrastam irresistivelmente.

O ceticismo inveterado nos políticos brasileiros aproveitou, sôfrego, a ocasião, para argüir de tendências subversivas o Partido Liberal. Mas o tempo veio mostrar-vos que a minha voz não era a das ambições facciosas. Bem cedo o Partido Liberal devia repudiar-me, opondo a experiência e o tino de seus patriarcas às extravagâncias da rebelde, que se atrevia a sustentar a inutilidade, a imprudência, a sorte desastrosa de todos os programas, cuja base não assentasse na federação imediata. Deu-me Deus a fortaleza necessária, para antepor a tôdas as seduções o meu compromisso por essa idéia, para se separar por ela de todos os meus amigos políticos, para abrir em sua defesa uma indefinida campanha, acolhida pela imprensa oficial com ironias e desprezos, acompanhada pelos publicistas ministeriais com maldições e ameaças, contrariada por todos os interêsses poderosos, apoiada unicamente nas forças morais da convicção e do dever. (*Aplausos*)

E, quando a revolução, efeito natural das resistências do imperialismo à bandeira federalista, que eu levantara, no congresso liberal, com o apoio de Manuel Vitorino, antes de firmá-la, com seis meses de luta por dia, no *Diário de Notícias*, quando a revolução veio surpreender nos seus cálculos de eternidade a demência da monarquia, colocado pela fatalidade das circunstâncias entre os organizadores de uma situação, para a qual eu não contribuira senão como os avisos da previdência, que adverte, podem contribuir para os desastres de pertinácia, que não escuta, — não trepidei em subscrever a segunda alternativa do meu dilema, a federação na república, já que o império não soubera enxergar na primeira a solução amparadora do trono. (*Aplausos*). Então, reunido, no Quartel-General, antiga Praça da Aclamação, com os meus companheiros, ao escolhermos, para a pátria renovada, o seu novo nome político, o nome do seu batismo constitucional, passaram-se pela mente reminiscências da minha última entrevista com a Bahia, a fórmula de 1888, a que me tínheis ouvido no Teatro de São João, saiu-me da bôca, e, sob proposta minha, abraçada por todos, o governo provisório apresentou ao mundo, na república recém-nascida, a federação dos *Estados Unidos do Brasil*. (*Aplausos*)

Claridades de alvorada aureolaram êsse natalício. As nações não conheciam fato semelhante: uma revolução que não tocou nem na consciência, nem na família, nem na propriedade, nem na vida, que

não orfanou uma criança, nem levou à viuvez uma mulher, que abriu a todos os cultos o sacrário do respeito legal, que apelou para tôdas as opiniões, e utilizou tôdas as formas do patriotismo, que se sentiu menos na administração do que as alternações ordinárias dos partidos no poder, que fomentou enêrgicamente o trabalho, a indústria, a atividade comercial, e que, a um sôpro, converteu as províncias oprimidas de um Império centralizado nos Estados autônomos de uma democracia federativa. (*Aplausos*)

Grandes sombras vieram projetar-se nesse quadro. Quando é, porém, que o sossôbro de um regime e a implantação de outro puderam jamais consumir-se sem crises descomunais, sem tributações memoráveis? E onde é que êsses descontos fatais se produziram nunca, em escala tão reduzida, como na revolução brasileira? Contudo, não foi preciso mais, para despertar um murmúrio inconsciente de aspirações retrospectivas, e povoar de sonhos lisonjeiros o tûmulo, onde a monarquia bragantina dorme para sempre, amortalhada na incapacidade e na loucura. (*Aplausos*). Os vermes evadidos do cadáver regressam a êle, empenhados na velleidade insensata de reconstituí-lo. (*Aplausos*). Já reivindicam adesões subterrâneas; e entre essas (porque não dizê-lo com franqueza?), entre essas, vão propalando à surdina, caber à Bahia um dos mais fortes contingentes. À Bahia? Não! É uma calúnia. Prova-o a presença dêste auditório (*aplausos*)... o mais numeroso, talvez, que já se reuniu nesta terra, e não menos culto, não menos seleta do que numeroso.

A Bahia abraçou a revolução por um ato lento, reflexivo, irrevogável de sua consciência, franca e leal como a alma dos nossos sertões, robusta e firme como as raízes das nossas florestas, serena, cristalina como o curso dos nossos rios. (*Aplausos*). A arruaça pode mudar de ídolos, como o lupanar varia de amantes, como a roleta varia de sorte... (*Aplausos prolongados*). Mas o espírito da fidelidade e a honra velam constantemente, como a estrêla da manhã e a estrêla da tarde, sôbre essas regiões, onde a fôrça e o desinterêss, o patriotismo e a bravura, a tradição e a confiança assentaram os seus reservatórios sagrados. (*Longos aplausos*). A república tem hoje na Bahia um de seus mais vigorosos núcleos de conservação, uma de suas mais sólidas

garantias de estabilidade. (*Aplausos*). No processo de cristalização das novas formas da nossa democracia, as poderosas concorrentes dinâmicas da opinião bahiana entram enêrgicamente em atividade, convergindo cada vez mais intensas nesse trabalho solidificador. Nenhum Estado concorreu com mais interêsse à eleição da sua Constituinte; nenhum se aprimorou com mais esmêro da sua Constituição; durante o carnaval da legalidade, nenhum soube repelir mais altivamente a desvairada insolência das deposições; nos comícios populares, nenhum se tem distinguido tanto pela afluência geral do eleitorado. E que deve a Bahia ao regime extinto? Que deve ela ao Império, ela que o dotou aliás com os seus estadistas mais famosos? (*Aplausos*). Que o diga o aspecto desta cidade, entrevada cinqüenta anos na imobilidade dos seus bairros primitivos. (*Aplausos*). Que o diga a indigência da nossa lavoura (*aplausos*), a anemia solonenta do nosso comércio (*aplausos*), a educação retraída, assustadiça e avara do nosso capital (*aplausos*), o contraste entre a nossa posição econômica e a superioridade das nossas vantagens na escala da opulência nativa. Que fêz essa monarquia madrastra, senão mumificar-nos nos trapos da côrte de D. João VI... (*aplausos*) esquecer-nos, entregando-nos ao tempo e ao môfo, como se esquece a casaria de um velho solar abandonado... (*aplausos*) sugar aos nossos melhores filhos a flor da virilidade moral, e dar-nos, em trôco, por único sustento, o suor da escravidão baronizada? (*Aplausos*). Viciosa e suicida, em sua última visita, na pessoa do genro Orléans, em 1889, a esta terra, que nos deu a monarquia em espetáculo, em prelibação do Terceiro Reinado, senão a mais insigne cena de violência e vergonha, os esponsais do Trono com a lama ensangüentada? (*Aplausos*)

E é disso que nos lembráramos saudosos? É para isso que volveríamos alvoroçados? Mas então êsses três anos exemplares de preparação republicana, êsses três gloriosos anos desta terra seriam uma miragem apenas? uma negaça? um passatempo? uma alucinação? (*Aplausos*). E o gênio que presidiu a essa transformação, o gênio rejuvenescente da Bahia, iria agachar-se agora satisfeito no papel de servilheta octogenária aos pés dos bisnetos decadentes da coroa portuguesa? (*Longos aplausos*)

Semelhante propaganda, meus caros conterrâneos, não resiste a cinco minutos de bom-senso. Êsses regeneradores representam o elemento, que, sob a monarquia, esgotou meio século de vossa paciência e de vossa credulidade, entretendo-vos com a promessa de reformas eternamente adiadas. Êsses verbadores implacáveis das imortalidades republicanas são, quase todos, indivíduos, que se constituíram em arautos da monarquia e da moral, à custa da seiva fartamente vampirizada ao novo regime. (*Aplausos*). Mais de sessenta anos se gastaram em construir o Império; e que se nos oferecia nêle? Uma dilatação monstruosa da pessoa real, sobreposta à nação: os Ministérios anulados pelos conluios do Paço; as Câmaras anuladas pela corrupção parlamentar; as eleições anuladas pela pressão oficial; os partidos anulados pela inversão habitual dos seus papéis; a seriedade administrativa anulada pelas derrubadas periódicas; a consciência política anulada pela influência penetrante dos filtros imperiais na consciência dos estadistas; as simpatias do país anuladas, nas relações internacionais, pelas preocupações dinásticas da diplomacia cortesã. (*Aplausos*). E tão hábilmente operara a monarquia na destruição de si mesma que o Terceiro Reinado, antes de começar, era já mais detestado que o Segundo. (*Aplausos*)

Êsses costumes saturaram profundamente o solo, onde se tinha de levantar a república, e deviam empestá-la por muito tempo. Os males, que hoje nos afligem, são raízes sobreviventes das enfermidades do Império. O próprio militarismo é um legado seu. O militarismo nasceu da violação dos direitos legais do Exército pelo governo do Rei; e, graças à franqueza dêste, reunida às imprudências de seus secretários, foi sob os três últimos gabinetes imperiais, o pesadelo da Coroa e do Parlamento. E a restauração livrar-nos-ia do militarismo? Não! A restauração não seria possível senão pela anarquia dos quartéis, pelo beneplácito da indisciplina, e havia de governar ao rufo dos pronunciamentos, para voar, pouco depois, a um pontapé dêles, legando irremediavelmente o país à tutela de caudilhagem. (*Aplausos*)

Recapitulai um a um os agravos carregados à conta do regime republicano, ou do sistema presidencial; a luta geral contra a lei; a depravação do senso jurídico nos órgãos da autoridade; a irresponsabilidade habitual dos agentes da administração; a desnaturação das

instituições constitucionais na hermenêutica interesseira dos sofistas parlamentares; a idéia fixa, nos homens públicos, da conquista das pastas por amor das pastas; a confusão dos poderes políticos reciprocamente invadidos e invasores; os golpes da tirania administrativa na esfera da justiça; as liberdades da mania policial contra as garantias da liberdade; as misérias da mediocridade ministerial elevadas à altura de critério supremo da prudência governativa; o jôgo da desconfiança, da antipatia, da esperteza mútua entre os ministros e o chefe do Estado; as abdições populares ante as vontades e as provocações do poder; a debilidade da vida nacional nos seus centros locais de resistência e recomposição; o nepotismo, a prodigalidade, o estulto brio do êrro; a fraude orçamentária, o *deficit crônico*, as devastações financeiras do jôgo. (*Aplausos*). Neste largo quadro patológico, apontai-me um só traço, que não indique uma projeção da diátese imperial. (*Aplausos*). Dessa política infamada, cuja expressão consistia, para falar como o Sr. Zacarias e o Sr. Nabuco, na “mentira das urnas” e na “prostituição do voto”. Com a República mudamos de higiene; mas não mudamos de sangue. (*Aplausos*). E os males do sangue não se estirpam radicalmente na primeira geração. A lógica ridícula do monarquismo, porém, descobriu meios de responsabilizar pelos achaques hereditários do paciente o regime reparador, apenas começado a ensaiar contra êles.

Tal lógica, tal programa. Uma define o outro. Metido na sua loura cabeleira de romântico ao corte do último figurino, com os seus ares de Apolo de salão e a sua virgindade de Vestal de comédia, êsse monarquismo, velho gozador, que adora Epicuro na alcova, e dedilha Lamartine ao luar (*hilaridade; aplausos*), anda a requestrar-vos, terra minha das serenatas harmoniosas, para os descantes solitários ao pálido astro de além-túmulo, cujos raios adormecem na cabeça morta do velho Imperador. (*Aplausos*). Mas o bom-senso bahiano saberá dar o devido valor a êsse derrigo póstumo do antigo partidismo pela realeza, por êle próprio atassalhada em vida. (*Aplausos*). Ninguém pode esquecer, que êsse mesmo planêta alumiou a *Conferência dos Divinos* (1),

(1) Panfleto político de autoria de Antônio Ferreira Viana, mais tarde Ministro da Justiça. Apareceu no Rio em 1867, e provocou uma resposta que foi a *Conferência dos Humanos*, aparecida no mesmo ano, atribuída a José Alves Pereira de Carvalho.

e ouviu as imprecações de *Timandro* (1). *ARiso*). Podeis responder, pois, aos galanteadores da vossa sensibilidade artística que a reverência comiserativa pelas cãs sexagenárias do avô, que reinou entre nossos pais, não santifica a senilidade precoce dos netos, criados entre a nossa antipatia e a nossa indiferença. (*Aplausos*). Um pacto universal do sentimento público no país designara previamente no sarcófago, que se abrisse para o filho de Pedro I, o ataúde inevitável da monarquia. (*Aplausos*)

Os adocicados emissários da sedução imperialista hão de convencer-se de que nascestes varonil pela natureza; de que a sujeição feminil imposta ao vosso temperamento vos dessexuava, de que, depois de berberdes a virilidade na taça da federação, forjada para os continentes novos pelos Titãs anglo-saxônios da América do Norte (*aplausos*), não condescenderei em esposar os casquilhos grisalhos do Império desenterrado, e receber deles por enxoval de bodas e servidão de saias, quinhoadas às províncias na domesticidade dos interesses imperiais. (*Aplausos prolongados*)

Renunciar o federalismo é emascular-se. Desistir do fóro republicano é prostituir-se. Conquistas destas não se revogam, senão pelo processo por que se fazem os eunucos. (*Aplausos*). Da federação não se retrocede para a centralização. Da América presidencial não se volve para a realza ultramarina. A transmutação das monarquias européias, nos seus renovos coloniais, em democracias republicanas, é um fenómeno constante, com todos os caracteres de uma lei histórica, infringida unicamente no caso singular do Brasil. Eliminada, pois, uma vez a exceção, a anomalia não pode reconstituir-se. (*Aplausos*). A idéia restauradora no Brasil pertence ao museu das excentricidades políticas, entre as quais, na vasta classe das patéticas humanas, lhe cabe *de jure* um lugar, no carunchoso armário onde se fossilizam os seus dois irmãos primogênitos, o sebastianismo e o miguelismo, descendência todos eles, dessa macróbia ingenuidade agregada à boa raça dos nossos velhos pais portugueses. (*Aplausos*). Restabelecer monarquias

(1) *Timandro* foi o pseudônimo de Francisco Sales Tórres-Homem n.º "O Libelo do Povo", panfleto contra as instituições que apareceu com grande escândalo em 1849. O autor foi mais tarde ministro, Senador do Império e aceitou o título de Visconde Inhomirim.

na América à impossível equivalente ao de criá-las. A magnanimidade brasileira poderá sacudir uma vez uma coroa, sem ensangüentá-la, como em 15 de novembro. (*Aplausos*). Mas fortunas tais não é provável que se repitam sucessivamente. Do banimento para a restauração não sei se haveria, hoje, outro caminho, a não ser o caminho da agonia, o caminho funesto do México, o caminho de Miramar a Queretaro (1). (*Aplausos*)

Uma Constituição sobrevivente a provas terríveis, como o golpe de Estado que matou a primeira presidência republicana, como os golpes de Estado, não menos violentos, que assinalam a segunda, tem contraprovado a sua vitalidade. Mancomunem-se embora contra ela as pestes, que conspiram o seu descrédito; no exterior, os franchinotes de "boulevard", os pisa-verdes do ridículo francês, os estadistas de café-concêrto (*bravos*), os emigrados da agiotagem, os ajudantes da cozinha do figarismo... (*hilaridade; aplausos*) gente, que, para alongar de si as farpas do epigrama parisiense contra a família do macaco brasileiro, atafula-se no bom-tom do desdém e da calúnia, exercitadas sobre nós com inconsciente elegância simiesca por essa fraternidade típica de antropóides envergonhados... (*aplausos*) colônia original entre tôdas as colônias, cuja noção da honra patriótica se resume na exposição da pátria, difamada, aos labéus do estrangeiro; (*aplausos*) no interior, o aluvião incongruente das fezes agitadas pelo choque revolucionário; os jogadores trovejando contra o jôgo (*riso*); os baixistas horrorizados da baixa (*risadas*); os manipuladores da usura cambial chamejando contra o govêrno provisório pelos desastres do câmbio (*aplausos*); os náufragos da bolsa enfuriados contra as desigualdades do azar; os sortes-grandes das finanças de 15 de Novembro revoltados contra as medidas bancárias da ditadura; os politiqueiros indignados

(1) Maximiliano (Fernando José), irmão mais novo do Imperador Francisco José, da Áustria, nascido em 1832, no Castelo de Schoenbrunn, feito por Napoleão III, Imperador do México, em 1864, foi fuzilado pelos revolucionários mexicanos em Queretaro (1867). Casara-se, em 1857, com a Princesa Carlota, filha de Leopoldo I, Rei dos Belgas, a qual, após a morte do marido, tendo perdido a razão, se recolheu ao Castelo de Miramar, às margens do Adriático, a seis quilômetros de Trieste. Faleceu em Laeken, sua cidade natal, no Castelo de Bouchout, em 1927.

contra a politiquice (*riso*); os refugos da monarquia (*interrupção; aplausos*)... os refugos da monarquia inconsoláveis por não desfrutarem fôro de príncipes na República (*aplausos*); os aliciadores da soldadesca irreconciliáveis com o militarismo (*apoiado*); os trânsfugas do Paço anojados pelo passamento da dinastia; os zângões promovidos a financeiros (*risadas*), os analfabetos a candidatos pensadores (*hilaridade*), os epiléticos graduados em estadistas (*aplausos*); os coveiros da realza elevados a salvadores da democracia (*riso*); os puxa-xistas dos programas teatrais da Coroa, mal contentes com a pobreza das asombrosas reformas da revolução; tôda comédia da hipocrisia contrarrevolucionária que não se sabe sob que nomes dissimule a sua deslealdade, a sua impotência e a sua lepra. (*Aplausos prolongados*)

O mal causado pela ação dessas influências é incalculável. Haja vista a questão financeira nas suas proporções atuais, resultado lamentável das explorações dessa deslealdade sistematizada, que principiou por adulterar a obra do governo provisório, para a acabrunhar depois com as responsabilidades de uma situação criada principalmente pelos que a desfrutaram. Eu supunha que um sistema só pudesse responder pelos efeitos da sua aplicação. Mas o regime financeiro que inauguramos, não tem respondido senão pelas conseqüências da sua deturpação, sistematicamente exercida pelos seus executores. Imaginai (não me vades cuidar pretensioso na comparação: ela tem apenas por fim dar-vos idéia material desta deslealdade), imaginai que, para verificar a exatidão dos cálculos de Colombo, possuído do sentimento da realidade da sua visão, no meio da incredulidade dos contemporâneos, lhe tirassem a sua nau, e dessem por capitães à expedição descobridora os adversários do grande genovês, os interessados em desmenti-lo, e desonrá-lo. Podia êle responder pelo malôgro da exploração? Fernando e Isabel de Castela não pensavam assim. Os críticos da República brasileira, no século XIX, não lucrariam pouco na arte de raciocinar e julgar, se pudessem aprender as regras usuais da equidade na escola dos déspotas espanhóis dos séculos XV e XVI. Por menos complexo que seja um mecanismo, se êle joga com forças capazes de produzir explosão, quando mal dirigidas, manda a boa-fé, no período das experiências, não confiá-lo a mãos empenhadas em desacreditar o inventor. Com o governo provisório o que se fez, é exatamente o oposto;

entregaram, à sorte das ondas, a máquina delicada, cometendo-lhe o governo à perversidade ou à incompetência de agentes encarregados *ad hoc* de envergonhar o fabricante, desorganizando-lhe a obra. Eis a moralidade dêste processo indecente, que eu desprezo, instaurado às nossas medidas financeiras pela magistratura da má-fé. (*Aplausos*)

Não obstante, essas influências não triunfarão. Não obstante, a República não perecerá. Porque a República está identificada à existência da nação pela impossibilidade de substituir-se. Porque, sob a República, a despeito de todos os elementos opostos, a vida pública vai adquirindo uma energia desconhecida entre nós durante o outro regime, e de que me limitarei a tomar como exemplo mais próximo a atividade municipal neste Estado. Porque, enfim, na República, a prosperidade geral se vai desenvolvendo em proporções agigantadas, ante as quais as do Império são as de um pigmeu. Basta olhardes o rendimento aduaneiro da importação que, com a República, em três anos, subiu de cerca de quarenta e cinco a mais de noventa mil contos, crescendo, assim, tanto no triênio republicano, quanto nos sessenta e cinco anos de duração imperial. No último quinzênio desta, a ascensão dêste ramo da receita corresponde a um termo médio anual de setecentos contos. Nos três anos iniciais da República, a média anual dêsse progresso se eleva, próximamente, a quinze mil contos de réis. Admitindo que o pêso do impôsto houvesse dobrado, essa adição apenas elevava o produto anual, nas arcas do tesouro, a mil e quatrocentos contos. A diferença que vai, pois, de mil e quatrocentos a quinze mil, isto é, treze mil e seiscentos contos anuais, isto é, vinte vêzes setecentos, representa o progresso republicano. A fórmula dêste progresso, portanto, está na proporção geométrica de um para vinte. (*Aplausos*)

Imaginaí agora a distância a que não teríamos chegado além, se a política, a má política, a política antipolítica, a política dos violentos e dos incapazes, não nos tivesse obstruído pertinazmente o caminho. Os fatos não estão mostrando por todos os modos que o país não necessita senão de ser escutado nas suas aspirações de paz e de trabalho, entendido nos seus interesses econômicos e sociais, auxiliado, em proveito dêstes, por leis que facilitem a administração, promovam a indústria, liberalizem o comércio, beneficiem as relações civis, animem e fortaleçam a iniciativa particular e o espírito de associação. Em

matéria de reformas políticas não se há mister senão das que se destinarem a limitar o poder e consolidar a liberdade, cujo organismo, na constituição republicana, é completo. (*Aplausos*)

Do meu papel na conquista destes resultados, o merecimento bem longe está de ser o que acaba de retratar, em côres tão vívidas, em dimensões tão avultadas, o amigo generoso, o orador potente, a quem o Partido Federalista cometeu a missão de saudar-me. Todo o meu merecimento é apenas o de um trabalho obstinado, o de uma convicção ardente, o de uma sinceridade absoluta. As benévolas amplificações que se sucedem no seu discurso, estão, ainda bem! explicadas pelo sentimento que o traiu no grato nome de irmão, com que acarinhou perante vós, e a que o meu coração corresponde afetuosamente. Irmãos somos, com efeito, não só na comunhão do espírito republicano, como na colaboração cordial pelo triunfo da revolução, que deu ao país as suas instituições atuais. Irmãos espero que sejamos sempre na amizade, nas opiniões, nas atitudes políticas, na defesa do país contra os maus governos, na manutenção da solidariedade bahiana contra os interessados em dissolvê-la. (*Aplausos*)

No período organizador, que a República atravessa, a Bahia não tem sòmente o papel, que naturalmente lhe devia atribuir o seu valor relativo entre os outros Estados, a sua importância tradicional. Seu procedimento, sob as novas instituições, constituiu-a em exemplo: exemplo na reorganização municipal, em cuja iniciativa, meus ilustres amigos, vos pertence parte heróica, fundamental, decisiva; exemplo no vigor da repulsa à invasão das deposições, que deixaram na mór parte dos outros Estados feridas quase incuráveis; exemplo na atividade de movimento eleitoral, que tem sobressaído aqui por uma energia crescente sempre; exemplo na gestação do Partido Federalista, a mais compacta, a mais extensa, a mais poderosa organização política que a Bahia já conheceu, vasta aglomeração dos elementos constitucionais, de quase todos os elementos políticos aproveitáveis, em tórno do princípio vitorioso na revolução e ameaçado hoje simultaneamente pelos dois inimigos da ordem republicana: o militarismo e o parlamentarismo. Ora, a honra dêsse exemplo está confiada particularmente à representação da Bahia, à sua representação no Congresso do Estado, à sua repre-

sentação nas Câmaras da União. Que a consciência dêsse mandato faça de nós um só corpo, animado pelo mesmo pensamento! (*Aplausos*)

A República precisa de ser conservadora, mas conservadora, a um tempo, contra o radicalismo e contra o despotismo, contra as utopias revolucionárias e contra as usurpações administrativas, contra a selvageria anárquica das facções e contra a educação inconstitucional dos governos. Para isso é indispensável a liga entre os fortes, entre os convencidos, entre os moderados, entre os independentes. A federação política há de assentar nessa federação moral. E para ela nenhum Estado pode concorrer mais do que a Bahia, com homens da capacidade, da vocação prática, da educação liberal, que recomendam o cgregio intérprete do Partido Federalista nesta manifestação deslumbrante. (*Aplausos*)

O programa do Partido Federalista foi nitidamente formulado no pacto da sua Constituição. Mas êsse programa já se transfundiu vigorosamente das suas palavras nos seus atos, e, hoje está completo no seu procedimento. Se o ominoso movimento de 24 de novembro tivesse preponderado, a Bahia, daí em diante, não seria mais que uma prêsa desprezível, alternativamente disputada entre os aventureiros de fora e os aventureiros de casa. A Bahia, a terra sagrada pelas coragens heróicas e pelos entusiasmos sublimes, viu-se ameaçada na sua existência constitucional pela impertinência de um soldado transviado da sua senda, que julgou poder estender para ela a mão de conquistador, com a sem-cerimônia de um estroina, confundindo, nas ruas, uma senhora com uma perdida. (*Aplausos*). Se essa familiaridade odiosa não fôsse castigada, fulminada, como foi, pela altivez da ofendida, facilitando o primeiro passo na perda da honra, a honra estaria perdida, e, com a honra, a tranquillidade, a prosperidade, a conservação mesma dos interesses elementares da vida. Das misérias dêsse abismo, misérias incalculáveis como as da prostituição, preservou-nos o culto do princípio federalista, representado nos patriotas, que compõem hoje êsse partido, cuja política tem sido a expressão leal do seu nome, e cujos chefes merecem a gratidão irredimível da Bahia. (*Aplausos*)

Êsse partido cresce, não cessa de crescer, assimilando as últimas sinceridades, ligadas a nós pelas afinidades íntimas do espírito, mas

transviadas ainda pelas confusões desta época obscura. Com a sua expansão, cresça a sua harmonia, estreite-se a sua disciplina, cimente-se a sua unidade! (*Aplausos*)

A êle devo eu esta manifestação, cuja magnificência nunca se desbotará da memória das suas testemunhas. Releito espontâneamente por êle, restituído por êle à cadeia, que eu renunciara, no Senado da República, vinha agradecer-lhe, e vejo duplicar pesadamente a minha dívida. Como amortizá-la? Não tenho outro meio, senão insistir na diretriz constante da minha vida política, que, graças a Deus, nunca se desviou do seu rumo primitivo; o amor da liberdade, servindo pela independência e pela desambição. (*Aplausos*)

O sonho da minha vida nunca foi dirigir, mas confiar e servir; confiar nos mais fortes, servir sob os mais capazes, mas servir com inteligência, numa religião que não me abastarde a crença, que me esclareça, me eleve, e me fortifique. Dos meus antigos chefes políticos não me aparte, senão quando, volvendo os olhos atrás, vi devorados vinte anos de minha vida por uma obediência condenada à esterilidade para com a pátria e inconciliável daí em diante com a minha razão. Fui liberal, enquanto enxerguei no Partido Liberal o instrumento da libertação do voto; mantive-me liberal, enquanto acreditei na fidelidade dos chefes liberais à redenção do escravo; deixei de ser liberal, quando vi no Partido Liberal o obstáculo interesseiro à emancipação das províncias. Quando uma legião embrulha a sua bandeira, a honra da submissão nos legionários degenera em vilipêndio. Eis o meu passado, adstrito sempre à disciplina sob tôdas as formas, menos à disciplina dos renegados. (*Aplausos*). Tôda essa devoção, hoje a consagro ao Partido Federalista, contente de servi-lo entre os seus mais obscuros cooperadores.

Radical sob a monarquia, sou entre os republicanos o mais convicto dos conservadores. Banir da República a inquietação e a instabilidade: tal, neste momento, a maior preocupação minha, a preocupação de todos os que se empenharem sèriamente em tornar a República frutificativa e progressista. A essa ambição tenho submetido os ardores do meu temperamento e as impaciências da minha fé. Suspeito às duas ditaduras, que têm agourentado o desenvolvimento constitucio-

nal do país desde 1891, alheio aos golpes de Estado da segunda, como aos da primeira, não concorri nunca, todavia, para agitações, que só podem servir de estimular o prurido da desordem, exacerbar a irritabilidade ao elemento dirigente, e ministrar-lhe pretexto a ousadias violentas. Defendi, e continuo a defender, perante a justiça reparadora, sem estrépido político, o direito, a liberdade, a propriedade das vítimas do crime de 10 de abril; porque, no dia em que não houver no país quem pugne por esse patrimônio, os nossos fôros de homens livres valerão menos do que a tanga dos escravos da Guiné, a Constituição estará reduzida, por conviência universal, a uma barretina da tirania militar. (*Aplausos*). Mas nunca estudei os atos dos governos republicanos com prevenções de inimigo, nem nunca perpetrei contra eles o erro da opposição sistemática.

Até hoje procedi escrupulosamente assim. Assim continuarei a proceder, tendo por lei a moderação e a firmeza, enquanto exigirdes os meus serviços. (*Aplausos*)

Ainda há pouco, escutando o Brasileiro, notável, da eminência de cujo talento vimos desdobrar-se em tão magníficos esplendores o manto da majestade deste auditório, o mais extraordinário e o mais ilustre a que já me coube a honra de falar, eu supunha entrever as emoções do espírito ateniense, nas lutas da grande eloquência, em que a palavra dos oradores descia olímpicamente como os raios da luz meridiana sobre a Ágora palpitante. A limpidez da arte clássica dava à atmosfera, onde irradiavam esses gênios, uma transparência singular, que refrangia em imagens maravilhosas a expressão helênica da beleza e da força. Mas as juntas intelectuais de Atenas eram combates municipais. A humanidade ainda não se revelara ao homem. A liberdade ainda não era um interesse universal. A consciência ainda não levantara esses cimos culminantes, de onde a palavra se faz sacerdócio nos lábios dos mais humildes, e comunica aos ambientes mais profanos a sonoridade dos templos. (*Bravos*). Estamos, se me não engano, em um desses momentos de santificação popular. Através da concentração que aqui reina, arfam modulações misteriosas de um órgão interior, por cujas teclas a harmonia dos pensamentos passa murmurante como o êxtase de uma contemplação religiosa, um ofício divino: ora,

vibrações, talvez, do hino soluçado pelos cativos vitoriosos, cujo martírio povoou longos anos de ecos desta tribuna; ora, o sussurro da vida expediente nos lábios lívidos das vítimas incautas, sacrificadas cruelmente, aqui perto nas ruas desta cidade, pelas ambições da desordem anti-republicana. (*Sensação*). Sente-se aqui a solenidade dos grandes cultos, a impressão das catedrais enoitecidas pelos séculos, elevação interior para o infinito. Façamos desta sessão, pois, um ato de aliança pela República, em presença daquele Deus que nossas famílias exoravam pelos escravos, o Deus que enlaça e não divide os homens. (*Longos aplausos*). Encerremos esta celebração com um voto fervoroso e uma deliberação irretratável pela consolidação pacífica da liberdade republicana. (*Aplausos*). E que essa deliberação e êsse voto se elevem de nós com o recolhimento e a eficácia de uma prece.

Mas, antes de nos deixarmos, vinde comigo depor estas homenagens, êstes troféus, êstes símbolos no altar que os deve receber.

Espírito supremo daquele que me ensinou a sentir o direito, e querer a liberdade; daquele cuja presença íntima respira em mim nas horas do dever e do perigo; daquele a quem pertence, nas minhas ações, o merecimento da coerência e da sinceridade; emanção da honra, da veracidade e da justiça, espírito severo de meu pai... (*sensação*); imagem da bondade e da pureza, que verteste em minha alma a felicidade do sofrer e do perdoar, que me educaeste no espetáculo divino do sacrifício coroado pelo sacrifício, carícia do céu na manhã dos meus dias, aceno do céu no horizonte da minha tarde, anjo da abnegação e da esperança, que me sorris no sorriso de meus filhos, espírito sideral da minha mãe... (*bravos*) se o bem desabotoa alguma vez à superfície agreste da minha vida, vós sois a mão do sementeiro, que o semeou... (*longa sensação*), vós, cuja energia me criou o coração e a consciência, cuja bênção derramou a fecundidade sobre as urzes de minha natureza. (*Bravos. Aplausos*). Quando, na minha existência, alguma coisa possa inspirar gratidão, ou simpatia, não me tomem senão como o fruto, em que se mitiga a sede, e que se esquece. Vós, autores benignos do meu ser, sois a árvore dadivosa, cujos benefícios sobrevivem no reconhecimento, que não murcha. (*Sensação*

prolongada). Estas flôres, magia de um jardim instantâneo, onda esparsa de uma alvorada balsâmica, estas flôres em que se desentranha, ao contacto da Bahia, o berço, que me afofastes com a vossa ternura, que me guardastes com as vossas vigílias, que me perfumastes com as vossas virtudes, estas flôres são vossas: recebei-as. Que elas envolvam no seu aroma a vossa memória (*bravos*), reabram, em cada geração de vossos netos, aos pés da vossa cruz (*bravos*), e deixem cair o refrigerio do seu orvalho sobre as paixões corrosivas, que ulceram a pátria, amofinando-lhe o presente, ameaçando-lhe o futuro. (*Aplausos repetidos, estrondosos e prolongados*).

SÍLVIO ROMERO

Sôbre o Barão do Rio Branco -- Discurso pronunciado na sessão de 8-12-1900, da Câmara dos Deputados.

Os grandes assuntos. Sr. Presidente, têm a faculdade de despertar as altas idéias e os nobres e elevados sentimentos.

E o assunto de que se trata, o fato que se discute, é certamente um dêesses.

Em números de avultados feitos que enchem a história brasileira no século XIX, lá bem longe no futuro, quando nossos netos lerem as páginas de nossos sofrimentos e de nossas esperanças, ao lado da Independência, da Revolução de 7 de abril, da abolição da escravidão, do advento da República, têm de destacar-se os dois rútilos fatos devidos a Silva Paranhos, as duas estrondosas vitórias diplomáticas que nos confirmaram na posse das Missões e da Guiana, integrando ainda mais, se é lícito assim falar, a nossa pátria, êste idolatrado e estremecido Brasil.

Praz-me falar em um momento dêstes, Sr. Presidente, perante a Câmara dos Deputados, após quase seis meses de ausência, que tive de passar por moléstia no Velho Mundo; praz-me falar em um momento tal; porque agora é um dêesses rápidos instantes em que se realiza a harmonia dos espíritos, o acôrdo das almas pelas profundas efusões que brotam de todos os corações brasileiros.

Êste momento, portanto, Sr. Presidente, deve ser aproveitado para aprendermos nêle a grande lição que nos está a ensinar.

Não se trata tanto de render um culto de agradecimento a um brasileiro ilustre, quanto de servirmo-nos dêle como exemplo, de servirmo-nos dêle como ensinamento, pelo seu critério, pela sua moderação, pelo seu doce e profundo amor a esta terra, e, sobretudo, pela sua significativa colaboração na República.

É inútil querer negar, ou antes e melhor, nem sequer se trata de querer negar, tal é o gáudio que nisto mostram certos fautores de ruínas; todos, ao contrário, têm grande empenho e revelam imenso alvoroço em ostentar a todos os olhos, em descarnar a tôdas as vistas as enormes dissensões que dividem e enfraquecem a República.

Raramente, em todos os tempos e até nas fases mais agitadas de vossa vida política, a linguagem da oposição, não só jornalística como parlamentar, mais ainda aquela do que essa, tem chegado a um tão agudo grau de aspereza no ataque dos homens e na crítica dos fatos.

Anch'io son pittore; eu também poderia, embocando a tiorba do pessimismo, ou empunhando a clava da devastação e da ruína, afeiando todos os fatos, denegrindo todos os homens, abatendo todos os caracteres, contribuir por minha parte para aumentar a densidade da confusão em que nos debatemos...

Não é disto que precisa a República. A República precisa mas é da censura que adverte, da crítica que ensina, mas sempre ao lado do conselho que encaminha e da colaboração que auxilia a tarefa comum.

É preciso que reflitamos, Senhores, no papel da oposição nos governos livres e democráticos, que é bem diferente do aspecto que ela deve e fatalmente tem de assumir nos regimes despóticos.

Nestes não se trata só de corrigir os erros e abusos que andam sempre aliados às coisas humanas; trata-se antes e acima de tudo de deitar abaixo o próprio sistema governamental, que oprime o povo e desnatura o Estado. Aí se compreende que se lance mão de tôdas as violências; é uma luta de vida e morte; impõe-se o fatal dilema do — *Ceci tuera cela...*

Não é assim, porém, entre indivíduos do mesmo credo, do mesmo sistema, da mesma doutrina política; pois em tal caso, o papel da oposição, para ser útil, para produzir benefícios à Nação, é apenas o de prevenir ou corrigir erros e jamais o de aluir o regime, deitar por terra a própria forma governamental.

É o que não querem compreender todos aquêles que atiram contra os governos da República tôda a casta de diatribes, sem se lembrarem que destarte aumentam e tendem sempre a aumentar cada vez mais o já crescido número de suas dificuldades, a mor parte das quais é exatamente oriunda dêsse nefando sistema de tudo entorpecer e dificultar, mui da índole dos nossos desorientados politicantes...

A vida de todo govêrno, como a de qualquer indivíduo, como a de qualquer classe ou agremiação, como a de tudo neste mundo, pode-se escrever por partidas dobradas: de um lado, está a coluna dos *erros*, mas, de outro lado, há de estar também a coluna dos *embaraços*... E nós, quando damos largas ao nosso natural e irredutível pessimismo, em se tratando da República, só reparamos na coluna dos *erros* que, porventura, ela tenha cometido; temos olhos para enxergar desta banda, mas não levamos em linha de conta os *embaraços* que todos os dias estamos a opor à sua marcha, *embaraços* êstes que são a causa eficiente da mor parte dos erros que somos tão sôfregos em maldizer e exagerar.

Esta fatal tendência, que entre nós avulta mais do que entre qualquer outro povo, prende-se a duas causas principais, uma geral e outra mais íntima, mais peculiar a nós, e vêm a ser: o espírito reacionário dêste final do século e a espécie de *noso-mania* de que somos afetados.

Quanto ao primeiro, anda êle exposto às vistas até as mais míopes ou mais cansadas. No final do século XVIII, a moda foi outra e foi a justamente contrária: declarou-se a bancarrota de tudo que tinha raízes no passado, tudo que vinha do lado das tradições, e, entre outras, a bancarrota da monarquia, a bancarrota da religião... A história de todo o século XIX aí está para mostrar quanto os sonhadores e os maldizentes se iludiam!

A Europa continuou cheia de monarquias, algumas cada vez mais firmes, e até novos impérios autoritários ali mesmo vieram à luz...

e, se houve tempo em que a religião se sentisse desafogada, é exatamente êste nosso, no qual, sem falar de muitos credos velhos que aí se ostentam vivaces e de outros novos que se criaram, basta recordar o caso da Igreja Católica, cheia de pujança sob o pontificado de Leão XIII.

O Sr. Germano Hasslocher — Infelizmente é verdade, para mal da humanidade. (*Protestos de alguns Srs. Deputados*)

O Sr. Sílvio Romero — Não discuto o valor intrínseco do catolicismo: lembro apenas a ilusão dos pretendidos profetas, o vaticínio dos sonhadores...

Hoje, a mania é outra: displicente, desiludido, amuado, o século chegou ao supremo desvario de proclamar a bancarrota de tudo que constituía os ideais de nossos pais: a bancarrota da revolução, a mãe dos modernos povos, na frase do poeta, pela bôca, não de algum anônimo, ou algum foliculário desprezível, senão pela bôca de centenaes de publicistas e filósofos, entre os quais avulta a alta figura respeitável de um Hipólito Taine; a bancarrota do liberalismo, em nome do qual estão marcados todos os grandes feitos da história moderna, desde a morte da servidão pessoal e da gleba, passando pela libertação das comunas, pelo Renascimento, pela Reforma, até a independência das repúblicas americanas e a difusão do regime representativo na Europa; bancarrota do liberalismo, que não é declaração de anônimos, e sim crença de uma elite de escritores e sociólogos, dentre os quais se avista a presença de um Anatole Leroy-Beaulieu; e para que não ficasse incompleta essa trilogia da insensatez, a bancarrota da ciência, o título maior de glória do homem sôbre a terra, pela bôca do festejado Brunetière...

E eis aí como, Sr. Presidente, fâcilmente se explica o inconsciente entusiasmo daqueles que entre nós, em todos os tons, maculam a forma definitiva de govêrno quando o seu dever era viver nela e para ela, colaborando em seu seio, advertindo-a, amparando-a, servindo-a.

É que a República é filha da revolução, do liberalismo e da ciência, as três vítimas dos reacionários de nossos dias...

Bem outro e mui diverso tem sido o proceder dêsse admirável Rio Branco, que é hoje o alvo de nossas congratulações.

Filho de conservador e monarquista, mas um dêsses que o sabia ser missionando a paz e a liberdade, bem diferente, bem distanciado de tantos outros que, aqui mesmo neste recinto, faziam ao império a guerra impiedosa que hoje alguns republicanos fazem à República, e aqui mesmo neste recinto injuriavam o Imperador, aos brados descompassados e irritantes de — *César caricato!!! Príncipe nefasto e conspirador!!...* ou chegavam até a chicanar a respeito da *legalidade do dote de suas filhas!...* (*Prolongados aplausos cobrem as palavras do orador...*), filho de conservador, titular da monarquia, deixa todos os seus ressentimentos e vem pôr a serviço da República os dotes inapreciáveis de seu espírito, exemplo igual ao que nos está dando êsse outro peregrino talento que se chama Joaquim Nabuco.

De exemplos tais é que o Brasil há mister. Êsses dois monarquistas de outros tempos bem comprecenderam que a pátria não pode ser a *anima vilis* de experiências de mudanças de formas de governos, e que para bem servir a República basta apenas um pouco de boa vontade, de bom-senso, de patriotismo.

O projeto que se discute tem assim, encerra destarte um considerável, um imenso ensinamento; e bastava só isto para que eu o apoiasse, apontando aos reacionários que amam mais formas abstratas do govêrno do que a felicidade da pátria, o modêlo que há a seguir em Rio Branco, indicando-lhes, para escarmento seu, que não é denegrindo e maldizendo que se servem povos, senão trabalhando de coração para êle, colaborando na sua faina limpa e desinteressadamente; e sugerindo ao povo quanto o ato da República mostra a medida em que ela está longe de ser ingrata para quem bem a sabe servir.

Mas, tinha eu dito que a campanha de descrédito movida contra a República prende-se a duas tendências: uma geral, — o espírito reacionário dêste final de século, — e outra, a espécie de *noso-mania* que sofre há muitos anos a nação brasileira. Assim é.

Não é só nos indivíduos que a *mania de doença* faz estragos consideráveis; também terríveis conseqüências tem ela na vida das nações.

Bem como certas pessoas, sem moléstia apreciável, por leve e simples desarranjo funcional do sistema nervoso, supõem-se irremediavelmente atacadas de tôdas as moléstias existentes e por existir; assim certos povos, por impaciência, por leviandade, por prestarem ouvidos ao pessimismo maligno de uns ou à maledicência muitas vêzes interesseira de outros, julgam-se feridos de morte, e desalentam, desanimam e entram a definhar.

É o caso do Brasil, por causa das aves agoureiras que nos malsanam; porém não é o caso do Chile, não é o caso da Argentina, onde por maiores que sejam as dificuldades, por mais avultados que sejam os embaraços, existem, em maioria, as almas enérgicas que estimulam, na alma popular, o entusiasmo e a inabalável crença no porvir brilhante das duas repúblicas...

Ainda por êste lado, o feito de Rio Branco e o projeto que se discute são de uma lição inapreciável. Veja bem o país, note bem a nação, que não pode estar sèriamente enfêrmo quem obtém vitórias estrondosas como essas das missões e da Gûiana.

Thackeray, no *Livro dos Snobs*, nos diz ser o *Almanaque do Pariato o criado agalado da história...* Mas há, pode-se afirmar parodiando, um *pariato da inteligência e do coração*, onde se recrutam essas naturezas peregrinas, êsses abençoados do futuro, êsses consagrados da glória, que são, uns a guarda de honra e outros os verdadeiros príncipes reinantes da história...

Neste número, acha-se o Sr. de Rio Branco; e assim, como na linguagem poética de Carlyle nos livros dos *Heróis*, as ilhas desertas no Grande Oceano, restos de um continente que afundou, são verdadeiras atalaias que servem para mostrar que em outro tempo houve ali a vida com todos os seus encantos, com todos os seus anelos, com tôdas as suas efusões; os nobres feitos, como êsse que comemoramos, esparsos no mar do futuro distante, servirão para provar que neste país, nesta hora do século que finda, sentia-se a vontade latente de um grande povo, que, a despeito de tudo, malgrado as pragas de uns e os clamores de outros, queria viver e andar para diante... Tenho dito.

B I O G R A F I A S

RUI BARBOSA

Estadista e jurisconsulto, nasceu na Bahia em 1849.

Um dos fundadores da República no Brasil, da qual foi o primeiro ministro da Fazenda. Dotado de vasta e variada erudição e de grande eloquência, primoroso estilista, jurisconsulto abalizado e profundo, Rui Barbosa foi embaixador do Brasil na Conferência de Haia (1907), onde representou brilhantíssimo papel.

Entre outras obras de grande valor escreveu "O Papa e o Concílio", "Habeas-Corpus", "Cartas de Inglaterra", etc.

Foi Senador Federal e Presidente da Academia Brasileira. Morreu em 1923.

ALOYSIO DE CASTRO

Médico, professor e escritor, nascido no Rio de Janeiro em 1881; realizou brilhante carreira na medicina e na literatura; professor de medicina no Rio de Janeiro; membro honorário de diversas instituições médicas internacionais. Membro da Academia Brasileira de Letras, de que já foi Presidente; suas obras são em grande maioria discursos acadêmicos. É também compositor nacional.

HENRIQUE MAXIMIANO COELHO NETO

Notável homem de letras, nasceu em Caxias, Maranhão, em 20 de fevereiro de 1864. Estudou preparatórios no Colégio D. Pedro II, frequentando mais tarde a Escola de Medicina e a Faculdade de Direito de S. Paulo. Consagrou-se muito cedo à literatura, destacando-se desde logo pelo talento e pela originalidade das suas produções. Exerceu ainda por algum tempo cargos públicos, tendo sido secretário do Governo do Estado do Rio de Janeiro, até que a certa altura passou a viver exclusivamente para a sua arte. Além de escritor ilustre ("O Inverno em Flor", "O Rei Fantasma", "Sertão", "Fogo-Fátuo", etc.), foi poeta, dramaturgo, orador eloquente e de puro verbo, jornalista notável e admirável cronista.

JOÃO NEVES DA FONTOURA

Advogado e jornalista gaúcho, nascido em 1887.

Deputado Federal do seu Estado, liderou na Câmara o movimento da Aliança Liberal; membro da delegação brasileira à Conferência Pan-Americana de Ministros Exteriores em Havana (1940); embaixador do Brasil em Cuba, Panamá e Portugal; chefe da delegação brasileira à Conferência de Paz (Paris, 1946); membro da Academia Brasileira de Letras.

BENJAMIN FRANKLIN RAMIZ GALVÃO

(1846-1938 — Rio Grande do Sul)

Dotado de assombrosa capacidade de trabalho e tendo gozado extraordinária longevidade, tornou-se um dos homens mais ilustres do II Império e da República.

Profundo filólogo e brilhante literato, ocupou cargos de relêvo, em que produziu obras de valor; foi orador perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, diretor da Academia de Altos Estudos; presidente da Comissão dos Festejos do IV Centenário do Descobrimento do Brasil; diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, catedrático da Faculdade de Medicina; preceptor dos filhos da Princesa Isabel; inspetor geral da Instrução do Governo Provisório e na República.

MONSENHOR MANFREDO LEITE (1876)

Religioso de grande formação intelectual, revelou-se desde cedo orador de sensibilidade e escritor de estilo.

Possui várias obras publicadas, principalmente discursos. É membro da Academia Paulista de Letras.

BRÁSILIO MACHADO

Brásílio Augusto Machado de Oliveira, Barão de Brásílio Machado, nasceu em S. Paulo, a 4 de setembro de 1848, nela falecendo a 5 de março de 1919.

Formou-se pela Faculdade de Direito em 1875. Foi promotor público em Piracicaba e Casa Branca. Em 1883 foi nomeado lente de retórica e filosofia do curso anexo à Faculdade de Direito. Conquistou brilhantemente cargo de catedrático dessa Faculdade.

Foi advogado de excepcionais qualidades. Orador de grande brilho, de notáveis recursos de cultura e dialética; voz dulcíssima, logo absorvia e empolgava a assistência.

Marcou a época em que viveu.

OCTÁVIO MANGABEIRA

Político, orador eloquente e jornalista vibrante, nasceu na Bahia. Ministro das Relações Exteriores, abandonou o poder após a Revolução de outubro de 1930. Foi quem, como ministro, determinou o uso do português nas relações diplomáticas. Últimamente, exerceu o cargo de governador de seu Estado natal.

TOBIAS BARRETO DE MENEZES

Nasceu a 7 de junho de 1839, em Sergipe. Formou-se pela Faculdade do Recife, onde pontificou pelo seu grande saber e pela sua vasta cultura. Talento verdadeiro, revolucionou as altas esferas intelectuais do País, agitando questões profundas de direito e filosofia. Foi poeta, crítico literário, compositor musical e orador popular. Morreu em 1889.

FREI FRANCISCO DO MONTE ALVERNE

Eloquente orador sacro, nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1784 e morreu em 1858. Chamava-se antes de professor, Francisco José de Carvalho, e tomou o hábito no convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, em 1801.

Como orador era perfeito artista dramático. Seus discursos atraíam sempre numerosa concorrência. Em 1836 cegou, abandonando o púlpito, e vivendo recolhido na sua cela. O imperador, em 1854, convidou-o a pregar o Panegírico de S. Pedro de Alcântara na capela imperial, que é considerada pelos modernos críticos como a mais vibrante peça em língua portuguesa.

Seus magníficos sermões e discursos estão reunidos em 4 volumes (2 tomos). Em 1859 foi publicado também um "Compêndio de Filosofia".

ARMANDO DE SALLES OLIVEIRA

Nascido em São Paulo a 24 de dezembro de 1887, filho de tradicional família paulista.

Formado pela Escola Politécnica; governou o Estado de São Paulo até o advento do Estado Novo, que o exilou.

Grande democrata, deixou em seus escritos as diretrizes políticas de seu pensamento.

Fundador da Universidade de São Paulo; introdutor da organização racional do trabalho na administração pública.

Faleceu em 17 de maio de 1945.

JOSÉ DE ALCÂNTARA MACHADO DE OLIVEIRA

Nasceu em 1875, na cidade de Piracicaba, filho do glorioso Brasília Machado, e neto do general do Império, Machado d'Oliveira. Herdou de seu pai a vocação para o direito, o gosto pelas letras, e o talento de orador.

Foi o primeiro advogado professor de medicina legal na Faculdade de Direito. Além de juriconsulto, interessou-se também por problemas políticos e históricos: "Vida e morte do bandeirante" é sua grande obra, que lhe valeu a cadeira na Academia Brasileira de Letras. Faleceu em 1941.

NILO PEÇANHA

Político. Nasceu em Campos, no Estado do Rio, em 1867. Presidente desse Estado em 1903, salientou-se pela sua firmeza e inteligência de administrador. Eleito vice-presidente da República em 1905, assumiu em 1909, por morte do Presidente Afonso Pena, a primeira magistratura da Nação, onde se conservou até 1910. Morreu em 1922.

EPITÁCIO DA SILVA PESSOA

Bacharel em direito, professor da Faculdade de Direito do Recife e político. Nasceu na Paraíba em 1865. Ministro da Justiça e Negócios Interiores em 1898 e 1901; Senador por seu Estado em 1912, candidato à República em 1918; eleito, tomou posse em 1919, cargo que exerceu até 1922, em que lhe sucedeu o Dr. Arthur Bernardes. Foi durante a presidência de Epitácio Pessoa que se realizou a Exposição Internacional (1922), que obteve grande êxito.

ALFREDO GUSTAVO PUJOL (1865-1930)

Advogado brilhante, jurista e parlamentar da primeira República, em São Paulo.

Por suas qualidades literárias tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras.

MANUEL FERRAZ DE CAMPOS SALLES

Estadista, quarto Presidente da República. Nasceu em Campinas, em 1841. Já durante o regime monárquico manifestara desassombradamente as suas convicções republicanas. Jornalista e orador eloqüente, não tardou, depois do advento da República, em adquirir uma situação política preponderante. Foi Ministro da Justiça, Presidente do Estado de São Paulo, e, finalmente, sucedeu a Prudente de Moraes na Presidência da República.

O seu governo (1898-1902) assinalou-se pela operação financeira, chamada "funding-loan" e por uma administração econômica e severa, que restaurou as finanças públicas.

Morreu em 1913.

D. ROMUALDO ANTÔNIO DE SEIXAS

Marquês de Santa Cruz

Arcebispo da Bahia, nasceu em Cametá, em 1879, e morreu em 1860. Enviado para Portugal, concluiu os seus estudos na Congregação de S. Felipe Nery.

Publicou um volume de sermões, e inseriu no "Jornal de Coimbra" o diário de sua viagem do Rio de Janeiro ao Pará, e na "Revista Trimestral do Instituto Histórico" uma Memória relativa à naturalidade do padre Antônio Vieira.

Este livro foi composto e impresso para
a Livraria e Editôra LOGOS Ltda., na
Gráfica e Editôra MINOX Ltda., à Rua
Mazzini n.º 167, em junho de 1960 —